

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO do n.º 50 — Fevereiro, 1920

O Momento	REDACÇÃO	93
A Arte Religiosa no Brasil	M. MORAES DE ANDRADE	95
Tio Euzebio	ALBERTINO MOREIRA	104
Dr. Ricardo G. Dauntrre	C. MAGALHÃES AZEREDO	111
Paiz de Ouro e Esmeralda	J. ANTONIO NOGUEIRA	116
Coisas de Espanha	MARTIM FRANCISCO	121
Os taboleiros alagoanos	OCTAVIO BRANDÃO	132
Na bacia do Prata	ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO	137
Versos	THALES DE MELLO	144
O segredo de Mauer	E. ROQUETTE PINTO	147
Academia de Letras	ARTHUR MOTTA	152
Bibliographia	REDACÇÃO	165
RESENHA DO MEZ: Victor Brecheret (<i>Redacção</i>) —		
O apparelhamento industrial do Brasil (<i>Plinio Cavalcanti</i>) — A descoberta da America — Curiosidades do pé esquerdo — O problema do Brasil (<i>J. Maria Bello</i>) — A nossa dança (<i>Plácido Barbosa</i>) — A questão social (<i>T. de A.</i>) — Geadá fibrosa (<i>Alvaro da Silveira</i>) — A' fidalguia nacional (<i>João do Norte</i>) 169		
Caricaturas do mez e ilustrações.		

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Coritiba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manáos.

Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal

Parahyba: **Alcides Bezerra**, Parahyba.

ASSIGNATURAS

Anno 15\$000

Numero avulso 1\$500

Assignatura sob registro no correio: mais 2\$400 por anno.

As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam sempre em junho ou dezembro.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 — SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603. Central

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1 1/2 WATT

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcçao de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mfg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO
LARGO DA MISERICORDIA, 4

ETABLISSEMENTS

**■ Société
Anonyme**
au Capital de 4.500.000 fracs. —

Block

**FAZENDAS
E TECIDOS**

RIO DE JANEIRO

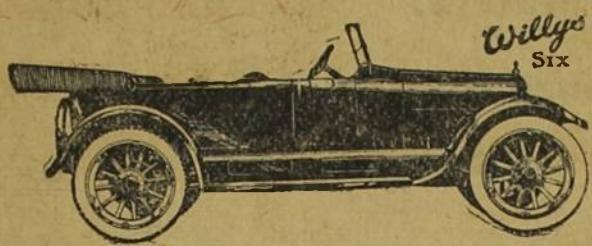
116, Rua da Alfandega

S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14

— PARIS - 26, Cité de Trévise —

Officinas e Garage Modelo

A. DIAS CARNEIRO



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encommenda com
rapidez**

TELEPHONES CENTRAL
ESCRITORIO N. 3479
GARAGE N. 411
CAIXA POSTAL N. 534
ENDERECO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38 São Paulo
AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20
CANTO LIBERO BADARO'

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz:

4, Moorgate Street-LONDRES.

Filial em S. Paulo: RUA S. BENTO, 44.

Capital Subscripto £ 2.000.000

Capital Realisado £ 1.000.000

Fundo de Reserva £ 1.000.000

**SUCCURSAES : - Manchester,
Bahia, Rio de Janeiro, Porto
Alegre, Montevidéu, Rosario
de Santa Fé e Buenos Aires.**

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se de compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicais, emissão de cartas de credito, negociação de cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

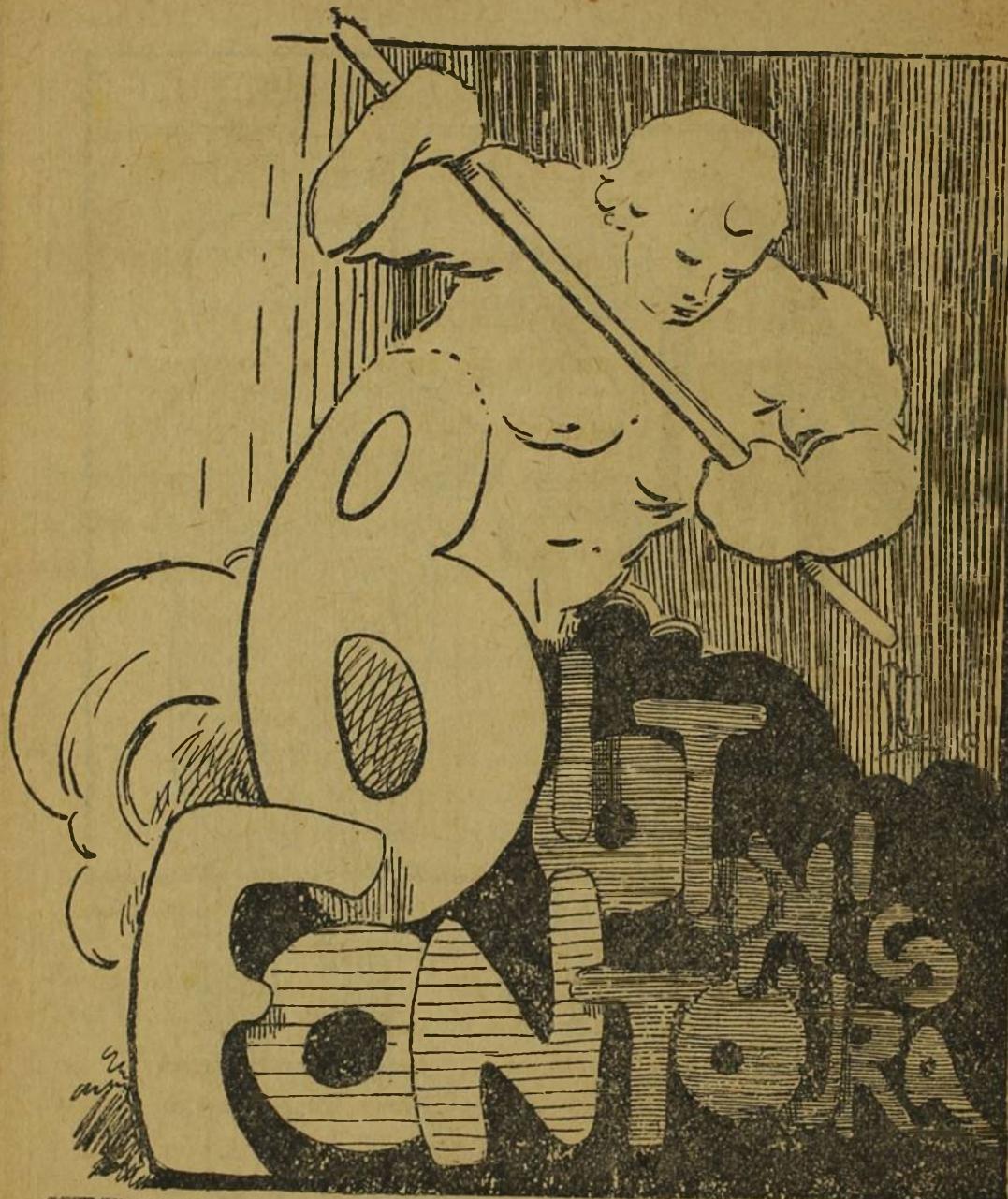
RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.



1º VELHO — Parece que hoje é o ultimo dia da minha vida. "Usei tudo" e nada me curou.

2º VELHO — "Usei tudo" — Não. Eu sou muito mais velho do que tú, fui tuberculoso, curei-me e devo toda esta saude e vigor ao Vinho Iodo Phosphatado de Werneck, o grande especifico contra anemia, lymphatismo, escrophulose e depauperamento geral.

**COMO VENUS SAHIU DAS ONDAS,
O VIGOR SAHE DO "BIOTONICO"**



Eminentes medicos affirmam que o BIOTONICO é o mais completo fortificante. Exerce acção benefica sobre todos os orgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saude.

O BIOTONICO cura todas as fórmas de anemia. Cura a fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistencia. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infunde novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose.

WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depositos de carvão
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres.	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	Dynamite
Ghotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia	Ferro em barra e em chapas

UNICOS DEPOSITARIOS DE

SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZU-
LALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

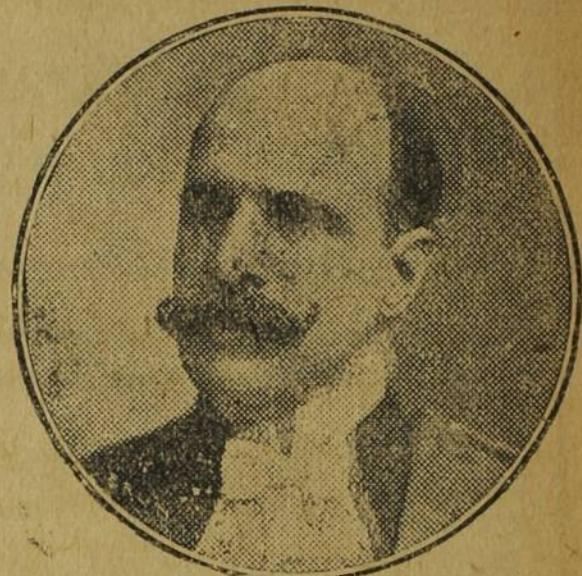
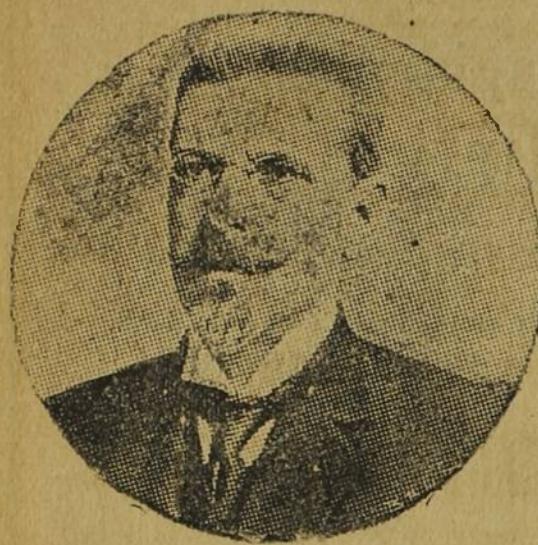
IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.

O Vinho Reconstituinte

Recommended e preferido por
eminentes clinicos brasileiros.

Silva Araujo

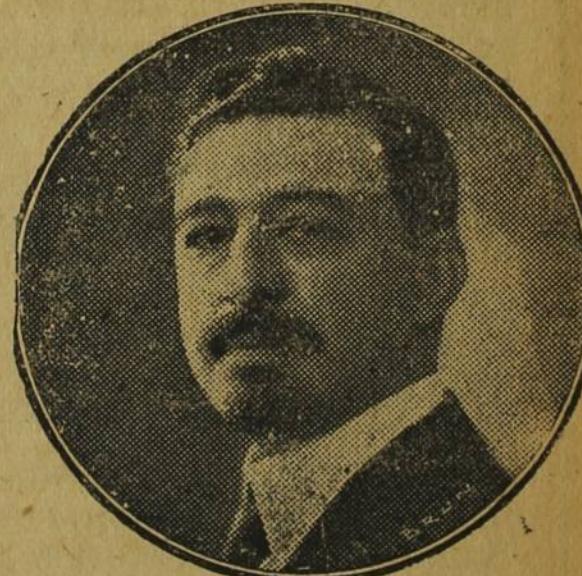
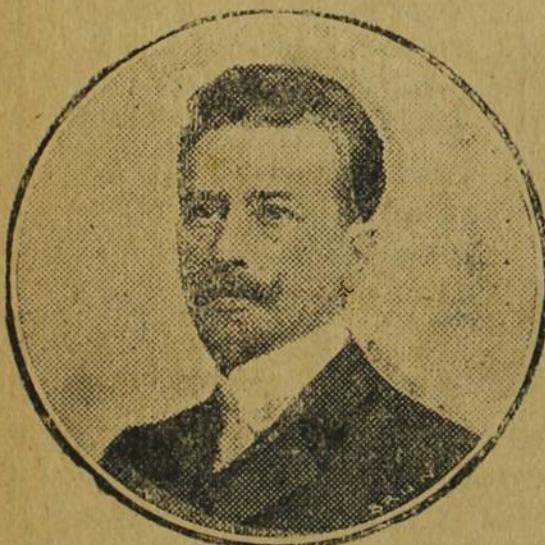


“de preparados analogos, nem um a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou extrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticulooso cuidado de seu preparo ao par do sabor agradavel ao paladar de todos os doentes convalescentes”.

Prof. ROCHA FARIA.

“excellente preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados”.

Prof. MIGUEL COUTO.



“é um preparado que merece a minha inteira confiança”.

Prof. MIGUEL PEREIRA.

“excellente tonico nervino e hematogénico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa.

Prof. A. AUSTREGESILO.

TUBERCULOSE

INAPPETENCIA

ANEMIA

SCROPHULOSE.

RACHITISMO

MACHINAS E ACCESSORIOS

Fabricação e Importação

FABRICAMOS MACHINAS

PARA A LAVOURA E AS INDUSTRIAS, COMO SEJAM :

Machina “Amaral” de beneficiar café, o maior successo da industria mechanica nacional; machinas completas para o beneficio de arroz e de algodão; idem para a fabricação de farinha de mandioca; idem para a fabricação de oleos de mamona; machinas completas para serrarias; ditas para cylindrar sola.

Importamos todas as classes de machinas. Temos sempre em deposito todos os artigos consumidos na lavoura. Os nossos oleos lubrificantes e as nossas corrêas para machinas são os mais praticos e efficientes, Quando o sr. lavrador ou sr. industrial precisarem de alguma cousa, peçam-nos preços e informações, sem compromisso.

Martins Barros & Co. Limitada

CAIXA POSTAL, 6

END. TELEGRAPHICO: “PROGREDIOR”

Rua Lopes de Oliveira N.º 2 a 10

Rua Boa Vista, 46

SÃO PAULO

PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

Casa franceza de

L. GRUMBACH & CIA.

Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL

O MOMENTO

O governo federal convidou o Conselheiro Ruy Barbosa para representar o Brasil no Conselho dos Aliados. Na hypothese de uma recusa a que outro nome poderia o governo recorrer?

— ?...

A pobreza de homens da Republica é nestas occasiões que se patenteia. Fóra Ruy, e Calogeras, a quem falta o predominio da cultura juridica, a Republica não vê, porque não tem, em redor da sua estrella encabada, nenhum vulto capaz de dar ao paiz, num concerto mundial de estadistas, representação que não péque pelo pifio.

Já em occasiões identicas teve a Republica, para fugir ao ridículo, de recorrer a figuras remanescentes do Imperio, como Rio Branco e Joaquim Nabuco. E está no dominio publico o fulgor que elles souberam dar á missão, revelando a superioridade da escola monarchica na formatura de homens publicos sobre a escola republicana.

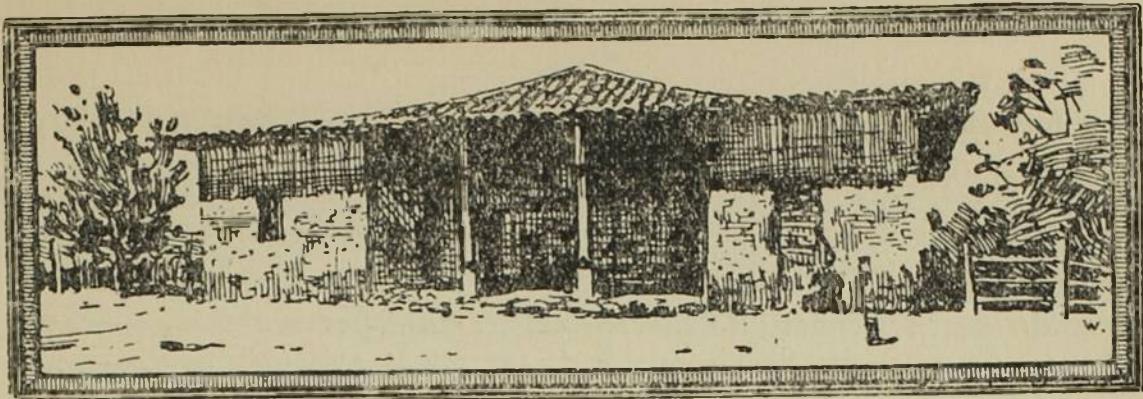
Hoje, posto de lado o expediente de recurso aos monarchicos — que a morte já os levou a quasi todos — condena-se a Republica ou a brilhar pela ausencia ou, o que é peior, a cahir no ridículo. Porque positivamente cahirá no ridículo se mandar representar-nos no Conselho das Nações qualquer dos eminentissimos paredros do nosso alto republicanismo, o Azeredo, o Hermes, o Seabra, o Camisa Preta...

Chegamos, assim, em trinta annos de escola republicana, a esta mirifica situação: temos um homem só digno e capaz de representar o Brasil numa assembléa mundial — Ruy Barbosa, e esse mesmo, conselheiro do velho regimen! O viveiro republicano, em seis lustros de chôco, de adubagens fartas e regas copiosas, não deu de si coisa seria. Plantas que prenunciavam jequitibás eram apenas carurús...

O paiz possúe, entretanto, um homem capaz de represental-o com dignidade e brilho na mais conspicua reunião de povos. E' um a quem não faltam serviços de espada nem de pena, que tem nome e honestidade. intelligencia e descortino diplomatico. E' um de quem se pôde repetir a phrase de Macaulay relativa á eloquencia de Mirabeau: o difficil é achar o que lhe falta.

Esse "um" é D. Luiz de Bragança e Orléans.

Pelo crime de ser néto de D. Pedro II, o imperador magnanimo a quem devemos cincoenta annos de dignidade na nossa vida como povo, foi banido. Mas cumpriu a pena. Não ha no Codigo Penal brasileiro pena superior a trinta annos. O parricidio prescreve em trinta annos. Ora, de 1889 a 1920 decorrem mais de trinta annos. O grande crime de ser neto de D. Pedro II está prescrito. D. Luiz, cidadão brasileiro, está livre de prestar á sua patria o serviço de que ella ha mistér, e o governo — se tem empenho em não aumentar de mais um a serie dos nossos fiascos internacionaes — está no dever de, caso Ruy a recuse, dar ao mais digno a altissima representação.



A ARTE RELIGIOSA NO BRASIL

POR

M. DE MORAES ANDRADE

(Conclusão)

ARTE CHRISTÃ

Quasi que retornamos aos primeiros tempos do christianismo. Nelles poder-se-á dizer que a Egreja foi francamente hostil a todas as obras de arte, pelo menos no tocante á pintura e escultura das imagens. Até os principios do quarto seculo não ha quasi traço artistico nenhum. S. Clemente de Alexandria, Tertuliano, Origenes mostraram-se contrarios á reproduçāo das formas humanas na escultura e na pintura. Repugnava, sem duvida, ao christianismo optar pelos mesmos processos que os pagāos tinham elevado ao apogeu, com as estatuas criselephantinas de Fidias...

Assim quasi que apenas nos sarcophagos, — e na grande maioria destes por symbolos — e nas pinturas das grandes catacumbas romana desde o anno 100 se divisarão os primeiros passos da arte que levantaria mais tarde os saxeos evangelhos de Reims e de Colonia. A arte apologetica desenvolveu-se do quarto seculo. até os primordios do estylo Bisantino que vae do anno de 500 até a aurora de 1400. De mãos dadas com este, no Occidente da Europa, caminham o romanico e depois o gothico, até a Renascença e a época da contra-reforma, onde surge o estylo jesuitico, tão insultado, com a accumulação das linhas curvas, dos arrebiques decorativos, mas incontestavelmente bello nas suas lidimas manifestações.

Depois vem a decadencia: A arte religiosa vai-se exaurindo a pouco e pouco, para chegar aos tempos modernos, inerme, cadaver, — a ponto de Mâle exclamar, com visos de verdade: "ha ainda artistas christãos, não existe mais arte christã!" Si pelo estudo da iconographia se poderão caracterisar o espirito, os sentimentos, a consciencia religiosa das épocas diversas; hoje, que se levantam: em Paris a egreja bisantino-romanica! de Montmartre, o gothico

de innumeros templos yankees, e mais particularmente entre nós o rococó-romanico-bisantino, quiçá sessecionista, da egreja de Bello Horizonte, o gothico da N.^a S.^a da Conceição de Botafogo, e da egreja da Copacabana, no Rio, o gothico flammejante da nossa cathedral, o romanico da Consolação e de Santa Ephigenia, o normando de S. Bento, que divisar senão uma parva desorientação e um tresloucamento lamentavel?... Ha ainda artistas christãos, não ha mais arte christã, com normas exactas, com directriz firme e determinada.

Geralmente a nascença dos estylos se origina ou das necessidades caracteristicas de cada povo, pelos materiaes mais accessiveis, pela natureza do solo ou do clima, ou então por um desses fortes movimentos espirituaes que modificam a situação do homem em face da causa publica, dando-lhe novas necessidades e deveres... Esperava-se que finda a guerra de 1914, em que os povos premidos pela propria grandeza da conflagração achegaram-se mais para Deus, nascesse um movimento accentuadamente religioso... A voz do papa fôra sempre ouvida com acatamento e sympathia, Mercier assumira proporções propheticas, os exercitos italianos eram abençoados pelos cardeaes; Joffre, Castelnau, Foch eram catholicos praticos sobre quem repousava a esperança dos povos transidos; mas eis que a borrasca termina: e até agora nenhum movimento religioso se accentuou de maior valia. Os chefes aliados em vez de agradecerem a Deus o afastamento do perigo, cream um perigo maior, continuando uma tragedia esquiliana com um armisticio melo-dramatico, genero *grand-guignol*. Quizeram talvez apagar as consequencias do assassinio dum homem, em Seravejo, com a crucificação dum povo, em Versalhes... Talvez duma paz mais christã, duma gratidão mais humana para com a Divindade surgisse outra renascença do espirito e, por consequencia, das artes christãs... Tal não se deu. Continuaremos a patinhar no lamaçal das mesmas inconstancias, afundando-nos cada vez mais nas mesmas perplexidades. A arte christã, no Brasil, repousa em paz no momento do passado. E' um fossil, necessitado ainda de classificação, de que pouca gente ouviu falar e ninguem se incomoda. No entanto ella existe — ou melhor, existiu. A mim tomei a tarefa, e apenas essa, de mostrar-vos que se a nossa arte christão não tem uma importancia decisiva nem marca a eclosão dum estylo, ao menos existiu vivida, com alguns traços originaes, e é um thesouro abandonado onde os nossos artistas poderiam ir colher motivos de inspiração. Bastaria para tanto darem-se ao trabalho de separar a ganga onde se recataram as pepitas... Bem podereis imaginar a dificuldade da minha empreitada, lançando-me num terreno em que tudo está por fazer. Apenas se constatarão alguns trabalhos a esse respeito, sem valor definitivo e que respigam, aqui e alem,

algum exemplo da arte religiosa nacional no passado... A incerteza em que me vi, ressumbra das minhas palavras: della tirarei, simultaneo, a escusa da minha deficiencia e a humilhação do meu ousio.

AS PRIMEIRAS CAPELLAS

Si me puzesse a discretear sobre a arte christã no Brasil, depois do venturoso 1500, não só quasi nada teria que dizer, como vême-ia obrigado a navegar num perfido mar de conjecturas. As primeiras manifestações artisticas, verdadeiramente nossas, apparecem passado bem mais de seculo do descobrimento.

As capellas que se destinavam ao culto semelhavam habitações de particulares, sem caracterisação quasi nenhuma. Encimava-as uma cruz: era a designação da piedade e do consolo; algumas vezes num andaime, ao lado, ou num frontão liso, cantava um sino: era o appello ás almas esquecidas de Deus no continuado alarme em que viviam pela bruteza dos aborigenes e pelas investidas da natureza hostil. Taes capellas podiam ser graciosas, eram meigas, eram puras, não continham porém a preoccupação do Bello architectonico.

Não basta haver construcção para que haja architectura. Nem todos os constructores são architectos. O mestre de obras, o empreiteiro é a vermina feraz, polluindo e corrompendo a arte que Lucilio de Tarra irmanava á musica, e que é uma symphonia corporificada — a architectura!

Quanto aos santeiros e pintores anonymos — antes dos reaes progressos da escultura bahiana, que Manuel Querino data com razão nos principios do seculo XVIII — produziram o que até hoje ainda engendram, com alguma excepção, e de que Euclides dá uma formidavel representação, quando diz de Canudos: "santos mal acabados, imagens de linhas duras... em traços incisivos de manipansos: Santos Antonios proteiformes, africanizados, de aspecto bronco de fetiches, Marias Santissimas feias como megeras".

A egreja primitiva, branquissima, emoldurada na verdura sombria das collinas, tem apenas uma belleza romantica e enterneceda.

Ella apparece por todo o Brasil onde haja uma sociedade de humanos em meia-civilização. Realçam-na geralmente aquellas lindas lendas suavissimas que Arinos sabia tão bem contar... S. Paulo as tem piedosas e recolhidas; muitas já, neste enlevo ficticio de progresso, de que tanto nos arrependeremos mais tarde, não são mais que ruinaria.

Já em 1714, diz Frei Agostinho de Santa Maria, existiam, em S. Paulo, 42 capellas ou egrejas, unicamente sob a invocação da mãe de Deus!

O INFLUXO PORTUGUEZ — O BARROCO

Todas essas egrejas, assim como os templos de maior porte, edificados mais tarde, obedecem a uma certa ordem de typos architectonicos que, tendo-se vulgarisado por todo o Brasil, tomaram uma feição fortemente accentuada, donde muito bem se poderia originar um estylo nacional. O jesuitico, o plateresco, o rococó — que mais não são que um só estylo com minimas variantes, provenientes dos paizes onde assim se denominou o estylo barroco, — ahi domina, porém mais simples, mais pobre, menos pedantesco.

Os Felipes tinham trazido para Portugal, onde o manuelino imperava com a casa de Viseu, o cathecismo architectonico da Renascença, em 1580. Tinham apparecido antes varias manifestações esporadicadas do estylo miguel-angesco — como a egreja de N.^a S.^a da Graça de Evora nas proximidades de 1525.

Mas o manuelino abafara as fanfarras do novo estylo, muito embora fossem ellas regidas por um artista como o Sansovino.

Com a ascenção de Felippe II de Hespanha, partidario do Renascimento, ao throno de Portugal, recebeu o manuelino o golpe de misericordia, já enfraquecido que estava pelos excessos do seu sonho de transplantar para a fachada das cathedraes o meticulooso lavor dos ostensorios. O riquissimo claustro de Tomar, conhecido com o nome de claustro dos Felipes, considera-o Dieulafoy como o primeiro monumento portuguez que comporta as ordens de columnas sobrepostas.

A sé nova de Coimbra, do ultimo quartel do seculo da descoberta traz o tecto de caixotões — disposição italiana que tanto se generalisaria na colonia nascente. Mas já com a fachada da egreja dos Carmelitas, do Porto, 1628, uma nova modificação se apresenta. “As ordens classicas, os frisos em triglypho reinam ainda; mas os frontões se quebram, as linhas curvam-se, uma phantasia toda manuelina de novo se introduz na composição”... Esse era o gosto que melhormente se propagaria entre nós. Pudesse eu mostrar-vos agora uma reprodução dessa egreja, bem como da do Carmo que lhe está contigua e reconhecerieis as feições, e principalmente os elementos decorativos das nossas egrejas brasileiras — digo das egrejas brasileiras, não das estranhas e exóticas transplantadas para o nosso meio, flôres enfermiças de estufa, sem outro odor que o da exquisitice, perturbando a alma catholica nacional.

Como já declarámos os typos portuguezes trazidos para a nossa terra, ainda pobre e sem facilidades de operarios e material, simplificaram-se. Os primeiros padrões são de interesse artistico. Seguimos como verdadeira a classificação dada pelo sr. Ricardo Severo, na sua notavel conferencia sobre a “Arte tradicional no Brasil”.

As capellas de Monserrate, da Fortaleza da Barra, a egreja da Conceição de Itanhaem, a egreja do Collegio, a egreja de Santo Antonio em Santos, a nossa antiga matriz... As outras capitarias tambem possuem exemplares dessa architectura. Citamos unicamente S. Paulo, porque só tornaremos a falar nelle quando aflorarmos o problema moderno da architectura religiosa. Ao passo que os outros centros da nossa civilisação attingiam rapidamente um prestigioso esplendor, S. Paulo conservava-se mal vestido, pouco progredia em fausto, mas fazia o Brasil integrar-se, dando largos sertões á faixa littoranea, preparando o seu fastigio para um futuro mais remoto e quem sabe? mais duradouro.

Dessas edificações primitivas um bem nos adveio: deram-nos um fanal, fixaram um estylo, propalaram-lhe a regra; foram simultaneamente exemplo e tradição, incentivo e saudade.

Desenvolvida em rápida escala, a architectura religiosa ilhou-se em tres centros principaes: Bahia (a que tambem se ajuntará Pernambuco), Rio de Janeiro e Minas. Embora desrespeitando algum tanto a ordem chronologica das construcções, falaremos de cada um desses centros em separado. Todos elles nos apresentam typos notabilissimos.

Na Bahia, o Barroco attinge uma expressão menos sincera, a construcção é mais erudita; no Rio de Janeiro a preocupação artistica exterior diminue ao passo que a decoração interna attinge ao delirio, produzindo a obra-prima do entalhe que é a egreja de S. Francisco da Penitencia; em Minas, vamos deparar a suprema glorificação da linha curva, o estylo mais caracteristico, duma originalidade excellente. Tres escultores dominam nesses tres centros: Chagas, o Cabra, na Bahia; mestre Valentim, no Rio de Janeiro; Antonio Francisco Lisbôa nas Minas Geraes.

BAHIA

O nosso primeiro centro de civilisação foi a Bahia, unida á poli- ciada Pernambuco de Duarte Coelho. A população, ahi, adensara-se mais devido á maior facilidade de communicação com a Metropole, a ser S. Salvador a residencia dos governadores geraes e ainda pela riqueza facil auferida dos engenhos. Uma sociedade heterogenea, vivaz, ardente, religiosa no seu intimo, paga nos seus excessos, corria das touradas e das serenatas lasquescentes para o gozo dos sermões gongóricos e a visão beata dos Te-Deuns. "O bahiano quer entrar no céu com alardo e fanfarrão" diz um autor...

A religiosidade, resultante da ignorancia da população, á qual a persistencia dos jesuitas e a garridice bamba dos sermões não conseguia desbastar não só alternava com a fé, mas quasi sempre a

sobrepujava. Para uma só praça de touros contava a capital nos fins do seculo dezeseis "62 egrejas, capellas e ermidas".

Mas na cidade baixa entre a maruja, os vendeiros, os escravos, os mestiços campeava um sensualismo infrene, animalizando a gente ignara num perpetuo despudor. Os ricos, os senhores de engenho, a flor da fidalguia encobertava com a hypocrisia das boas maneiras o seu não menor desejo de amar. Conta Frézier, citado por Oliveira Lima, terem sido trucidadas pelos maridos num só anno mais de 30 mulheres. Claro é que excepções, e talvez muitas havia; mas a visão geral era a d'uma kermesse de amores livres. O proprio clero, enfraquecido na pompa exhaustiva dos festivaes, apresentava maculas deploraveis, ainda que produzisse florões magnificos de ascetismo e fé. Entre os conventos de freiras — alguns apresentando uma existencia intangivel, como o da Lapa e o da Soledade — celebrizava-se pela inobservancia da regra o de Santa Clara. Em 1729 publicava Mr. de la Barbinais o seu livro de viagens, em que dava conta do estado em que viviam as freirinhas do famigerado recolhimento. E o arcebispo da Bahia, D. Frei Manoel de Santa Ignez, trinta e cinco annos mais tarde escrevia a sua colorida e realistica pastoral em que ao mesmo tempo castigava o luxo e as liberdades dessas recolhidas nobres e deixava, indecentemente, uma chronica insuspeita do viver do convento. Nesse meio irregular, gastador e sinceramente religioso, a Egreja abrigou e fez florir uma planta de arte que tem para nós o vago odor duma saudade e o alto beneficio de ser nossa. Os imaginarios e os entalhadores principalmente, formaram no seculo 18 toda uma escola de abundante florescencia, attingindo o seu apogeu com Chagas e apontando o seu declinio com Domingos Ferreira Baião. Mas antes delles já alguns templos magnificos se tinham levantado, com especialidade na parte alta da cidade, coroando a elevação gentil do Reconcavo com abundantes cumieiras e frontões caprichosos. A todos ultrapassava o Collegio e Egreja dos Jesuitas, monumental, ostentando a grandeza giganteia do seu porte, desagradavelmente encimado pelas mirradas torres lateraes e pelo frontão deselegante. Fundado o Collegio por D. Sebastião, na previsão regia passada a 7 de Novembro de 1564, depois de varias modificações conseguiu apresentar a riqueza que ainda conserva, collocando-se na primeira plana entre os templos da America pela imponencia. Domingos Rebello escreve sobre elle: "é edificio grande e suntuoso, todo de pedra marmore fina por dentro e o frontespicio igualmente; magnifica sacristia com muitos painéis todos de moldura de tartaruga; assim como muitos frontaes dos altares da egreja... E' templo grandissimo, mostrando muito gosto e preceito na sua architectura". Martius qualifica-o de edificio mais imponente da cidade e maior templo do Brasil. Sem

duvida a parte mais notavel da construcçao é a celebrada sachristia, que Froger diz ser "uma das mais magnificas do mundo". O seu tecto em jacarandá é um formosissimo exemplar, á moda italiana, em caixões rectos. A's paredes, nos lugares em que não se erguem os deliciosos altares ou os armarios de finas madeiras, vêem-se embutidos de tartaruga e marfim, trazidos das Indias Orientaes. Adornam-nas ainda, junto ao tecto, a famosa colleção de dezeseis quadros, historiando a vida da Virgem. Ninguem lhes sabe o autor. Embora orientados pelo ideal de miniaturistas dos flamengos, Manoel Querino discute com cristallinas razões essa procedencia e imputa-os, já mais fracamente, ao monge bahiano Frei Eusebio da Soledade, irmão de Gregorio de Mattos. Outra obra de nota é a Egreja do Convento de S. Francisco, trabalho incrivel de ourivesaria em pedra e madeira — deixai-me passar a incongruencia — curioso padrão do plateresco no Brasil. O architecto foi talvez um entalhador, como muito bem commenta o sr. Ricardo Severo, e imaginou transplantar para a fachada a mesma obra de talha que se realizaria no interior. Da propria Hespanha, onde o plateresco levantou obras dum valor muito maior, não sabemos de edificio onde nem um meio metro quadrado de fachada deixasse de se recamar de ornatos irregulares, contorcionados, fantasticos. O frontespicio de S. Francisco é um sonho mouro, uma obcessão desvairada de luxo e orgulho. Ser-me-ia impossivel enumerar neste meu trabalho todos os templos dignos de menção que ha pelo Brasil; faria uma fastienta nomenclatura: que me baste por agora citar o convento do Carmo, cuja sachristia tem um tecto perfeito em caixotões curvos, producto magnifico que orgulharia qualquer paiz; a egreja da Conceição da Praia, delicioso modelo renascença, cujo architecto tinha uma intuição pouco commum da diferença de planos na fachada; S. Pedro, hoje demolida, com o seu severo portal, e o lindo remate das suas torres; a egreja do Carmo de Cachoeira; ainda a do Carmo, em ruinas, e a da Penha, com a original disposição das suas torres trazeiras no Recife; e, para não mais cansar, a egreja da Misericordia, em Olinda, graciosissima, com uma só torre lateral e o harmonioso frontão barroco.

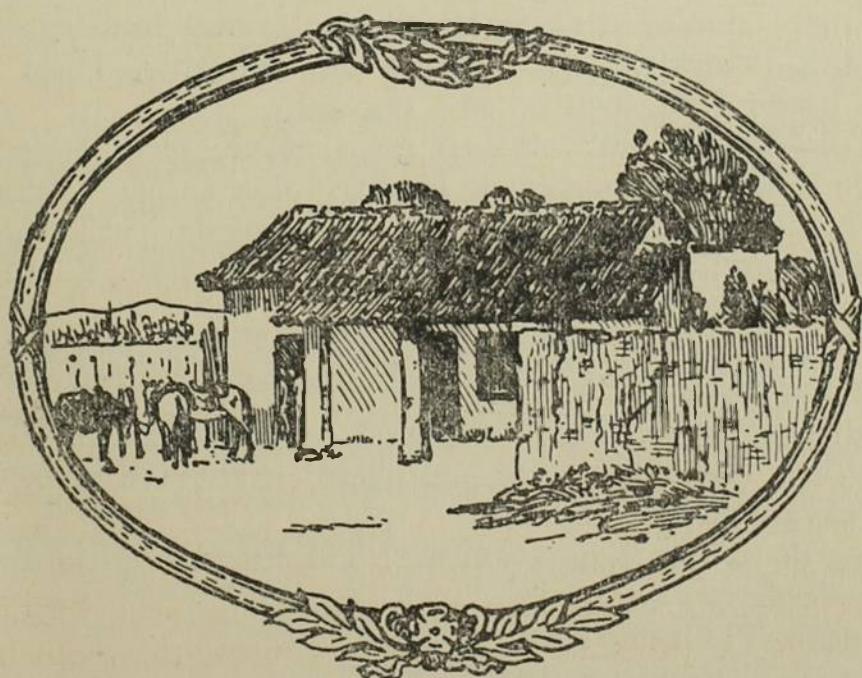
Quanto aos escultores e pintores, aufere-se dos dois livros de Manoel Querino, "As artes na Bahia" e "Artistas bahianos", que um largo periodo final do seculo 18 e principios da seguinte centuria constituem uma legitima época de arte em que não poucos artistas foram verdadeiros criadores de escola. Em meio aos raros estagnicolas da arte nacional esse periodo toma grandes proporções pela sua data e pelo numero de nomes de valor que o realçam. Das tres figuras primaciais que, como disse, dominam a arte da Bahia, Rio e Minas, a nortista seria Chagas, o Cabra.

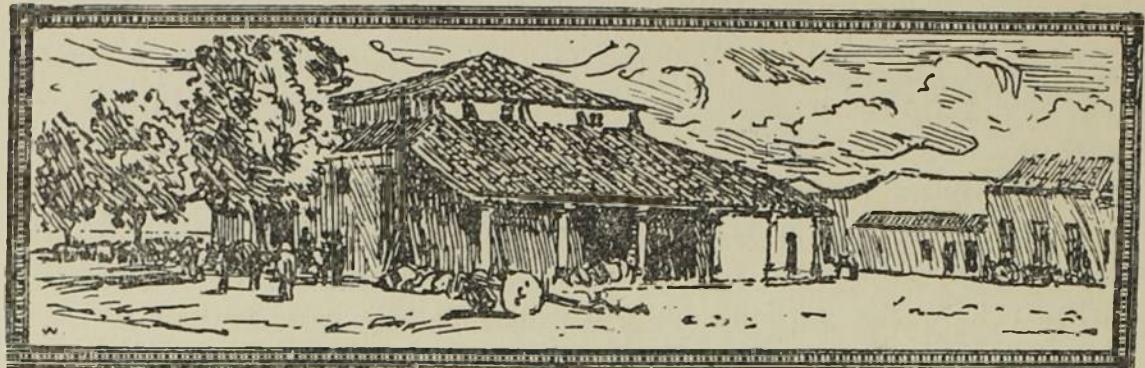
Distinguo-o assim não só pelo valor das obras que produziu e a abundancia dellas, mas principalmente porque Chagas constitui o ponto de partida da eminencia da arte bahiana. Comtudo si o Aleijadinho em Minas e Mestre Valentim no Rio reinam sem rivaes, Chagas, o Cabra, vê surgir pela vida adeante uma legião de emulos. O pobre santeiro morreu louco, depois de espalhar pela sua terra grande copia de imagens. Recusando-se a reproduzir um admirado Jesus, que esculpira nos braços d'uma Virgem, reprodução essa que seria levada para Portugal, uma continua série de desgostos e mesmo a prisão dahi oriundos deram-lhe como suprema paga das obras que criára, a loucura. Entre os seus mais citados trabalhos contam-se, além da imagem causadora do seu mal, um Senhor da Redenção e o famoso Jesus dos Passos que está em Santa Catharina. Elevam-se ainda, dentre a chusma de nomes menores, dois grandes: Manoel Ignacio da Costa e Domingos Pereira Baião. Do primeiro é celebre com justiça o S. Pedro de Alcantara, dramatica imagem de monge que mais parece fugida das telas de Zurbaran. O santo está de pé, abraçando-se a uma cruz. Em postura contemplativa, olha os ceus, reflectindo nos olhos calmos o beatifico espectaculo da Eternidade. Os panejamentos cahem-lhe pesada e ingenuamente tratados, mas o aspecto soffredor das mãos e dos pés, os hombros accusados com audacia sob o burel e a expressão ao mesmo tempo feliz e dolorida do rosto são obra de verdadeiro artista. Baião, o Tiépolo da escultura bahiana (no sentido de ser grande e assignalar um declinio), é tambem autor de grandissimo numero de imagens, com a circumstancia especial de estarem espalhadas por varios Estados do Brasil. Desconheço reprodução de obras suas.

Na pintura tambem tres grandes nomes resaltam na meia-tinta dos decoradores. São elles: José Joaquim da Rocha, José Theophilo de Jesus e Joaquim Franco Velasco. Claro está que a respeito de arte na Bahia falo de outiva ou por leituras. Não tive occasião de visitar o Reconcavo formoso; accresce ainda á minha deficiencia serem as photographias que possuo muito imperfeitas, e, relativamente á pintura, occultam a côr, que é a vida do quadro. Desses tres artistas um ha que parece distinguir-se pela sua genialidade fogosa, é Franco Velasco. As suas obras accusam um vigor excepcional; e a sua factura larga e impetuosa, arrojadissima para o seu tempo, denuncia um genio virgem, não desenvolvido pela fecunda lição dos grandes mestres. Não descobrimos copia do tecto da Capella do Bomfim, que, para M. Querino, basta para celebrizar um artista; mas os painéis de S. Francisco são, na sua concepção impetuosa, admiraveis de vida e de eloquencia: Franco Velasco é o Delacroix da pintura nacional. José Joaquim da Rocha, o primeiro na ordem chronologica, recebeu con-

selhos em Portugal. A sua pintura é mais bem ordenada, ha mais conhecimento de composição, é mais scientifica emfim; falta-lhe o entusiasmo de Velasco, falta-lhe a uncção de Theophilo. Este, embora tendo frequentado a escola dos mestres de Lisboa, volta para a patria sem a frieza academica do seu antecessor. E' um puro e um innocent. O seu desenho tem quasi a ingenuidade dos primitivos e elle espalha na physionomia dos seus santos um quê de angelical d'uma serenidade sem par. Si Velasco é Delacroix, Theophilo de Jesus é Fra Angelico, — naturalmente descontadas as proporções. O primeiro é comparavel ao mestre francez pelo vigor, o ultimo ao freire florentino pela pureza da intenção.

Como vêdes, todos os artistas de vulto dessas épocas, um destino unico tiveram: concorrer para o esplendor do culto de Deus-Vivo. A quasi totalidade dessas obras de arte antigas, a Egreja é que as guarda e conserva. O historiador assevera: "E' na egreja modesta como no sumptuoso templo que se encontram a rica obra de talha, o formoso painel, a escultura grandiosa". E, concluimos, não só por ser a Egreja uma sociedade muito forte no tempo é que assim o fez, mas, com mais verdade, por ser do seu papel della constituir-se em vestal das coisas boas e das coisas bellas. Na escuridão meditativa da edade-média, em que foi tão accusada de obscurantismo, ella conservou, com uma clarividencia singela nesse tempo, como o trigo jacente nos escombros de Pompeia que seculos depois produziu, a semente das sciencias e das artes que na terra propicia do Renascimento falhou, abriu-se em flores, para cobrir-se afinal da gloria da frutificação.





TIO EUZEBIO

POR

ALBERTINO MOREIRA

São coisas velhas, passadas, dos tempos em que vivia a minha avó materna a povoar-me o espirito de suaves narrativas, umas de amor, outras de aventuroosas peripecias, todas cheias de mansidão para que não perturbassem o meu cerebrozinho de creança.

Tinha eu feito a minha primeira communhão, já meio taludo, ali pelos doze annos; brincava ainda com papagaios de papel e carreteis vazios; jogos de "pique será" ás ave-marias e, antes do banho e da benção dos papaes, ouvia da minha avó lindas historias sempre começadas pelo classico "Era uma vez".... De todas a que mais me agradava era a de um tal D. Anil, em que apparecia um cavallo encantado, de cujos ossos surgia, ao cabo, magicamente, um castello com os seus parques e pradarias em torno. Phantasias de embasbacar com que eu, principescamente, adormecia.

Certa noite, porém, o repertorio de historietas innocentes exgotou-se, e a madrinha, então, para me distrahir, falou do tio Euzebio, irmão della, meu tio avô, portanto.

Tio Euzebio era um velhusco meio grave, meio bonacheirão, branco de cabello, ar sensato de photographia antiga. Visitava-nos diariamente; vinha ali pelo meio-dia, de bengala, passo vagaroso. Entrava com um alvoroçado "Ora muito bom dia". E sentava-se sem gemer, segurando os rins.

— Vae-se vivendo como Deus é servido — respondia ás perguntas sobre sua saúde.

A madrinha encetava com elle uma conversa em surdina e eu, abeirando-me dos dois, sorrateiramente, surripiava a bengala e sahia ás cavallitas para o pateo.

A' hora de sahida chamavam-me; Tio Euzebio fazia-me festinhas e ia-se depois do:

— Benção, Ti Ozebio!

— Deus te abençoe, menino.

*
* *

Naquella noite foi o tio avô o assumpto preferido. Creio que perguntara, em começo, se elle fora sempre assim, um velhinho, de cabelleira branca e gestos macios. Avózinha sorriu, e a historia dimanou serena, daquelles labios que a velhice purificara.

Sei que vou tirar toda a singela belleza da narrativa estirando-a aqui.

*
* *

O meu Tio Euzebio fôra creaçao de estima daquelle alferes Lucio, da Bagagem, no tempo em que o posto de alferes valia pelo de dois coronelões de hoje em dia.

Esse alferes Lucio era collector e regente da Corporação musical Sta. Cecilia. Senhor sizudo de vasta escravatura a moirejar na lavoura de canna, e outras. Não era mau demais para os servos essa respeitosa antqualha da minha familia. Ruim, perverso, endemoniado mesmo era no ensino da Arte de Euterpe. Nesse particular, desgraçado de quem lhe cahisse nas unhas.

Ora, o Tio Euzebio, intelligencia agarrada de nascença, padeceu com elle.

Exemplo duma horazinha de tortura musicada :

— Attenção, menino ! Entóe o dó !

E o Tio Euzebio, tremulo :

— Dóóó...

— Para cima, animal ! Assim : dóóóóó !

E lá vae á orelha do meu tio num empuxão de arrancal-a.

O dó, então, sahia agudissimo, fóra demais da escala. E outra vez, o mestre, furioso, chammejante :

— P'ra baixo, burro, pr'a baixo ! Dóóóóó...

E lá vem, agora, a orelha, elasticamente espichada pescoço abaixo.

Um martyrio aquelle methodo de ensino.

Tio Euzebio, tão depressa mudou de fala, fugiu de casa. Anoiteceu e não amanheceu. Houve reboliços, tristezas na familia ; procura daqui, indaga d'acolá. Nada. Afinal, por meio de responsos, descobriram que o Tio Euzebio estava vivo não sei onde. Socegaram então. O tempo foi passando.

Chegou a Festa da N. S. da Abbadia ; veio o Natal e só no começo do anno seguinte foi que Tio Euzebio deu signal de si. Escreveu ao alferes Lucio. Pedia perdão da loucura feita ; dizia que

estava a trabalhar de carapina; falava de esperanças no futuro; nalgum cobrezinho que já ajuntára; implorava benção, etc.

O alferes Lucio mandou a benção e o perdão.

Um anno transcorreu mais. Pela quaresma novas notícias do tio. Que ia indo muito bem, já com o seu pézinho de vida. Novo pedido de benção para que Deus o ajudasse, saudades, e tal.

Outro anno que findou. Agora era a rumorosa festa do Martyr S. Sebastião. O alferes Lucio, como festeiro e regente da banda, arquejava de attribulações de todo tamanho. Em casa, ia uma azoinante trabalheira; doçaria a fazer, comadrismo a postos, gente entrando e sahindo, e "olha isso, e olha aquillo".

Na sala eram os estrompantes ensaios da "Corporação", num retinir até velha madrugada.

Fogos de vistas foram encommendados de Uberaba porque o Luizinho, fogueteiro da terra, andava de ha tempos num embromina com uma tal Genoveva que não havia meio de arrancar delle nem busca-pé ao menos. Coisas bonitas viriam de lá: tres molequinhos a socar num pilão, e uma garça de fogo no bico a correr num fio de arame; além disso, chuveiros, gira-giras e não sei que mais.

Fôra convidado um padre para deitar sermões de arromba, e talvez viesse mesmo o sr. Bispo.

Por isso estava a roceirama a chegar, a chegar com os seus carros toldados, as suas trouxas de roupa e os seus jacás de gallinha.

Dias bons aquelles. Havia sambas e cateretês nas rabeiras dos carros e ganinchos de viola pelas barracas.

Vespera da festa. Castello armado no meio do largo com sabaquás rodeando. Villarejo em movimento; gente a entrar, a desembocar na praça de todas as bandas. Assim. Uma poeirinha fina pairava pelos ares. A quando e quando um foguete experto riscava o espaço e pipocava longe. A meninada desguaritava, doida, no macegal das hortas em procura do canudo de barbante.

O sino começava alegremente, a badalar...

*

* *

Foi nessa hora que o Tio Euzebio veio descendo o largo, cabibaixo, a modos que surdo, arcado em cima dum burro e a puxar pela redea um cavallo de silhão. Veio descendo. Era uma esbatida mancha de tristeza e infelicidade a passar funebremente sob o claro esplendor da tarde festiva.

Parou á porta do alferes. Apeiou, desalentado, sem vislumbres nenhuns de boa vida.

— Quê isto, Ozebio? Você por aqui, Ozebio! Ora, o seu Ozebio, gente!

Não sei quem correu de dentro, num alvoroto feliz, para soltar um foguete, mas, ao vêr tamanho desapontamento em torno do recem-apeiado, deteve o fogacho, perdeu o entusiasmo.

Veiu o alferes Lucio. Abraços. Todos, curiosos, em apertado círculo, crivam Euzebio de perguntas:

— Mas, Ozebio, quê isso?! Quê isso Ozebio?!

E o Tio Euzebio que desembuxa, afinal:

— Ia muito bem lá onde estava — começou em tom choramigas — tinha o seu quê de seu; credito, consideração. Vae dahi — fazia isso bem seus quatro mezes — chegaram lá uns homens com uma carta do alferes Lucio a rezar assim: — “Ozebio, casa com a irmã do portador desta. E’ boa moça, muito prendada. Faça-me este gosto, Ozebio.” Até, querem vêr, olha aqui a carta!

E o alferes, gago:

— Mas, isso é maroteira, Ozebio! Você logo não viu então? Isso é maroteira, e da grossa. Ora que sempre hai cada coisa neste mundo!

— T’ahi a carta — continuou Tio Euzebio. Eu, para fazer-lhe a vontade, casei com o demonio de tal moça...

Pasmo no grupo:

— E a muié, Ozebio? Cadê a muié?

— Ficou lá, gemeu o pobre. Ficou depois de ter comido tudo quanto eu possuia de meu. Aquillo não era mulher com quem se casasse. Era uma, com perdão da palavra... Um soluço, porém, lhe tapou a bocca.

Os do grupo:

— Ora, já se viu só. Mas que coisa, gente.

E o alferes Lucio a passejar de um lado para outro, rabona ao vento:

— Forte coisa, senhor; forte coisa, senhor!

O Tio Euzebio, de queixo lacrimejante, estendeu o beiço desventurado para os animaes:

— T’ali — disse — tudo quanto arrecadei de tres annos de serviço. E lagrimas difficeis, duras de escorrer, pingavam ralas dos seus olhos.

Mas, dahi a pouco, os sinos que redobram alacremente para a novena.

Forma-se na frente da casa a banda de musica, e rompe, após, num dobrado forte com uma rabada grande de manguarões palermas e uma molecada miúda saltitando em roda.

Foguetes ariscos riscam os ares calmos das ave-marias. Todos demandam. Só tio Euzebio ficou com a sua tristeza e os seus

animaes por desarrear. Mas, á noite teve estomago para assistir ao queimar do castello.

No dia seguinte, missa cantada, procissão, poeira, estréas de vestidos, muita fita de côr, muito penduricalho vivo, gritando pelo sarapantado de tons em garridas blusas de chimango e em catitas saias de babados. Tio Euzebio não foi a causa nenhuma; passou o dia todo chupando lima debaixo duma versuda limeira lá para os fundos do quintal.

Festa acabada, musicos... a cavallo rumo dos seus penates.

A roceirama cahiu no mundo; a carraria desde manhã até á tarde chiou nos chapadões em demanda das bibocas sertanejas.

Na villa, o ramerran. Gente a murchar pelos cantos, a espiolhar-se em mexericos sem importancia no diz-que-diz-que habitual.

Tio Euzebio, esse ficou ainda mais macambuzio, a banzar pelos cantos, a "encher a casa de pernas", no dizer da Dona Silvana, mulher do alferes Lucio.

O alferes levou uma semana estiraçado na rête, papo para o ar, em gososo descânço.

Assim, nesse insipido e molle gottejar do dia-a-dia escorreu, afinal, um mez bambo.

Foi quando Tio Euzebio, depois de pensar numa vaga tentativa de suicidio, empreitou as obras da Cadeia Municipal. Já deixára de ser o caseiro mazorro do começo. A' noite dava a sua voltazinha e recolhia-se cedo.

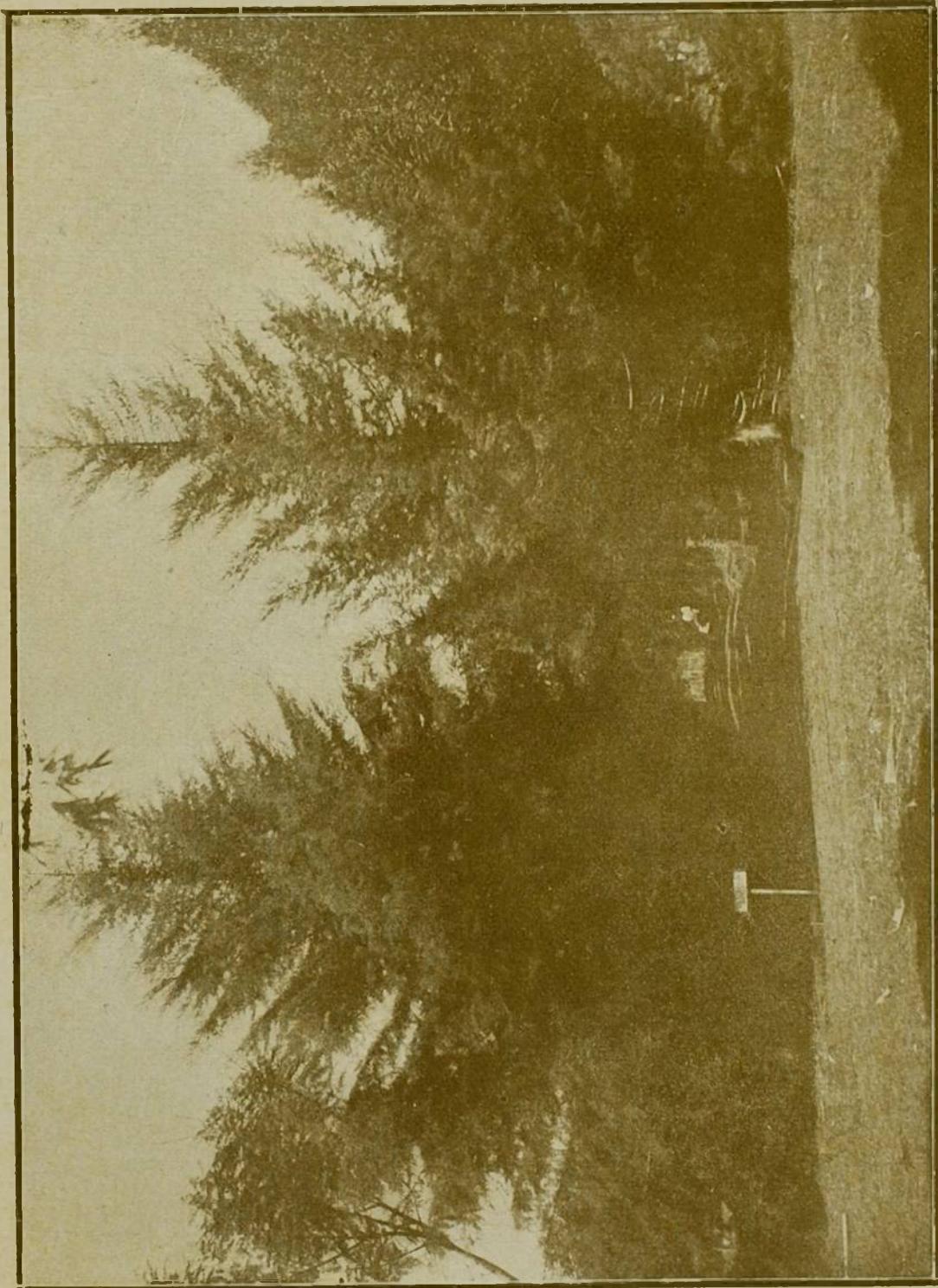
Na villa, todos, mais ou menos, o estimavam pelas suas pacatas qualidades de individuo cordato e serviçal.

Não sei como principiou um bacorejo de que elle vivia a rondar de má tençao a Gabriella, mulher dum mascate. Notavam aquillo, no inicio, as linguinhas desoccupadas; depois toda a villa.

De facto: Tio Euzebio ardia-se nos fogos dumia paixão primeira. Até já serenateava de violão e cavaquinho, elle e um peralvilho da botica. Resultado: — obras publicas em descaminho; despesas gordas no negociante pois que Tio Euzebio era todo botinas rincha-deiras, e chapéo molle-molle, e ares limpos, uma fumacinha de bom tom.

Mas, o demonio do mascate era um agarramento com a mulher; nem um minuto de folga. Só quando estiassse o tempo é que o damnado desoccuparia o rancho. Emquanto isto, o Tio Euzebio pelintrava, ora repimpado em cerelepes cavallicotes bem selados, rebrilhantes de fivelame de nickel; chilipa ao vento, lençarrão de seda a esvoaçar do pescoço; ora em melifluos descantes ao luar todo a esvahir-se em ais bem ganidos, bem arrancados da "prima" e dos bordões.

ASPECTOS DO REFLORESTAMENTO



Paisagem tomada do Horto Florestal de Loreto

(Phot. do Dr. O. Vecchi)

TYPO DE MESTIÇA



Desenho da St.^a Ritinha Seabra

Gabriella vivia a dar-se inteira na ternura babosa dos seus olhares quebrados, cheia de quentes promessas e dengues tentadores.

A custo entrou de estiar o tempo; firmou-se, enfim, a estação enxuta.

E por uma clara madrugada foi-se, afinal, o mascate ao fino retinir dos guizos pequeninos e ao largo badalar dos sincerros grandes.

E o Tio Euzebio que penetra, ao clarear do dia, pelos fundos, em casa de Gabriella. Momento de silencio e unico foi aquelle. Um beijo, só, enorme, fundo, desses que roubam a alma — e o meu Tio Euzebio sahiu cambaleante, deslumbrado, vencido e vitorioso, sem forças para mais nada, mas com um arrojo de espadaçar o mundo, se nisto fizesse gosto a tal Gabriella. O meu tio-avô desejava ter naquelle minuto de encantamento o universo inteiro para botal-o duma só mãozada aos pés daquella mulher. Era o seu primeiro amor.

Ia passando o Ananias, carreiro.

— Ananias, quanto custa a carrada de lenha?

— Doze méreis, seu Ozebio!

— Traz quatro carros amanhã para esta casa aqui. Toma o dinheiro. Quatro carros, hein?

Adeante. Aqui é a venda do Antonio da Motta:

— Antonio da Motta, leva ali para a Gabriella um alqueire de arroz, outro de feijão. Olha, manda tambem uma sacca de farinha. Já, ouviu? Uma arroba de assucar tambem. O dinheiro? Está aqui. Volta o troco depois.

No negocio do Martinho:

— Desce fazenda, Martinho. Desce mais. Quero um deste; dois daquelle. Homem, pode mesmo medir tres. Peças de algodão, quatro. Para a Gabriella, Martinho. Manda levar já. Pode tirar a conta. Toma aqui por signal.

Sahiu. Delirava ainda o meu Tio. No meio do largo parou reparando muito a casa nova do Militão, pintadinha de fresco, bonita. Envolvia-a tanto com os olhos — não os olhos de carapina, mas os olhos que a Gabriella cegou de amor — que parecia querer o meu tio arrancal-a dali, leval-a tambem como um humilde presente á mulher do mascate.

Caminhou depois atarantado no ar, estupidamente.

Tudo isso por causa de um beijo... Um beijo — e Tio Euzebio se sentia bem, crescido no espaço, illuminado, a banhar-se em fagueiras brisas de aromas docemente venenosos.

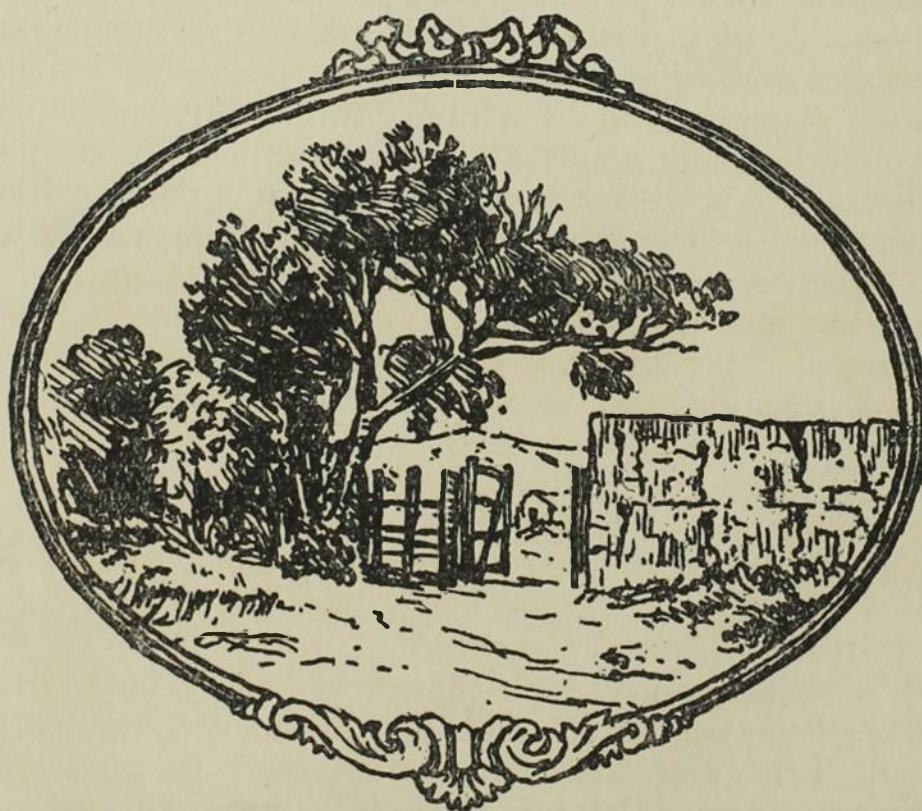
Que de loucuras fez elle por essa mulher! Paralysadas as obras da cadeia; a familia do alferes em freimas de indignação, e no

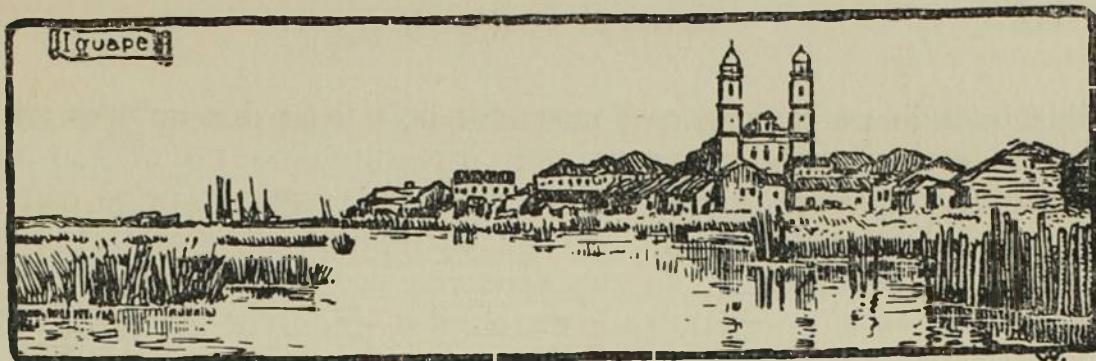
villarejo a gente a ferver, a cuscuvilhar, a matraquear mesquinhalezas de exagerado tomo.

Afinal, o mascate voltou, tomou conta da mulher, e a historia acabou-se chinfrin-chinfrin...

*
* *

Foi esse todo o tributo pago pelo meu tio Euzebio á mocidade folgazona. Depois disso envelheceu, viveu quietamente. Coisas de somenos até a velhice.





DR. RICARDO G. DAUNTRE

POR

C. MAGALHÃES DE AZEREDO

Remota embora e sumaria, guardo eu uma recordação pessoal do doutor Ricardo Gambleton Daunt, cujo centenario de nascimento o Estado de São Paulo se presta a celebrar. Era então alumno do collegio de São Luiz em Itú, e, se bem me lembra, dos mais pequenos ainda. Um dia, lá appareceu o velho medico, e andou visitando as diversas areas dos recreios. Chamou-me a attenção sua figura original, propria para gravar-se na imaginação de quem o visse, menino ou adulto. Muito alto, muito magro, cabellos brancos, nariz aquilino e predominante a projectar-se da cara pallida, ossuda, toda rapada, grande cartola de abas largas e rectas, traje preto de sobrecasaca acentuando as arestas do corpo esguio e ascetico — havia nisso o bastante para fazer delle um typo não commum, que não era mais possivel esquecer. Tinha no rosto enrugado, que illuminavam olhos miudos, mas argutos e imperativos, uma expressão de austeridade e bondade unidas. Perguntei quem era. Disseram-me: "O pai do padre Fergus."

Mais tarde, uma comparação casual contribuiu para avigorar a minha reminiscencia do homem. Elle repetia exactamente o aspecto de Lamartine, nos seus ultimos, attribulados annos, como o representa uma photographia famosa de Nadar. Os mesmos traços, o mesmo vestuario — menos a cartola.

A isso se reduziu o meu conhecimento pessoal do nobre irlandez tornado brasileiro pelo affecto, pela longa residencia, e ainda, como elle o quiz, pelo titulo legal da naturalisação. Do filho, porém, excellente sacerdote, e letrado de sadia cultura, fui amigo, não obstante a diferença de edade, desde o meu curso de estudante na capital paulista. Como o pai, tinha elle viajado assás; não só pela Europa, mas — o que é mais raro — por varios paizes da nossa America tambem. Era fino observador, e com os elementos criteriosamente conferidos da propria experienzia, completava, cor-

rigia quando necessário, os fornecidos pela lição dos autores modernos e antigo. Utilisava-os com discernimento no officio de educador, que exercia então, guiando alguns rapazes pelos caminhos das humanidades. Eu não fui desse numero, mas nem por isso deixei de aprender da sua viva voz cousas novas e interessantes. Gostava especialmente de ouvir-o discorrer sobre terras, gentes, e costumes estrangeiros. Iam essas narrativas e oportunas considerações lisongeando, embalando o sonhante desejo de peregrinar pelo mundo, que eu sentia intensissimo na adolescencia, e que ainda não arrefeceu de todo por certas partes delle.

Do pai venerado falava-me o padre Fergus com frequencia. Conheci-lhe assim a biographia, os meritos, e a historia da familia, á qual o bom sacerdote era muito affeiçado. Com quanto de typo differente, não tinha este menos originalidade physica do que o velho medico, originalidade que se estendia a muitos habitos de vida, á maneira de andar e de rir, á pronuncia peculiar de certas letras, sobretudo do *s*, que accentuava extraordinariamente. Assim o tratei e apreciei simples presbytero, como depois prelado, pronotario apostólico. Pequenas excentricidades attestavam nelle, como em outros homens de valor, uma independencia, afinal de contas sympathetic, diante da opinião alheia; e permittiam mesclar um sorriso de hilaridade amiga, que elle mesmo de boa vontade partilhava, ao profundo respeito que inspiravam a sua real cultura e o seu coração verdadeiramente angelico. Pois, com todo o seu conhecimento de livros e de alma, conservava uma indulgencia, uma ingenuidade encantadoras. Incapaz de pensar ou praticar o mal, nunca o presumia nos outros, e, se não o podia negar, taes fossem as provas, preferia o papel de advogado ao de juiz, agarrando-se a todas as circumstancias attenuantes. E era consolador verificar essa clemencia espontanea e fundamental num homem que occupou elevadas posições na hierarchia ecclesiástica, entre outras a de vigario geral da diocese de São Paulo, e documentou o seu valor em estimaveis trabalhos.

É' incontestavel que o filho continuou e enriqueceu, ainda que em rumo diverso, a obra intellectual e patriotica iniciada pelo seu digno progenitor. Não ha, pois, demasia em citar, ao lado deste, o herdeiro virtuoso e illustrado de um nome, que já da Irlanda avoenga trazia titulos de tanta gentileza.

Outros escriptores, e alguns de insigne autoridade, dirão, enaltecerão como é devido, os muitos meritos do doutor Ricardo Gambleton Daunt, nesta publicação expressamente destinada a celebrar-los. Eu, associando-me bem de coração á justa e opportuna homenagem, me limitarei a poucas, mas não menos justas e oportunas reflexões.

O doutor Ricardo Gambleton Daunt, tendo deixado muito joven a Irlanda nativa, por que não lhe soffria o espirito vel-a tyrannizada e humilhada, dirigiu-se, após breve estada nas Indias orientaes, para o nosso Brasil. Levava o cabedal do seu engenho, do seu saber, da sua vontade, do seu vigor de corpo e de caracter. Sem esquecer nem renegar a Irlanda — que tanto não era preciso — sem romper os liames de ternura, de piedade, de solidariedade, que antes delle, e por elle tambem como por si mesmos, seus antepassados haviam contrahido com a ilha generosa e então infeliz, o moço nobre, austero, resoluto, se fez cidadão da nova patria, aceitando com o integro sentimento das responsabilidades que assumia os deveres da sua nova condição. Para um homem habituado como elle á sociabilidade, ao conforto, aos recursos de toda ordem franqueados pelos grandes centros do velho continente aos senhores das altas classes, a terra brasileira não constituia talvez naquelles tempos o ideal das moradias. Ainda se fôra o Rio, ou a Bahia, ou o Recife! Mas Macahé primeiro, e depois Campinas!... Entretanto, o joven doutor não se estabeleceu ahi com o intento de angariar uma bella fortuna, e, bem recheiada a bolsa, atravessar de novo, e para sempre, o Atlantico.

Não; a sua alma abriu-se toda ao amor da então quasi nascente nacionalidade, cujo maravilhoso futuro a sua clara intelligencia advinhou talvez. Para a vasta empreza da construcção dessa patria vindoura de bastos milhões de homens, decidiu offerecer quanto tinha, quanto podia, e quanto era, sem a minima restricção mental.

Educado desde adolescente no severo regimen da sciencia, poz a que possuia ao serviço dos compatriotas, e procurou augmentar-a de continuo, não só pelo gosto della propria, mas para augmentar-lhe tambem a utilidade civil. Ao lado da sciencia, cultivou a caridade; era um christão em todo o rigor do termo; e sel-o sendo médico é cousa devéras sublime. Tratar com o mesmo zelo, com o mesmo carinho, o corpo que dóe e a alma que soffre, nutrit no espirito a attenção perspicaz que sonda a enfermidade physica para cural-a, e a bondade solicita, que esparge balsamos sobre as feridas moraes, escrever com a mão direita as fórmulas dos remedios que expulsam a febre e a peste, e dar com a esquerda, discreta, escondida, aos doentes pobres o soccorro necessario para compral-os, para comprar o pão abundante e a paz interior, que lhes corroboram a efficacia, — que elevada e respeitaval missão! Campinas sabe por tradição com que requintes de diligencia e piedade a cumpriu numa existencia bem longa, e sem um desfalecimento nunca, o doutor Ricardo Gambleton Daunt. E ainda alguns dos seus innumeros beneficiados estão vivos para attestal-o.

O batel, errante um dia, do seu destino, fixou-o elle ahi com todas as ancoras que melhor o podiam segurar. Desposou uma

senhora de historica familia brasileira. Fundou o seu lar, não como tenda de beduino nómade, mas como domicilio perpetuo seu e dos seus. Mais; acceitou e egregiamente exerceu cargos de responsabilidade publica, entendendo dever-se, não só como particular ao desempenho das suas obrigações individuaes, mas como cidadão aos interesses da communidade.

Venios nelle, em summa, um dos representantes mais caracteristicos daquelle classe de estrangeiros, que, com a plena consciencia do valor de tal mudança, deixam de o ser por que apaixonados pela nossa bella terra. Lembra por mais de um aspecto o douto barão de Tautphœns, que eu conheci tambem ainda (foi meu examinador de rhetorica), e que Joaquim Nabuco, seu discípulo, retratou em paginas deliciosas no todo delicioso livro *Minha formação*.

Ora, a taes estrangeiros de origem, brasileiros de adopção, melhores brasileiros que muitos ahi nados e criados, comprehendo que prodiguemos, não só a nossa hospitalidade, mas o nosso affecto: e que, quando illustres, os coroemos de gloria nacional adequada aos seus meritos.

A hospitalidade é uma das nossas qualidades hereditarias mais preciosas. Será temerario, entre tanto, insinuar que algumas vezes lhe falta o sentimento das nuanças? Eu quizera, no interesse do seu proprio alcance, que ella, perfeita para com todos, não fosse para todos igual. Ou antes, não se trata já de hospitalidade; trata-se de certo entusiasmo meridional, *tropical* (como tenho ouvido cá fóra qualifical-o a pessoas graves e benevolas), que de quando em quando nos arrasta porventura mais longe do que conviria... Eu quizera que taes extremos (então já não seriam excessos), nós os reservassemos para os amigos conhecidos e provados; porque, assim não sendo, são estes que perdem com a banalidade do tratamento.

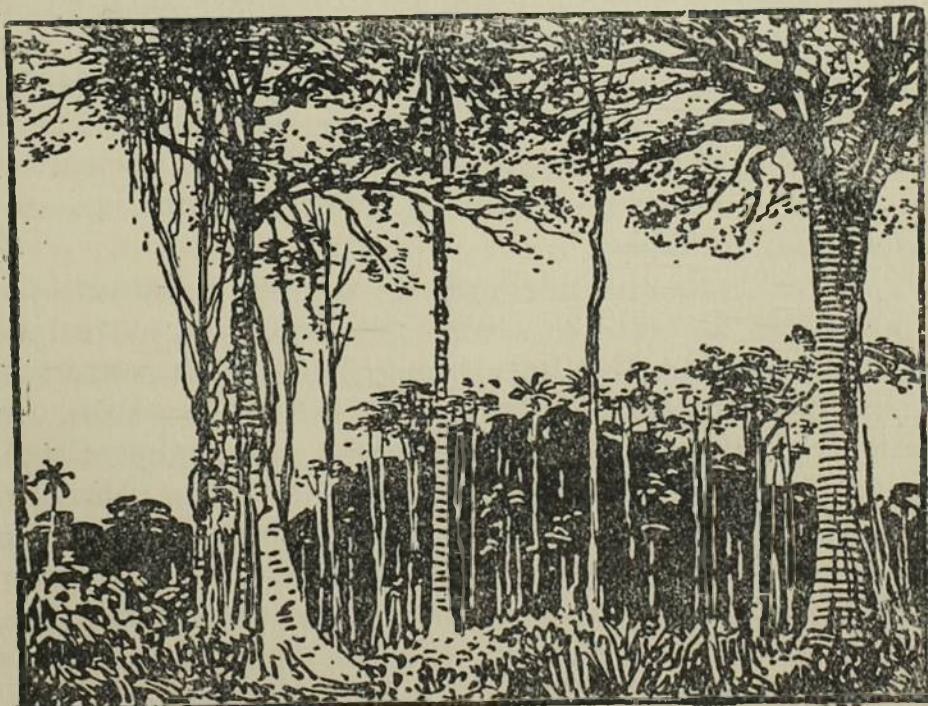
Está bem que, por exemplo, se ahi apparece um scientistia, um literato, de reputação mais ou menos mundial, timbremos em mostrar-nos povo lido e informado, capaz de apreciar-lhes os livros. Mas não lhes demos, de louvores e favores, numa semana ou num dia, o que negamos, durante annos ou lustros, a outros, *nossos*, filhos do mesmo seio materno, e cujo valor não é menor. E um acolhimento que fóra congruo e proporcionado se nos fossem visitar um Pasteur, um Manzoni, um Garrett, um Victor Hugo, um Tolstoi, não o barateemos com visitantes distintos, sim, insignes até, mas não de tal ou semelhante envergadura. Que elles, nunca habituados nos seus proprios paizes a tantas ovações, descontarão no intimo a parte devida ao citado entusiasmo meridional, *tropical*, e concluirão delle, seja embora erradissimamente, que somos gente subalterna, camadas provincianas, coloniaes... Já fica longe, e presumo que não se repitiria, o episodio dos estudantes, substi-

tuindo-se aos cavallos, ou aos muares, da carruagem de Sarah Bernhard, certa noite, depois do spectaculo; episodio que inspirou a Eça de Queiroz uma vaia tão hilariante como merecida. Mas ainda resta muito a corrigir neste capitulo...

E não será descabido, em outros casos, indagar de pessoas altamente graduadas: "De que maneira somos tratados na sua terra? como amigos, ou como indiferentes? com cordialidade, ou com frieza mal encoberta pelas fórmulas convencionaes da cortezia? em que categoria estamos collocados, quanto á consideração e ao prestigio? conhecem-nos e prezam-nos pelo que valemos, ou desdenhosamente se obstinam em ignorar-nos?"

Ha nada que mais desaponte, do que ir um homem ao encontro de outro com o sorriso da sympathia e do honesto jubilo nos labios, e com um sincero abraço já esboçado, e receber em troca um correcto e glacial cumprimento de chapeu?... Não. Antes guardemos, sem prejuizo da polidez e até da gentileza, certa linha pundonorosa de reserva; que nem por isso faltará quem busque e pleiteie a nossa amizade, mesmo porque é uma amizade vantajosa.

Mas galardoemos, sobre tudo e sobre todos, aquelles que esforçadamente sabem conquistar-a, dando pelo menos tanto como recebem, de affecto, de estima, de utilidade intellectual, moral, e social; aquelles que seguiram ou seguem o exemplo memoravel do venerando doutor Ricardo Gambleton Daunt.





PAIZ DE OURO E ESMERALDA

POR

J. ANTONIO NOGUEIRA

XXVI

Consolado com o bilhete de Maria Luiza, Angelo nos dias seguintes não pensou em outra cousa do que em descobrir um meio de escrever-lhe dizendo-lhe essas eternas novidades que o amor sempre tem para comunicar á pessoa amada. E depois de esboçar e abandonar, por impraticaveis, numerosos planos, o qual mais louco e disparatado, para illudir a provavel vigilancia do coronel, acabou por acertar com um que realmente offerecia grandes probabilidades de exito. Foi o caso que, tendo ido diversas vezes visitar ao professor Viriato, levado pelo culto que costumam votar os namorados a tudo o que se relaciona com o objecto de seu enlevo, vieira ao cabo de alguns dias a abrir-se com o ancião e, como este mostrára apiedar-se delle e vêr com bons olhos a sua pretensão, animára-se a pedir-lhe encarecidamente se encarregasse de fazer chegar ás mãos da ex-discipula a carta que desejava mandar-lhe. Exorára-o com taes mostras de soffrimento, que o velhinho conveio em auxiliar-o.

Havia, porém, uma consideração de summa importancia, e era que não se sabia ao certo se a correspondencia da moça lhe seria entregue directamente. Não haveria perigo de ir parar nas mãos do pae? Como desatar esse nó? Admiravelmente o conseguiu Angelo, e de maneira encantadora para o professor, pois o alvitre lembrado muito lisongeava ao seu incorrigivel entusiasmo pelo purismo. Viriato enviaria a Maria Luiza um livro classico, de linguagem escorreita e exemplarissima, recommendando-lhe que o lesse logo, a effeito de vêr as surpresas, que nelle iam prevenidas, do mais lidimo falar dos nossos maiores, — o que poderia dizer sem mentira alguma, visto como lhe ficava livre a eleição da obra. E entre duas das primeiras folhas, que seriam colladas pelas margens, se dissim-

A traça, como era de esperar, agradára ao alfarrabista. Não vinha ella como que de mistura com a sua paixão dominante de manter a todo transe a incorruptibilidade da lingua? Decididamente que a idéa fôra lance genial de argucia que só a um amoroso poderia acudir.

— Mas qual será o livro, professor? perguntou Angelo, ancioso por executar o combinado.

Viriato meditou alguns instantes, exclamando repetidas vezes com benevola tolerancia de quem era obrigado a uma creancice:

— Tá, tá... Vejam o que são estas foscas da mocidade!

E repetia automaticamente, procurando lembrar-se de algum velho autor que servisse para o caso:

— Foscas, foscas... Bonitas foscas...

Era tal a ancia de Angelo por vêr desfeita toda e qualquer diffi-culdade, que, para não demorar a escolha com uma interrupção, fingiu não ignorar o que significavam as taes "foscas, foscas" com que eram complacentemente baptisados os seus fervores de apaixonado. Só mais tarde veio a saber, consultando um velho lexico-grapho, que um escriptor seiscentista de boa chancella havia empre-gado a palavra *fosca*, no sentido de illusão, ou esperança engana-dora... De sorte que o professor, do cimo dos seus oitenta annos, não fazia mais do que classificar desenganadamente de apparencias illusivas, brincos de creanças, fosquinhas a que se entregavam os seus ricos filhos, como ás vezes lhes chamava, o que a elle Angelo parecia ser o tudo na vida.

— Mas, professor, por favor diga-me já qual o livro que ser-virá... Vou compral-o neste momento...

O velho fitava-lhe os olhos embaciados, mas risonhos, e, batendo com os nós dos dedos na beirada da mesa atravancada de vetustis-simos in-folios, entre os quaes se destacava, com caracteres dou-rados na lombada, a "Vida de S. Domingos" por Frei Luiz de Sousa, sempre, com ar beatifico:

— Tá... tá... Ora vejam as foscas dos moços... Já lhe digo... Foscas... foscas... Sim, senhor, bonitas foscas...

E enquanto procurava mentalmente a obra mais conveniente, sorria com paternal bondade, como se aquelle modo de romancear o *Vanitas vanitatum* do Ecclesiastes tivesse o condão de o expungir de amargores inuteis.

— Tá... tá... Uma historia curta... de facil lição... que não cause abhorrimento... ao som do paladar de jovens, quaes os seus ricos amigos...

Aqui deu triumphantemente com o revés dos dedos sobre a mesa, a modo de quem quer dizer: eureka! achei!

— Tá... Não podia fazer mais ao nosso intento, snr. Angelo... "Menina e Moça" de Bernadim Ribeiro... E' obra que não tem

parelha assim na policia da linguagem como no sabor e doçura da doutrina... Nem a Historia de Amadis de Gaula, do "bom Vasco de Lobeira, de gran seu", como lá dizia o poeta Ferreira, se lhe pode em san consciencia comparar em ornamento a elegancia no dizer... Ahi está o livro que havemos mistér...

— Obrigado, professor... Vou adquiril-o sem perda de tempo...

E correu a uma livraria e dahi a casa, onde escreveu a mais ardente carta de amor que ainda sahiu da imaginação inflammada de um namorado. E pouco depois, sem perda de tempo, levou a Viriato o lindo volume, em cuja capa mandára gravar artisticamente o nome de Maria Luiza.

XXVII

Estava um dia de sol, como não os ha com frequencia em S. Paulo — sol esplendido, que punha na vida agitada da cidade um vasto flammejamento de ouro.

Angelo, que se dirigia á repartição postal para ahi registrar o livro, onde Viriato puzera affectuosa e paternal dedicatoria, ao approximar-se da esquina da rua Anchieta, olhando distrahidamente para o largo do Palacio, viu Luciano e Pataracchi, que desciam a escada da secretaria da Agricultura. Apresou o passo e entrou no edificio dos Correios, assustado com a perspectiva de ter de ouvir os espectaculosos discursos do patriota.

Quando terminava a expedição do pequenino volume, levantando os olhos, deu com uma dama esbelta, elegante e ricamente trajada, que se dirigia á posta restante. Foi tomado de um estremecimento, pois á primeira vista teve a impressão de vêr a Maria Luiza, tanto se parecia com ella.

— Não está mau o *flirt*, meu caro...

Era o Rochinha, muito fino e bem lançado, em um terno impecável *dernier cri*, que se approximára rindo jovialmente.

Angelo voltou-se com ligeiro sobresalto. Riù-se e protestou:

— Que idéa! Nem conheço aquella senhora...

— Ora você! Então essas cousas exigem conhecimento prévio? Está-se vendo que é uma *coquette*...

A moça, objecto de taes considerações, sorria imperceptivelmente, ao receber um largo enveloppe azul, que guardava cuidadosamente em linda bolsa de seda e oiro. Depois circulou pela sala um olhar rapido e, abaixando as palpebras longas, palpitantes, sahiu aladamente, com um menear de corpo onde a desenvoltura parecia idealisar-se em rythmos musicaes.

— Ah! Paris! Paris! exclamou Rochinha com um suspiro. Sabe de uma cousa, Angelo? Vou-me embora para a cidade-Luz... Isto aqui é uma cafraria... Já estou com a passagem comprada...

Ando com sede de civilisação... Paris, meu caro... Paris é a vida!

Aqui surgiu a uma das portas a figura plethorica de Luciano, jungido como sempre ao Sancho-Pataracchi. Surgiu com o carão incendiado, os olhos fuzilantes, o cabello grenho a espirrar de sob o chapéo côco em tremulas e revoltas melenas.

— O sr. é um patriota, um benemerito da Patria... E' justamente disso que o Brasil precisa, — de homens de accão, de iniciativa e energia...

A voz estentorea chamava a attenção de toda a gente.

— Estou perdido, se aquelle homem dá commigo, disse Angelo ao Rochinha, procurando com os olhos um recanto para onde esgueirar-se.

Mas Luciano já o havia descoberto.

— Oh! tenho a satisfação de vêr o illustre amigo sr. Angelo Orsini!

E avançou com largos gestos oratorios.

— Meu bonissimo amigo, communico-lhe que a propaganda da "Vida Nova" começa a dar copiosos fructos...

Pattaracchi cumprimentou, descobrindo a cabeça plaina e calva semeada de gottas de suor e o seu rosto bochechudo espraiou-se num sorriso meio velhaco, meio estupido.

— Mas que quer dizer isso? perguntou Angelo constrangido, sem poder occultar um pouco de mau humor.

Rochinha ficára a distancia, desdenhosamente.

— Pois o nosso amigo sr. alferes Pataracchi acaba de fazer um contracto com o governo, que lhe concede vantagens e auxilio para o transporte e introducção no estado de grande numero de imigrantes... Grande obra é essa, meus senhores!... O Brasil do futuro — accrescentou com enfase, para coroar o que dissera com uma imagem rasgadamente pomposa — o Brasil do futuro afigura-se-me elevar-se a olhos vistos como um edificio colossal e maravilhoso, destinado a ir topetar com as estrellas...

E a mão larga e terrosa espalmou-se em direcção ao tecto, como a procurar o céo invisivel.

— *Fra le nuvole*, commentou Pataracchi, piscando velhacamente para Angelo. Era a primeira vez que o vendeiro revelava certa intenção irreverente em relação a Luciano. Mas, notando a expressão de desprezo com que o fitára o joven italiano, valeu-se logo de sua phrase costumeira:

— E' justo... E' justo...

Angelo, impacientado, pretextou negocio urgente e safou-se.

— Esse sujeito se ocupará seriamente com essas cousas? perguntou Rochinha, rindo, e indicando Luciano, que lá se ia sempre a discursar de olhos postos na gloria futura da patria.

— E' sincero, absolutamente sincero...

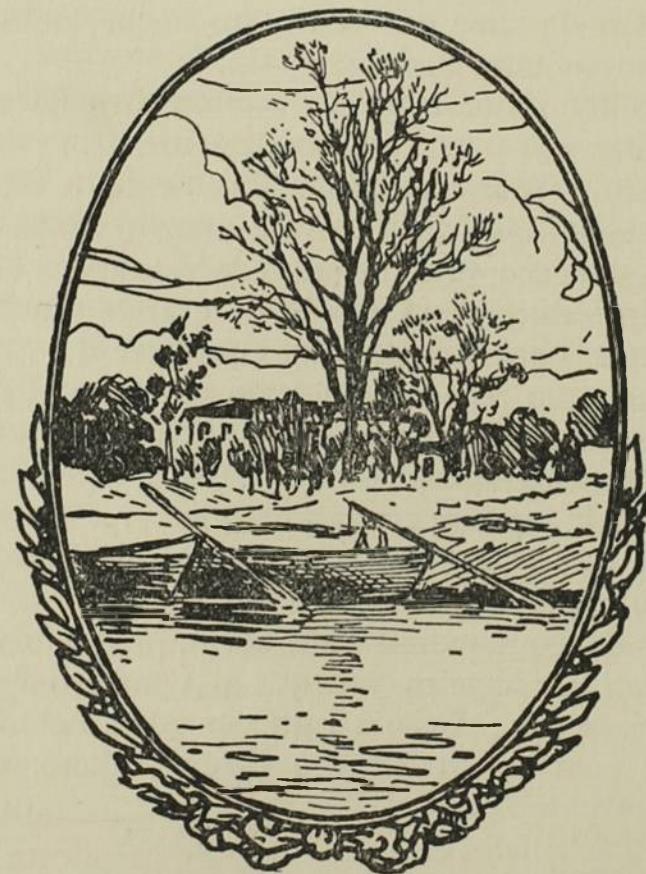
— E aquelle imbecil que o acompanha? tornou o "parisiense", distrahidamente.

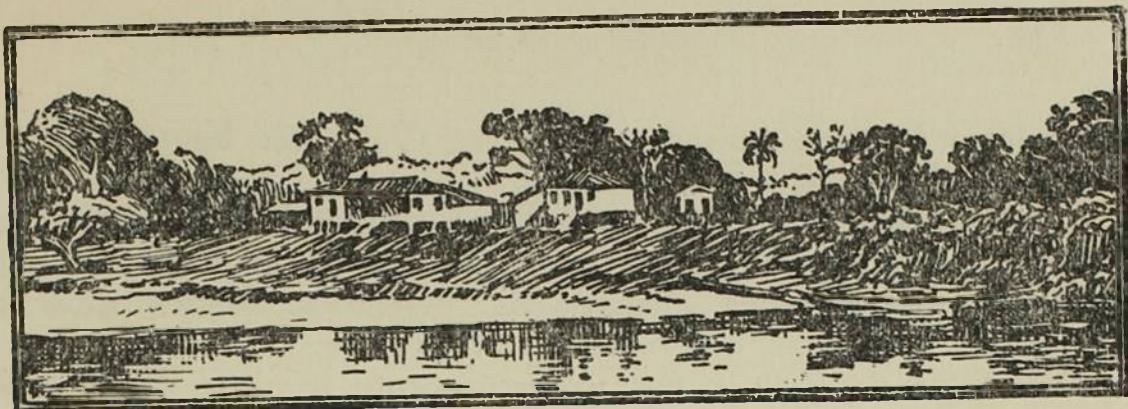
— Aquelle... aquillo — explicou Angelo hesitante — é o que se pôde chamar um *immigrantista negociador*...

— Estupendo! *E'patant!* Sabe que mais? Adeus, meu caro... Talvez não nos tornemos a vêr tão cêdo... Fiquem ahí com essa fauna exotica... Eu por mim prefiro *la joie de vivre*... Adeus! Veja se conquista tambem o que você entende por *joie de vivre!* *Au revoir! Et bonne chance!*

Bonita *joie de vivre* era sem duvida a que estava reservada a elle e a seu irmão! E as palavras de despedida do Rochinha lhe acudiram ao espirito como uma ironia sangrenta.

(Continúa)





COISAS DE ESPANHA

POR

MARTIM FRANCISCO

(Conclusão)

Goya — Outubro, 13.

— Voltei. Num quarto de hora adquiri duas verdades: Goya é um genio e eu sou uma besta.

Na sala de Greco, quando vi o *Christo Crucificado*, tive consciencia de minha atrevida inconsciencia artistica. Falta ao martir a ferida no peito? Mas, a mim, o que me falta é poder entender essa magia de cores, essa audacia nas composições, essa variedade de effeitos, procurados e encontrados pelo toureiro, pelo palaciano, namorador, hercules de feira, academico, artista, artista sobretudo, cuja extensão de talento se illimitou em todas as provincias da pintura. Retratista, caricaturista, paizagista..., mas que é que não era esse pincel universal cuja obra reflectia as inumeras occupações de quem o maneirava?

Nesta sala de Greco estão dois Murillos, um Velasquez, diversos Grecos, e Goya os sobrepuja! As bellamente tristes paizagens onde Claudio Lorena tão ao natural adapta o pôr do sol aos epizodios biblicos: *Reza de Magdalena*, *Moisés salvo das aguas*, e de Collantes a *Vizão de Ezequiel* (666), mal interrompem a attração exercida pela indiscutivel superioridade de Goya.

Reagi, porém. Mudei de sala. Pedi ao guarda licença, que me foi boquiabertamente recuzada, para escrever num *busto desconhecido* o nome de Lucio Vero. Contei triplicata de *Antinous*; afastei-me de *Platões* possiveis e, mais, dumia porção de *Euripedes*; vi um meio corpo do glotão *Vitellio*; vi, mais, *Hercules* em quantidade. Extaziei-me deante das *Duas Bacchantes* (42 e 43). Apalpei fragmento dumia *Venus de Milo*, reduzida, de dimensões

inferiores ás que admirara no Louvre (95). Não houve, porém, teima viavel: voltei a Goya.

— No *Saturno devorando os filhos*, suprimisseim a indicação do artista, e ninguem attribuiria o *Cronos* ao autor dessas Bruxas que me avivavam na memoria os imaginosos monossyllabos de Bernardo Guimarães que o Brazil todo repete.

Na *Sopa de Velhos*, nos magistralmente ironicos dezenhos á penna, no *Menino apagando a vela* com um *strepitum ventris*, no gaiatissimo *Burro que fala*: quanta phantazia inesperada, quanto desdem bondozo, quanto equilibrio do sarcasmo com a censura, do conselho com a critica!

E quanto coração no *Cego tocando guitarra!* Quanta alma na *Cabra Cega*, e quanto estudo nos estudos para os tapetes que o *Escorial* encommendára!

Onde, porém, Goya, superior ao proprio Goya, se patenteou inexcedivel de sensibilidade, inexcedivel de arte, de clemencia, de previzão sociologica até: foi nessa pequena tela o *Operario ferido*. Aquelles tres proletarios, dum a compaixão, doutro a dôr, e do mais forte a dedicação ao padecente: enxerguei-os, e quazi chorei de raiva!

Porque?

— Fôra em Santos, pouco tempo antes. Não havendo concorrido para as más condições das finanças nacionaes, e com a alimentação encarecida pelo papel-moeda, deliberaram muitos operarios pedir aumento de ordenados; e para isso promoveram reuniões e declarações. Durava já uma semana a regularização desse desejo, quando interveiu a policia.

Começou a pancadaria. Grimpou a ferocidade. A ordem cedeu passo á provocação e ao refle. Por inconstitucional foi arrecadada a mobilia das associações operarias. Inflexiveis na cruidade, diminuiram os carcereiros a alimentação dos prezos.

Funcionavam na comarca dois juizes de direito. Lendo parte de requerimento de *habeas-corpus*, que redigi e entreguei, imediatamente um delles despachou, marcando para quarenta e oito horas mais tarde a respectiva diligencia; identico requerimento me foi, sem despacho, restituído pelo outro magistrado. Estavam ambos com os vencimentos em dia.

Desci, calmo como sempre, as escadas do forum. Na rua, estendida numa calçada, gemendo, com salpicos de sangue no vestido, sorrindo-lhe ao lado um anspeçada que a espancára, chorava uma mulher gravida. Ao marido, carroceiro, enfermo, prezo, tentára levar medicamentos.

O artista, quando completo, pensa e faz pensar.

No *Operario ferido*, Goya pensou a afflição, a fadiga, a melancolia, o infortunio. Repare-se, porém, no quadro; repare-se bastante, e o *Operario ferido* irrita. Irrita e faz pensar no dia de amanhã.

Glozinhas.

Nas cadeiras do *Theatro Romeu*, diversamente do regulamentado na antiga platéa atheniense, podem abancar-se quantas mulheres pagarem entrada, e delle sahir quantas quizerem. Castanholas e cançonetas, boleros e trocadilhos, requebrados com ou sem intuitos perversos: tudo até onze horas da noite, limitadamente. Depois: chocolate.

— Abolorecem na rua Alcalá antiguidades authenticas e vendedores do mesmo quilate. Preços gabarolas, em começo; benignos, porém, si argumentados com brandura.

— No Mercado. Não é uzo vizita-lo. Peixe e fructas em comum. Infinitas as vagens e as cebolas. Poucas flores. Serviço de bananas feito pelas ilhas Carolinas. Por fazer, do meio dia ás doze horas do dia seguinte, o serviço das vassouras.

— Caros os livros. Bem acondicionadas as livrarias. Polidos, sizudos, parecendo bem encadernados, caixeiros e gerentes. Os livreiros madrilenos, em regra, ignoram os autores sulamericanos do seculo XIX. Estanislau del Campo, Sarmiento, Perez Bonaldo, Jorge Isaac, Lastarria, Alemparte, ainda não rezidem na sua instrucção.

— E' inutil procurar nas pharmacias pilulas de Reuter. Verificado o fracasso de Cavite, diminuiram os espanhóes o consumo de productos nortamericanos. O patriotismo, na Iberia, alcançou os laxativos.

— Elogiavel, sem ser admiravel em sua installação, a succursal do *Credit Lyonnais*. Accôrdo da ordem com a actividade. Porque, em S. Paulo, não adoptam os Bancos o sistema, aqui praticado, de a porta da sahida não ser a da entrada?

— Questionando passaporte, fui á legação e ao consulado do Brazil. Apenas um funcionario, E. de Lima Barros, baixo e magro, que me encaminhou para o retratista, permanecia no seu posto; altos e gordos, possivelmente, os auzentes. Gastei uma hora (e nove pezetas) para obter meu retrato. Certo, com o original se gastou menos tempo.

— Cresce a affabilidade do *Palace Hotel*. Reparando que eu costumo deitar agua no vinho, o criado já me trouxe, hoje, ao almoço, o Bordeaux com alguma agua. Adivinha-me!

Na Bibliotheca Publica.

— De verdade quatrocentos e alguns mil volumes, porém seiscentos mil de catalogo (contaram-se isso em Portugal), tem esta *Bibliotheca*. Tem, dou testemunho, estantes de ferro numa interminavel serie de andares, limpeza nos compartimentos, documentação historica das melhores, opulencia em manuscripts.

Silencio relativo. Na sala central de consultas setenta a oitenta pessoas são pouco a pouco attendidas. Nas outras, nas de especialidades, os empregados não podem ser maus pela simples razão de não existirem. Um que o director, quinquagenario bonacheirão, declarou ficar ás minhas ordens, estava provavelmente com uma dor qualquer: retirou-se correndo, e só me reappareceu, alegre, por occasião da despedida.

— O *Manual da Navegação do Rio do Prata* (Boucaraut, 1858), si o quiz, tive de, eu mesmo, desce-lo de prateleira duas vezes mais alta que minha cabeça. Outro *Manual*, o *Hespanhol de Antiguidades*, que contém photographia do mais que celebre *Crucifixo de marfim de Fernando Magno* (1057?), esse, obtive-o sem arredar pé porque o acazo m'o puzera ao alcance da mão.

— Por falta absoluta de quem a procurasse, não appareceu chave para a fechadura que guardava a primeira edição do *D. Quixote*. Pois sim! Lérias! Em 1605 apareceram quazi simultaneamente tres edições do primeiro volume do *D. Quixote*: em Madrid, Listodavia, não perder a oportunidade de ser incommodo, requizitei, boa e Valença. Qual dellas estará aqui debaixo de chave? Para, baldadamente eu já o sabia, documentos de 1631, concernentes á vinda ao Brazil, durante a lucta hollandeza, de João Vicente Sanfelice, conde de Bagnuolo.

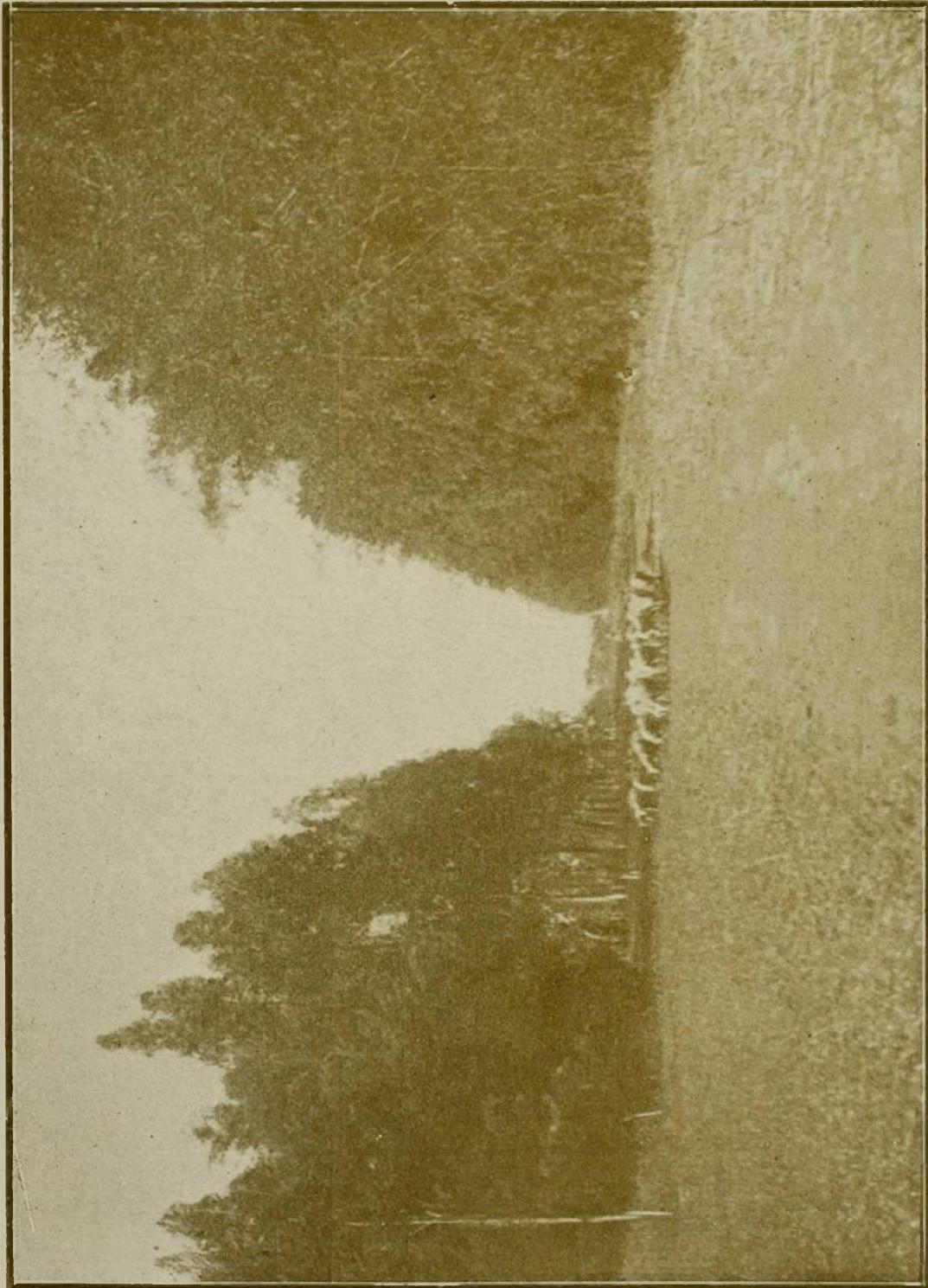
— Carrancudo, mudei-me para a secção dos manuscripts. Agarrei-me aos autographos.

Sympathica, dezenhada quazi, a letra de Metastasio. Grande, delgada, não muito calcada no papel, a calligraphia de d. João d'Austria. Ponteaguda, alvoroçada, a do Aretino. Quevedo, Buffon e Lope da Vega me foram intraduziveis de caracter pela letra. Balofa, inchada, porém corredia, a escripta de Gongora.

Da leitura de tantos autographos nem um assumpto interessante me veiu. Maçada! Cartas insignificadas, em sua maioria.

El Escorial — Outubro, 15.

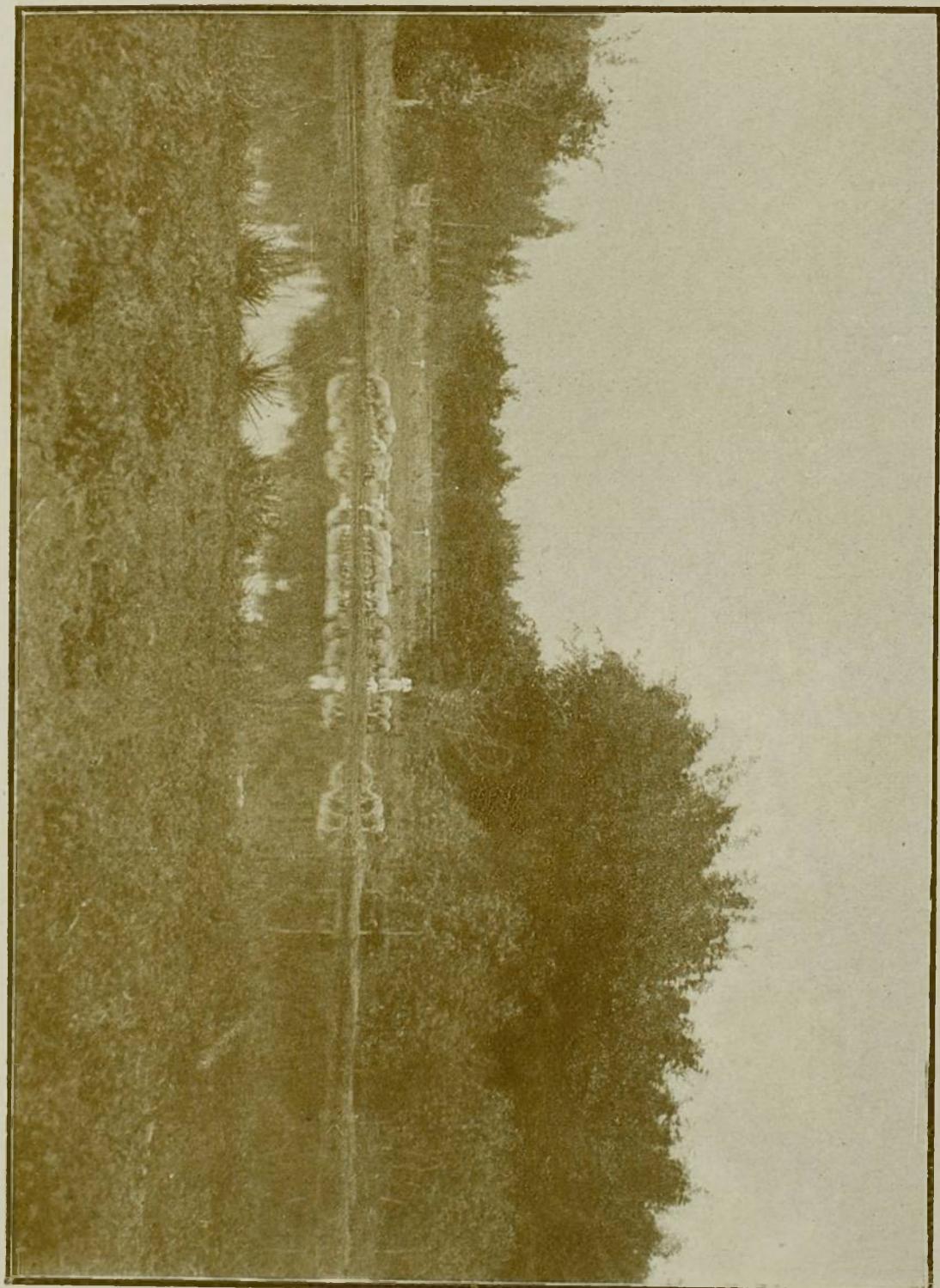
— Velha, feia (ha velhas bonitas?) a Estação do Norte. Vagon forrado de brim pardo. Mutismo dos empregados. Tudo e todos tranquillos.



Paisagem de eucalyptos e bambú

(Phot. do Dr. O. Vecchi)

HORTO FLORESTAL DE LORETO



Paisagem

(Phot. do Dr. O. Vecchi)

Este trem não parte?! Obeza, espaçoza, pançuda, adhere-me ás circumvizinhanças uma morena dezenxabida; prima irmã de baileia? Mais um motivo para retardamento da viagem, esse volume feminino!

As emprezas de viação desconhecem a justiça nos preços. Si mercadoria mais pezada paga maior frete, porque um passageiro magro ha de pagar tanto como um passageiro gordo?

— Partida. Afinal! Instruem-me: tres horas de ida e volta; oitenta kilometros; tres paradas.

Em *Pozenda*, pouco pouzámos, os viajantes. Em *Rozas*, não as encontrei, porém figos secos. Em *Las Matas*, o descampado é pertinaz. Atravessa-se um tunel, porém: certeza de montanhas. Ei-las. Formam um circulo cujo centro, parece, demandamos. Parada: *El Escorial*. Impressão externa de brutalidade. Sente-se o pezo das edificações.

A Espanha pezou sobre o mundo; o *Escorial* peza sobre a Espanha; a memoria de Felippe II peza sobre o *Escorial*.

Erudição barata.

— Os relevos pompeianos, os bem imitados gobelinos, os quadros dos mestres, tudo, em summa, que devia ser instructivo e aprazivel nesta *grelha de granito* (é-lhe a fórmula: homenagem ao dia 10 de Agosto e competente santo), com quinze portas, mil cento e dez janellas e que tres architectos successivos subordinaram, durante vinte e dois annos de construcção, á hipocondria da ordem dorica, tudo se acha aqui amortecido e sombreado pela figura sinistra do Demonio do Meiodia.

Sete mil quatrocentas e vinte e duas são as reliquias de santos bem conservadas e mostradas... Ora! Não vim biographar o *Escorial*. Trouxe-me a facil intenção de apenas ligar o nome á pessoa. O meu *diario* é meu, meu só. Escrevo unicamente para mim, para a minha leitura, para as minhas saudades. Com o publico já liquidei, ha muito tempo, a minha conta corrente de pouco cazo. Com o *Escorial* nunca tive transacções.

Dentro.

Sentei-me na cadeira que, pela ultima vez, carregou o exorbitante patife para o exorbitante Mosteiro. Vi-lhe o leito donde, politicando com o céu nos estertores da agonia, olhar semividrado buscando a capellinha no quarto proximo, esse quazi parricida acompanhava os meneios do padre nas facecias da missa.

Examinei-lhe a livraria particular, exigua de poucas dezenas de volumes; abri-lhe a primeira edição de *Vitruvio* (1497, Veneza) e

outra, rarissima e commentada de *Lucrecio*, o Deus dos atheus. Fui ao côro; recostei-me na poltrona da qual partiu, ao receber o Demonio a noticia da victoria de Lepanto, ordem immediata para a mais bulhenta de quantas festas Christo mereceu e Mahomet padeceu.

Reappareciam-me cazonos historicos; bailavam-me incidentes; vultos e factos me abarrotavam a attenção. As surprezas ora a entristeciam, ora a deslumbravam.

Adeante, adeante.

— Engasguei-me, bebendo agua em torneira do XVI seculo. A' portaria verifiquei a raridade acustica (intenção do architecto ou acazo?) que communica, inteirinhos, todos os cochichos vindos de qualquer angulo do compartimento.

— Valente quando não ha perigo, estive minutos debaixo da abobada que, recalcitrante ás reaes ordens, não cahiu embora pareça que vai cahir.

— Intimado pela asthma, dezisti de chegar á cupola da grande mole, cá me deixando por baixo a admirar lampadas mais altas do que eu! Numa dellas soletrei nomes de autor e data: 1571, João (esqueci o segundo nome) de *Antuerpia*. Não devia ser muito illuminada a moral desse fabricante de candieiros: insistiu elle em assignalar-se flamengo e prestava-se ao serviço do perseguidor de sua terra. Arranjador da vida.

— Examinei, não se me permittindo a elles subir, os dois carissimos pulpitos, alabastro, jaspe e agatha, mimo de Fernando VII á sacra eloquencia espanhola, que nem por isso ficou menos fastidioza.

— Encurtou-me o entuziasmo o muito comprimento da cara do Christo na forçada combinação do negro e do branco, que aliás é obrigatorio enaltecer porque, em assumptos de arte, quando se trata de Benevenuto Cellini, a bandeira cobre a carga.

Ainda? Ainda.

— Abri um dos duzentos e dezenove livros *Cantorales del Côro*, pezado de quarenta e seis kilos, caminhando sobre rodas, e transportado diariamente para collaborar nalguma das trinta missas que o *Escorial*, diariamente tambem, não dispensa.

— Encosto-me a uma janellinha. Sobe-me um zum-zumi. Ólho. Grupos de frades agostinhos acenantes todos, passeando entre canteiros de verduras muito bem alinhadas, e cada um desses reverendos com o seu livrinho aberto, debatem graves questões theo-

logicas: a unidade da trindade, o misterio da graça, a virgindade das viuvas, etc.

Infelizes retardatarios! Direitos do homem, expansões da liberdade, bussola, imprensa, heliocentrismo: quantas revelações ignoradas por esses premedievaes! Parou-lhes o mundo em Tertuliano e Lactancio. Falam metaphisica dias e dias! Dias: que ás noites tratam do povoamento do solo.

Bem os conheço.

— Da *Annunciação*, de Velasquez, e da *Burra de Balaão* onde, como sempre, Jordaens e o brilho do colorido não se dezentendem, passei a um magnifico almoço, para o qual lealmente contribui com o tempero da fóme.

Ter fóme e ter o que comer: deve ser assim o Paraizo.

No Pantheon.

— Prata. Marmore. Ouro. Abundancia de riqueza em torno aos mausoleus. Écos multimillenarios da civilização do Nilo: intuitos de eternização.

Como os Pharaós, a tribu de Joanna — a louca imaginava que a Natureza lhe abriria excepção ao *post mortem omnia finiuntur, etiam ipsa*: depois da morte tudo acaba: a propria morte acaba.

Antithese: surge-me, não sei donde, á ilharga um joven cazal. Tinha o marido o terço de minha edade; o terço da de minha mulher teria approximadamente a bonitinha aragoneza com quem receincázara. Com tanta vida deante de tanta morte, acompanhava o parzinho, nuns gestos de sincero e indelicado espanto, a traducção que eu ia fazendo dos epitaphios latinos.

— Obra prima, o que de mais monumental e opulento hei visto em assumptos funerarios, é a moradia dos ossos do ex-d. João d'Austria. Encima-a o busto do eximio bastardo. Fortes e delicadas ao mesmo tempo, as feições lembram as do conde de Sarzedas (Antonio Luiz Tavora: 6.º governador de S. Paulo: tomou posse em 1732), possivelmente seu consanguineo longinquio.

Reparando.

— De minha precioza existencia tirei um quarto de quarto de hora, e dei-o de presente ao “Cabeça de ferro”. Senti-me perante quem foi grande. Assenhorearam-se-me das faculdades o respeito, o entuziasmo, a veneração: eu estava perto de Emmanuel Filiberto. Eu meditava cogitando a proposito dum a das mais eminentes, dum a das mais equilibradas organizações da mentalidade, dum a das glorias mais legitimas do passado humano.

O “Argos”, assim tambem o appellidavam: porque tudo via, porque a tudo attendia o vencedor da batalha e do cerco de St.

Quentin, aos vinte e cinco annos general em chefe do maior exercito, então, arregimentado na Europa, tactico superior, mais que soffrivel estrategista, "similhante ao leão nas proezas" reza-lhe a inscripção memorativa, generozo na victoria, cordato nas concessões ao adversario, e que teria, tomando Paris, mudado para melhor os destinos da politica occidental, si a inveja insidioza de Felippe II, sobrestando-lhe a marcha, lhe não houvesse interrompido os louros em meio do triumpho!

Bem vividos cincoenta e dois annos! Ninguem os contou mais nobres. Na meninice, a escola da desgraça e as agruras do exilio; na adolescencia, o esplendor da gloria e seu inevitavel cortejo de emulação e de perfidias; depois: o casamento com a belleza honesta, por amor em proveito da politica, a competencia ininterrupta no exercicio do dever, as revelações de estadista na substituição do mercenario pela milicia nacional, no previdente accrescimo de liberdade aos subditos confiantes, no interesse explicito e efficaz pelo dezenvolvimento da sciencia: mas foi, indiscutivelmente, um estupendo exemplar de primazia esse consolidador da *Caza de Saboia*, essa individualizada enciclopedia de aptidões que... os compendios e os programmas de ensino no Brazil perfeitamente ignoram, e que, tenho cá minhas duvidas, si não está em Turim onde falleceu, está aqui no Escorial onde gratamente o celebram.

Meditei ainda: si, lá em S. Paulo, onde ha mais professores do que alumnos, ninguem pensa nesse decimo duque de Saboia, que está ha mais de trezentos annos a reclamar reparação historica, que muito é que, lá tambem, cumpram pena de olvido, após uma média de trezentos dias, notabilidades municipaes e notoriedades estaduaes?

.

Malicias.

— Nos *ominozos tempos*, em S. Paulo, cada partido tinha como figuras de proa tres ou quatro titulares dinheirozos, convenientemente ignorantes, que bem se prestavam ás razoaveis chufas da brejeirice popular. A um delles, que gastára contos de réis na erecção de tumulo que mais parecia um reducto, perguntou o mojejador conselheiro Rodrigo Silva:

— Sendo o amigo tão pequeno, para que quer uma sepultura tão grande?

Immediatamente, solemne, replicou o fidalgo:

— Saiba vossa excellencia, senhor conselheiro, que esse tumulo é para mim e para a minha familia si Deus nos dér vida e saúde. O conselheiro embatucou.

— Um outro titular, democrata esse, teve inesperado accesso de titulo porque, assignando subscripção de caridade, se enganara nas cifras confundindo trinta com trezentos. Do equívoco resultou diminuição no apparato tumular, que lhe foi quasi consecutivo.

— Hoje já não ha, em cidades paulistas, nem mesmo na metrópole paulistana, quem, para encher sepultura esvazie a carteira... E si se trata de político governista que attingiu proporções de coronel, então as despezas de sepultura ficam definitivamente sepultadas nos arcanos da verba secreta. Falecer constitue, nesse caso, um serviço publico.

A inconsolavel e solvavel familia fica alliviada dos gastos fúnebres. Quando muito terá de gratificar a publicação, no dia seguinte e no da missa do setimo dia, da lista augmentada e incorrecta das pessoas que forem á egreja, e das que acompanharem o defuncto nessa viagem para a qual ainda ninguem comprou bilhete de ida e volta.

Tolice humana, qual o teu tamanho?

— Sempre que vou a um enterro, ocorre-me juncto ao cadáver este raciocínio precioso:

— Eu a me lembrar delle, e elle completamente esquecido de mim!

Compassivo.

— Pegada á ostentadora *sala dos reis*, está toda de branco a dos infantes, pequeninos falecidos apezar dos reaes e imperiaes cuidados. Acertada côr!

Alli repouzam os bilhetes brancos da loteria das potestades humanas.

Livros.

— Conduzem-me á *Bibliotheca do Mosteiro*. Mal tenho tempo de, no trajecto, olhar para o S. Lourenço, firme lá na ponta do grande edificio; escapa-me, tambem, pela segunda vez, a fachada, a recommendadissima fachada. Paciencia. Compensar-me-ei nos manuscripts.

— Até minha retirada para o nada, pretendo não esquecer o *Apocalipse dado a Felippe II por d. Maria, rainha da Hungria*; nem os dois inimitaveis exemplares de *Virgilio* e da *Biblia* que me foram explicadamente abertos; nem o *Codice Aureo*, velho do

anno de 1039 de nossa éra, e muito menos as esquizitissimas encadernações arabes em fórmā de carteira.

— Pauza. Respiro. Recomeço. Tenho em mãos a *Cosmographia de Ptolomeu*, edição dedicada ao momentaneo papa Alexandre V por Jacobo Angelo, homem que tanto soube de mim quanto delle eu sei. Da *Historia Natural* de Plinio só manuzeio a capa em pergaminho; volta-se todo o meu interesse para a letra desesperada com que a reverendissima histerica Thereza de Jesus escreveu e subscreveu o *Caminho da Perfeição*.

— No tecto da sala, entre dezenas de retratos, segredo um. Dizem-me ser o de Jozé Siquenza, phisionomia perspicaz, frade, pai da idéa da pintura das outras caras, e primeiro director, que foi, nesta *Bibliotheca*.

Surpreza.

Donde veiu? Ninguem sabe? Ninguem sabe. Ninguem sabe quem o offereceu a Felippe II. Apenas as sereias nos arcos, e a patria mais que provavel do seu autor, induzem a suppo-lo de origem egipciaca.

E' o *Globo de Ptolomeu*! Só esta surpreza me bastaria para recompensa da viagem ao *Escorial*. Quanta evocação me traz este *Globo*! Como custa o erro a dezarranchar da verdade! A despeito de Pithagoras e Aristarco, que tanto o precederam, Ptolomeu imperou doze seculos! Mas que é uma duzia de seculos nas contas da eternidade? Quazi nada. Nada. Tanto talvez quanto as duas vezes doze minutos de que ainda disponho para a *Cacita del Principe* e a bella rua de castanheiros que a ella me conduz.

Riqueza e Ovelhas.

— Riquezas. Riquezas! Dezoito compartimentos mais que lindos; nelle duzentas e vinte e cinco miniaturas em porcellana, trabalhadissimas!

Riquezas! Lampadas de bronze luzentemente bordadas a fogo. Tectos encantadores, em estilo pompeiano. Portas com incrstações em ouro. Relevos imitando pinturas; pinturas imitando relevos. Paredes de seda, bordadas á mão. Marfins com tal arte silhuetados que, ao primeiro encontro, atrapalham a vista.

Mas que é a *Cacita*? Porque *del Principe*? Porque e para que este palacinho encantado e encantador? Ignoramos estas coizas, eu e o espanhol que toma conta da *Cacita del Principe*.

Inexpugnável, inteiriça, murada, a estupidez desse empregado. Rigida sua vacuidade. Irrevogavel sua ignorancia.

Perguntei-lhe quanto ganhava; tentou nos dedos uma somma e não chegou a resultado. Havia quanto tempo se empregara? Que idade tinha? Ignorava, ignorava. Despedi-me perguntando-lhe o nome. Ignorava-o tambem. Que o perdera, respondeu-me.

Ha annos a administração de Matto-Grosso comunicou ao ministerio da Guerra se haver perdido o nome duma fortaleza nos limites da Bolivia.

No sul do Brazil é apreciavel a influencia da colonização espanhola.





OS TABOLEIROS ALAGOANOS

POR

OCTAVIO BRANDÃO

O viajante, depois de mergulhar no seio da lagôa, desce á terra, por exemplo na costa do Flechal; encontra um baixio apaulado, onde se emmaranha, primeiro, o mangal verde claro, depois, a samambaya em bellas touceiras, o aningal ondulante por cima do qual vão voando celeres os negros anuns ou os gaviões mariscados, e o juncal que, ao passar da ventania coincidindo com o bater do sol, toma o aspecto de um mar de ouro e esmeralda e hornblenda e malacacheta, que ondulasse em violentos vagalhões de oceano em furia.

Logo após, á medida que o viajante sae do paul e vae galgando a encosta sob o ouro fluido e o coruscar altissimo e ethereo dos raios sideraes, a vegetaçao segue em alternativas curiosas: o jasmim borboleta, *hedychium coronarium* var *maximum* das zingiberaceas; um ou outro pé de mutamba, *guazuma ulmifolia* de Lamasck; a canna brava, *gynerium saccharoides* das gramineas; gitiranas rubras e lilazes; alguns coqueiros, *cocos nucifera*, nos terrenos mais seccos, onde a silica do alluvionico areial fulgura em scintillações estellarias; algum perdido pé de mulungá, *crythrina corallodendron*, em cuja ramificação mais alta um casal de arumarás construiu seu ninho...

Depois, o capim assú; o chumbinho, *lantana spinosa* de Linneu, verbenacea de flores rubras e amarellas, e fructos negros como lignito; arvores moribundas tendo gravatás bravos, *bromelia mucilaginea*, parasitando; sapés que já revelam a vizinhança de uma determinada vegetaçao; a malva branca, emolliente; o malmequer bravo e uns pequenos pés de louro cedro, canzenzes cheios de foliolos e cabootãs em quinas, indicando uma flora capoeirenta que rampeia a encosta e revela que ahi já houve a floresta virgem, a grandeza orgiaca, a selva gigantesca, a embriaguez dionysiaca.

O viajante vence a custo a encosta, agarrando-se a raizes esturricadas ou a quebradiços garranchos, e ao chegar ao planalto,

varada a capoeira, angularmente, em direcção ao norte, elle defronta um dilatado scenario que, pela emotividade grandiosa, pela expressão geographica, pelo perfil botanico, pela grandiosidade estupenda, pelo silencio mysterioso e religioso, assombra e emmudece a alma do naturalista.

E' o *taboleiro* alagoano.

A região do carrascal — uma vegetação falhada, tolhiça... Um plaino onde o vento campeia, e um deserto onde a solidão se desdobra...

O olhar que, nas lagôas, enfrenta novos e novos anteparos de collinas, de coqueiros, de mangaes, ahi se dilata, ancioso, pelos horizontes, livre, angustiosamente livre.

O' impressão desoladora dos taboleiros !

Creio que igual só poderemos ter nas *savanas* infinitas do Mississipi, nos *llanos* longinquos do Orenoco, nos *pampas* immensos do Grão Chaco, da Patagonia e do Rio Grande do Sul, nas *varzeas* amazonicas resultantes de alluviões millenarias, nas *charnecas* das Ardennas, nas *landes* da Gasconha e nas *steppes* moscovitas.

Mas pelo menos alguma cousa dá uma certa vida ás savanas: são os bandos numerosos de bisões.

Nos *llanos* tremedalescos dormem nas suas moradas suspensas os guaraunos libertos, e a palmeira leque, a *mauritia flexuosa*, avulta como uma esperança.

Nos pampas ha os corceis selvagens, os tuyúyús tristissimos e os cavalleiros fanfarrões.

Na varzea do Amazonas existe pelo menos a vegetação espan-tosa, inundada, alagoada, a *caa ygapé* dos tupis, dando a idéa de uma tela realista na qual um geologo de genio esboçara um trecho do remoto periodo quaternario.

Nas *emxaras* ou charnecas e nas *landes* gaulezas, ha rebanhos...

Ao passo que no plaino alagoano, na lhanura dos taboleiros, nada existe.

Só a solidão intensa das *steppes* moscovitas ou das *tundras* glaciaes, ou os oceanos de areia da África adurente, se lhe equiparam.

E' o deserto dolorosamente desconsolador. Nem um ser humano sequer. A alma do viajante desaggrega-se das cousas materiaes, e vôa em largos rebojos pela soledade infinita.

Só a grandiosidade divina das soberbas *cathedraes* gothicas se equipara á soberbia muda e immortal dos taboleiros alagoanos.

Dos *rhododendrons* do Spitzberg e da Islandia, á Italia lavada dos soes e salpicada de laranjaes, desde os medronheiros da Bretanha, as olaias de Portugal e a Provença de louras meninas e verdes loureiraes, até ás alturas do Caucaso e ás minas uralicas,

rarissimos scenarios poder-se-ão comparar aos dos nossos taboleiros.

Anda-se horas e horas por entre aquella mesma paizagem imutavel, desdobrando-se numa uniformidade sem igual.

*

* * *

O taboleiro é a região do sapezal, *anatherum bicine* das gramineas, entremeado de pobres mangabeiras, *apocynum hancornia* das apocyneas, ouricurys, *cocos coronata* das palmaceas, cajueiros bravos, *curatella americana* das dilleniaceas, capinzaes, *panicum capillaceum* das gramineas e carrascaes.

Mas algumas vezes o viajante encontra verdadeiros oasis, verdadeiras ilhas de verdura.

São capões.

E' o *cáa-apuam* do indigena, o matto redondo, cuja etymologia foi explicada por von Martius.

Se o caminheiro attentar para o capão, encontrará o pau lacre, *vismia*; o murici, *byrsinima chrysophylla* das malpighiaceas; o cabussú, uma leguminosa, e o barbatimão, *mimosa virginalis*, cujas vagens secas se enroscam de um modo curioso, diminuindo assim a extensão da parte exposta, como quem quer fugir ao sol e revelando portanto a genese do aspecto torturado da paizagem.

O heliotropismo das mattas, este desejo insaciavel de sol, esta busca anciosa de luz, que é tudo no mundo das florestas, ao chegar ás paragens secas das catingas e dos sertões e taboleiros, transforma-se em heliophobia. No primeiro caso é o amor ao sol; no segundo é o terror á immensa luz helica.

Que diferença exquisita !

E então as raizes vão cada vez mais mergulhando na terra sequiosa, afastando-se da superficie e, com ellas, os proprios caules. E' o pavor ao sol. Mas como os fructos não podem evitar o astro, afundando-se no seio da terra, enroscam-se dolorosamente, adquirem um perfil de lutadores exhaustos e assim demoram parados, secos, escaldados, agoniados...

O capão está para o taboleiro, assim como a clareira está para a floresta; elle é *alguma cousa* no meio do deserto; ella é *cousa alguma* no meio da matta. O primeiro preenche, a segunda desenche.

*

* * *

O taboleiro alagoano é plano como a planicie flamenga; mas não tem a graça, a alegria luminosa, as casas lindas e os campa-

narios imperiaes, onde velhos carrilhões dão horas sacerdotaes, cheias de uncção.

Em troca, é religioso, grandioso, magistral. Em quanto a planicie flamenga é no mesmo nível ou mais baixa que o mar, o taboleiro alagoano é muito mais alto que este; sobranceia o oceano. E fronteia-o ás vezes.

Surgiu na geologia com o genio já arrevezado.

Atravessou impressionadoramente a historia, açoutando-a com a violencia de seu pampeiro, estremecendo-a com o baquear de suas arvores, e illuminando-a com o clarão dos incendios nos sapzaes infinitos.

Hoje está morto.

Mas precisa renascer, resuscitar.

Seja este meu poema o clarim que ha de reunir os combatentes para a luta contra a natureza bravia dos taboleiros nataes !

Será um combate de dez, cem annos.

Que importa ?

Aquelle que quer fazer uma obra para a eternidade dos séculos, pouco se lhe dá gastar um anno ou cem annos que tenha.

A flora dos taboleiros ainda não se congregou, não se reuniu, não se disciplinou, para vencer o deserto; são vegetaes desunidos, isolados.

Pois precisamos disciplinal-os.

Como ?

Replantando e irrigando ou, pelo menos, açudeando o solo dos taboleiros.

Estão lá, envoltos na pureza estellaria dos horizontes.

A terra é esteril; a vegetação, maninha.

Mas tenho fé que no dia em que o Homem fôr, numa divina peregrinação, visital-a cheio de força e amor ao trabalho, a terra infecunda dos taboleiros ha de germinar em apotheoses floraes, em exuberancias de pagodes hindús, e será tão rica como rica nunca o foi terra alguma, e será tão fecunda como nem mesmo a Chanaan lendaria o foi.

E então se contará a lenda seguinte:

... A terra dos taboleiros era infecunda, mais núa que um rochedo, mais erma que um deserto.

Um dia, porém, veio um Príncipe louro e moço e alvo e rosado e risonho, que passou cavalgando o seu lindo corcel branco.

Seus olhos pareciam dois soes, seu riso parecia uma alvorada. O elmo brilhava como um astro e seu escudo era tão bonito que nem mesmo as sereias da lagôa viram uma cousa igual.

Quando o príncipe ia cantando velhas balladas ao clarão das estrelas, estas começavam a dizer:

— O' principe tão formoso, como nós todas seriamos felizes se fossemos tuas escravas !

E assim era elle, enamorado das estrellas, enamorado das meninas, enamorado do luar.

Mas elle foi galopando pela terra dos taboleiros em fóra.

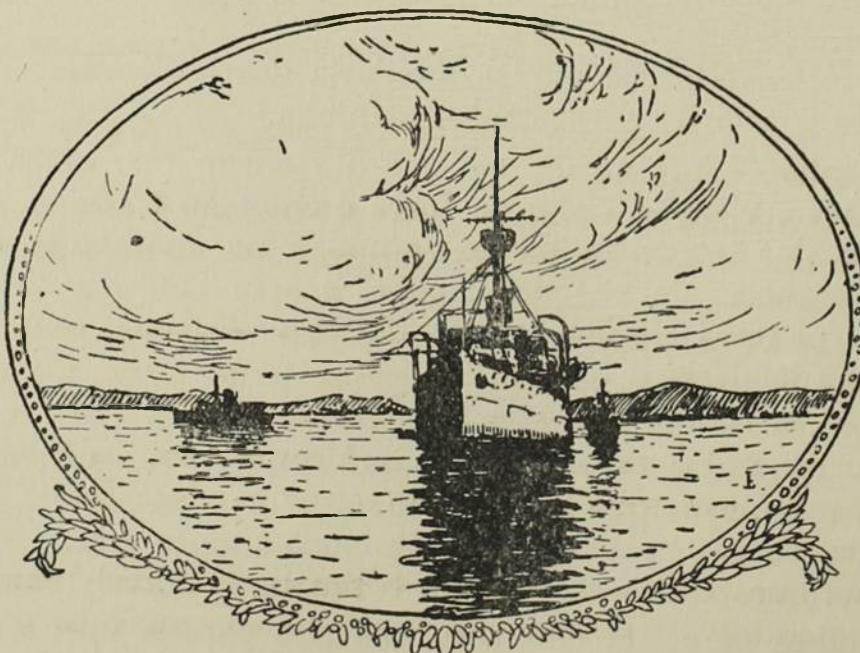
E por onde ia passando, a terra floria, desabotoava-se em florações divinas de pomares, de vinhedos, de casas lindas, de jardins risonhos. Cada maldição se transformava numa benção. Os carrascaes estereis, em laranjaes floridos. E cada mouta de sapé, num rosal entreabrindo as frescas rosas rubras...

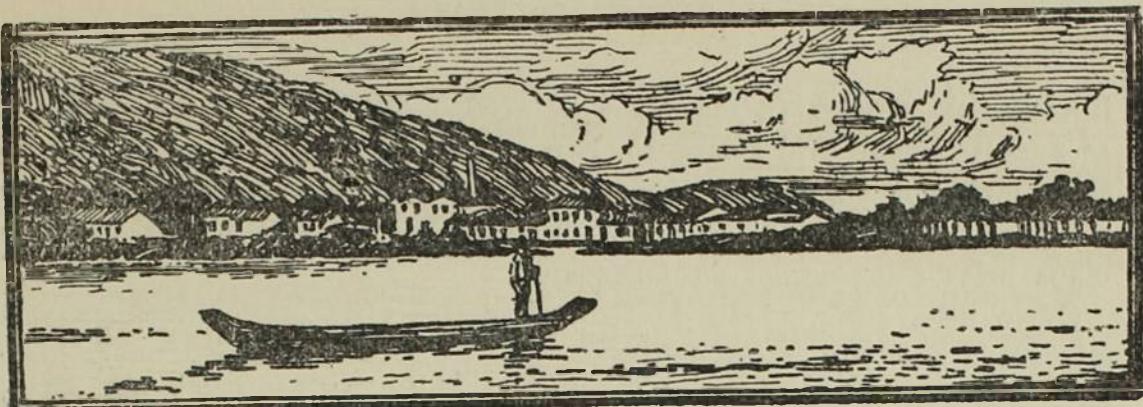
Sabe o leitor quem será esse principe encantado, mysterioso, alvo, luminoso, risonho ?

O Trabalho !

Não creio porém alcançar a epoca em que se dará o resurgimento floral das nossas planuras desertas.

Mas, quando ella chegar, ainda mesmo do Além, se fôra possível, minha alma se desfaria em sorrisos infinitos, em bençãos divinas para aquelles que transformaram a miseria dos taboleiros numa immensa prece florida á Natureza virginal, num Cantico dos Canticos formidavel, numa immensa oração immortal, eternizadora da Fartura, glorificadora do Idéal, inspiradora do Genio e exaltadora da Belleza...





NA BACIA DO PRATA

POR

ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO

(Conclusão)

30 de Agosto — Alta madrugada um som de busina me acordou; seguiu-se por momentos um ruido de vozes e depois silencio. Não sei porque o meu espirito divagou pelas regiões encantadas dos romances velhos; achei-me no tempo de Orlando, entre castellos e businas; e depois, profundo sonno veio apagar todas essas visões que alguns morcegos concorriam para *ilustrar* com o seu vôo de duendes.

Dormiamos ainda altas seis horas. Uma porção de cisco nos fez saltar do leito.

E' que varriam em cima a varanda e o cisco passava pelas frestas das taboas, cahindo sobre nós.

Que bons violinos deveriam dar estas taboas, pensei com os meus botões, estão por tal forma ressecadas que se afastaram mais de centimetro umas das outras.

D'ahi a pouco um apito estridente, vozes que se approximavam e depois passos que galgavam as escadas. Ao mesmo tempo batem á nossa porta. "D. João convida-vos para o café". Gostoso bom dia que nos trouxe o administrador da fazenda o sr. Salomão Alves Correia, um homem baixo, reforçado, de olhos pequeninos, nariz grande e cabeça chata; dir-se-hia um cearense.

Subimos; uma chicara de café, saborosissimo, fumegante, nos esperava. E já gulosamente o sorviamos quando um protesto partio do sr. Hœhne: "Perdão; para mim sem assucar".

Foi um escandalo. Desde D. João até os empregados (naturalmente os que haviam feito tanto barulho em trepar escadas), nenhum daquelles fa-

bricantes de assucar (a fazenda é de canna) queria se convencer de que se pudesse tomar café amargo. E o pobre Hoehne, muito vermelho, não sabia mais que explicações havia de dar da sua idiosyncrasia.

Sahimos em seguida, cada um para seu lado; antes porém corri os olhos pelas construções da fazenda.

Quem nella entre, vindo de Caceres, devisa-a de perto, numa estrada marginada por uma cerca de arame farpado e que conduz á ampla porteira com grades de pão a pique. Essa porteira dá acesso a um amplo pateo murado. A' direita, estende-se uma fila de casas baixas, em decadência, ocupadas por colonos (camaradas); depois destas casas e por detraz da ultima ha um curral onde é recolhido o gado pela manhã. Logo á frente uma porta onde se abatem as rães de consumo. Por fim vem o angulo cujos apparelhos são muito bons e modernos ainda que o motor seja a antiga rôda dagua A' esquerda, depois da entrada do portão, fica uma egreja, pelo flanco da qual passa um muro que vae encontrar o lado direito do edificio da fazenda, um grande sobrado quadrangular. Tudo isso coberto de telha nacional e, á excepção dos machinismos do engenho, datando de mil setecentos e pouco.

No engenho ha alambiques modernos para o fabrico de aguardente, a par dos fornos para assucar e rapadura.

Bellos cannaviaes circum davam as construções pelos lados N. E. e O. Boas mattas ainda existem por detraz destes.

*
* *

A's 9 horas, mal chegavamos com os resultados d'uma excursão preliminar e eramos convidados para o "almocinho". Os empregados eram pela segunda vez chamados a apito.

O "almocinho" não passava dum verdadeiro e completo almoço e D. João, respondendo ás minhas perguntas, informou-me que ao meio dia havia o verdadeiro almoço e que ás cinco horas ainda se jantava.

Que boa disposição! — 3 refeições por dia, sem contar os cafés e os caldos de canna de vez em quando. E effectivamente assim foi, com alguma admiração de minha parte, pois não estava habituado aos costumes das fazendas matto-grossenses.

31 de Agosto a 7 de Setembro — D. João da Villa é o nome do nosso amphitryão. O titulo revela um hespanhol de origem. Contudo D. João é hoje brasileiro, coronel da Guarda Nacional; e basta olhar para a sua physionomia para verificar-se nelle um homem de bom coração. A principio socio da primeira casa commercial de Caceres, passou depois á vida de laboura; e vive inteiramente entregue aos seus labores agrícolas.

A sua fazenda de Jacobina foi antiga propriedade da familia Pereira Leite, uma das principaes do estado e que uns louvam e outros maldizem. Certo, porém, é, ter sido grande o seu poderio. Um de seus membros,

João Carlos Leite, não duvidava em se desforrar, dentro do territorio boliviano, dos roubos de gado que ladrões daquellas bandas vinham commetter em terras das suas fazendas; por fim havia mesmo uma *entente* entre o governo boliviano e João Carlos; este entregava áquelle os mal feitores refugiados em Matto-Grosso; aquelle punia os ladrões depredadores de João Carlos.

Outra prova do poderio de João Carlos está no facto delle ter dado guarida, contra as disposições do imperio, ao autor da Sabinada, que viveu por muito tempo em Jacobina e ahi morreu, sendo enterrado na egreja da fazenda, donde ha bem pouco mandaram retirar seus ossos.

*
* *

As nossas palestras, durante as tres refeições do dia, davam margem de sobra para nos pôr ao corrente do gráo de desenvolvimento intellec-tual e moral dos nossos hospedeiros, que observamos com o unico intento de bem conhecer os nossos patricios nesta parte do continente Brasileiro.

Estavamos em contacto com homens bons, honestos e de apparencia timida,embora se percebesse nelles essa enfibratura resistente do sertanejo. A intelligencia do brasileiro ahi estava patente; entretanto, apezar disso, deixavam-se levar por contos inverosimeis, dando prova duma ingenuidade de creanças.

Certa vez, o administrador sahiu-se com esta:

“Quando os Senhores chegarem á matta da Poaya, hão de verificar se é ou não verdade o que lhes digo. Nas horas do pôr do sol, quando a gente vem voltando cançado para o rancho, ouve o grito dum companheiro. Pára, presta attenção; o grito se repete. Naturalmente dá resposta e vae em procura do companheiro. Chegado ao logar donde provinha o grito não vê nada, mas o grito se repete aqui para direita ou para esquerda; nova caminhada, outra vez o grito noutro logar; por mais que procure nada encontra.

E' o *Pé-de-Garrafa*; o rastro está no chão, tal qual o signal deixado no pó pelo fundo dumia garrafa. Se o poayeiro não é bom, está perdido, deu tantas voltas que nunca mais acha sahida. Um conhecido meu encontrou com esse “*Bicho*”. Tem a figura dum homem; é completamente cabelludo e só possue uma unica perna, a qual termina em casco em forma de fundo de garrafa. Eu nunca o vi, entretanto *vi e ouvi os gritos*; e os Senhores que vão á Matta da Poaya, hão de, pelo menos, vêr o rastro como eu”.

Eis ahi uma entidade digna da imaginação dum Hoffmann ou dum Gustavo Doré. Mas antes de tudo a sinceridade do “*conteur*” e a natureza do conto, tão châmente dado como viridico, comprovam de sobra o que acima ficou dito.

*
* *

Occupemo-nos um pouco dos camaradas: Havia em Jacobina uma cincozentena delles na sua maioria indios chiquitos ou descendentes de indios. Trabalhavam sob tarefas, começando o serviço ás duas da madrugada e acabando ás seis da tarde, por turmas que se substituam.

O contracto de cada um desses homens, correspondia de mil a dous mil réis por dia; os de dous mil réis tinham casa sómente e os restantes, casa e comida por conta da fazenda.

Os suprimentos eram feitos na propria fazenda.

Comtudo, sendo esse o contracto, succedia que cada um desses empregados representava, nos assentamentos da fazenda, um onus de um a dous contos de réis.

Queixou-se-me disso o proprietario; mas, o administrador declarou que, camarada sem dvida, era camarada perdido, pois ir-se-hia embora quando muito bem quizesse.

Vê-se por ahi que o systema é geral. O camarada sempre devedor; para se retirar duma fazenda para outra, precisa pagar primeiro a sua dvida. Esse pagamento é feito pelo novo patrão com quem o camarada continua sob o mesmo regimen.

O domingo e os feriados são, para essa gente, dias de festa e embriaguez.

A festa é chamada "Cururú" e consiste numa dansa executada ao som de 2 instrumentos muito rudimentares: Um "Cracachá" ou "gauzá" — gômo de bambú entalhado transversalmente e no qual esfregam uma pequena baqueta — é o substituto da matraca ou do chocalho; uma viola feita do lenho do "Urumbava" (*Catus candelabrus*) e cujas cordas são tiradas das tripas de ouriço ou coatis; as divisões da palheta dessa viola são repartidas de modo original.

O nome de "Cururú" pertence a um rato (*Ctenomys nattereri*) comum em Matto-Grosso, o qual tem por habito cavar galerias infindas sem outra direcção que as raizes que o animal pretende.

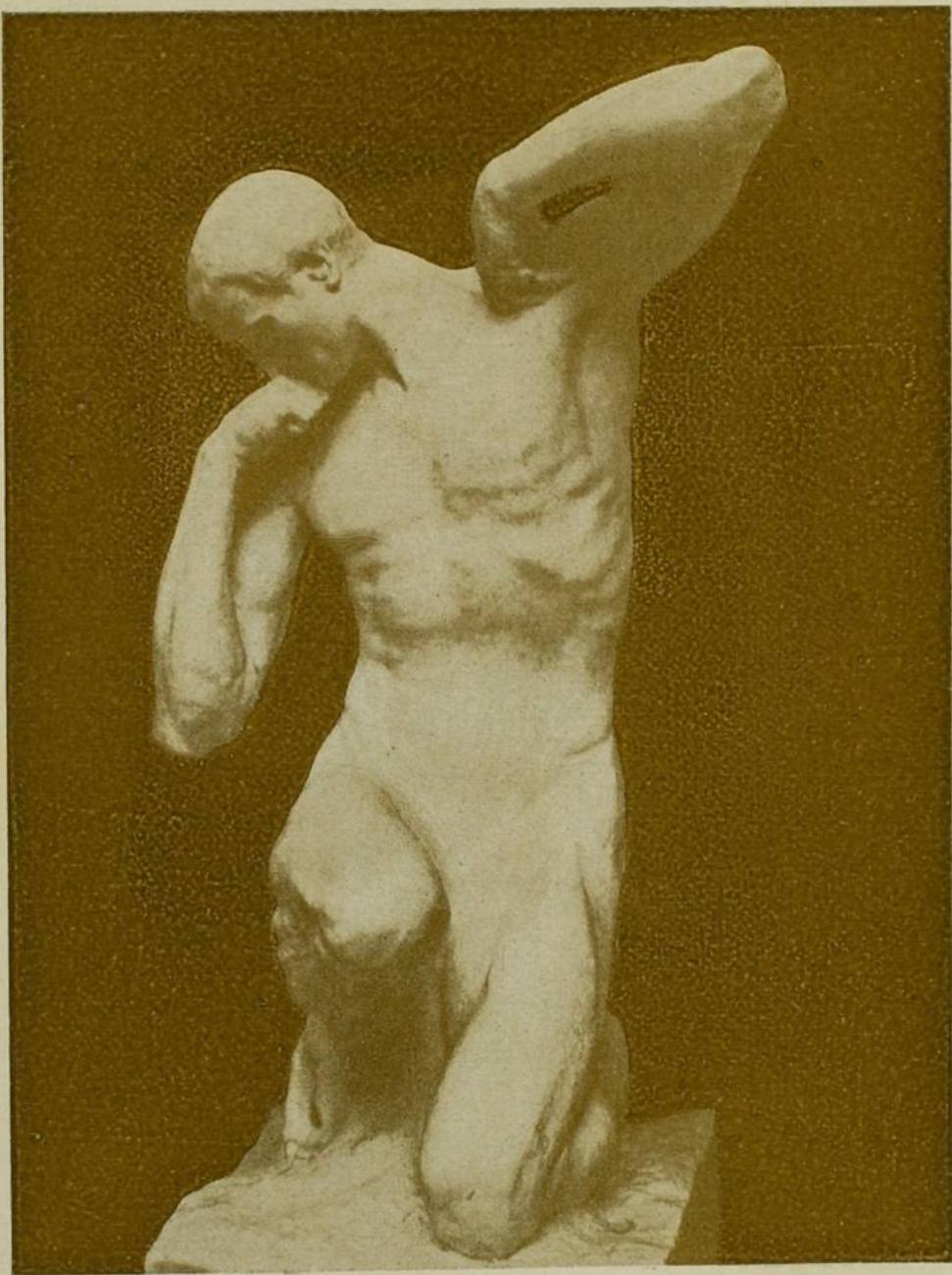
A analogia entre a dansa e o rato vem, pois, da galeria; qual esta ultima, a dansa não tem direcção e só termina quando todo o pessoal esteja em condição de não apreciar o fim da festa.

Em cantilena monotona com acompanhamento do "cracachá" e da viola, seguem os dansantes a um de fundo, descrevendo circulos incertos; á um lado do terreiro ou da sála ha um pôte de "chicha" ou aguardente; e os dansantes, a cada volta, fazem uma *vizita* ao referido pôte.

Já se veem claramente, as consequencias de tal "cururú". E não raro aparecem rixas serias que obrigam o fazendeiro a intervir no caso — quasi sempre com applicação do tronco.

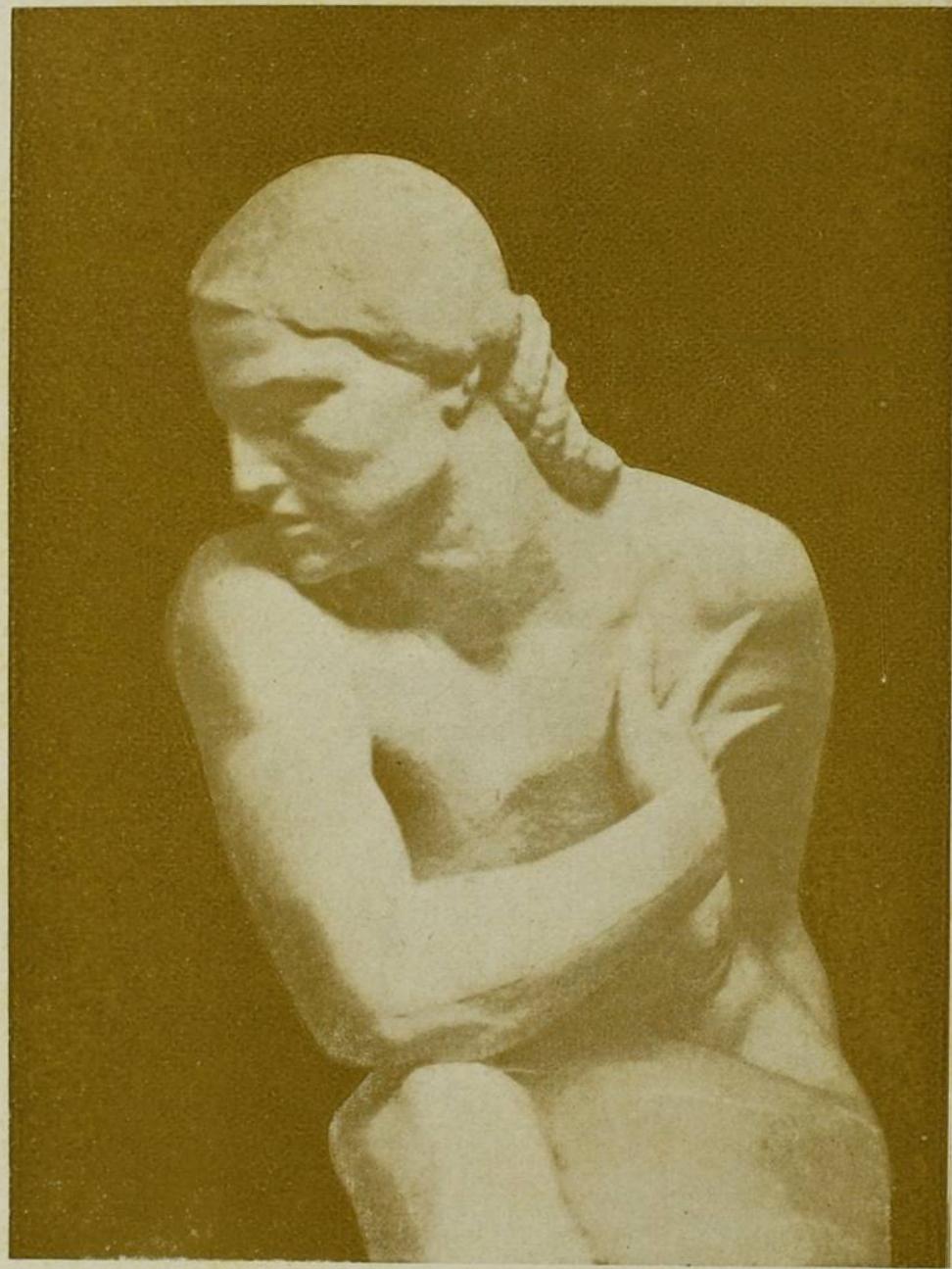
Uma vez, após um castigo destes, o castigado queixava-se amargamente, lamentando os excessos á que lhe fizera chegar a "chicha".

O DESPERTAR



Escultura de V. Brecheret

EVA



Escultura de V. Brecheret

Houve quem, batendo-lhe no hombro de modo confidencial, lhe perguntasse: "Mas, diga-me cá; que tal é o tronco? O homem endireitou-se olhou em torno de si como que para vêr se havia alguem demais e respondeu: "Ora, meu senhor, o tronco não é nada... os carrapatos é que são ellas!" (Textual).

Referia-se o desgraçado a uma especie de ácaro muito commun no estado e que vive no pó; não se agarra como os verdadeiros carrapatos (*Ixodes*) — morde e fóge. Existindo, porém em grande quantidade, atormentam por demais a quem não lhes pode fugir.

Por ahi se faz idéa do nível moral dessa gente.

Mas, voltando ao systema das dividas, não se creia o proprietario muito garantido e o unico a lucrar. E' muitissimo commun verem-se camaradas que se prevalecem da facilidade de saccar sobre o futuro e que, depois de se apanharem senhores de grandes sommas procuram por todos os meios serem despedidos. "Ficaremos livres das nossas dividas" diziam elles.

Eu proprio fui testemunha destes factos. E, infelizmente, fallando em sentido geral, não posso elogiar o proletario mattogrossense.

*
* *

Fôra informado da existencia de duas grutas perto de Jacobina. No dia 4 de Setembro fui visitar a mais distante — a do Quilombo.

O Quilombo é um sitio de propriedade da Sr^a. D.^a Rita Pereira Leite, residente em Caceres. Chegados ao Quilombo, eu e o Snr. Höhne, procuramos o feitor Indalecio e com elle seguimos para a gruta, cuja entrada está a uns 90 metros sobre o caminho que conduz ao sitio e no flanco occidental do morro que passa por deante do mesmo sitio.

A gruta mais parece uma cisterna. Ao prepararmo-nos para a descida, Indalecio declarou não nos acompanhar. De tres cães que eu trouxera, tambem só um *Terrier* desceu comnosco.

A inclinação do longo corredor era de 45 gráos, approximadamente. As pedras deslocadas pelas aguas offereciam pouco apoio e os espaços intermediarios, cheios de grossa camada de barro vermelho e excremento de morcego, ameaçavam ruir com o nosso peso. Para caminhar com mais segurança furei o capacete e no furo introduzi a véla que levava. Assim, com esse chapéo mineiro improvisado e as mãos livres, pude illuminar e vencer os obstaculos da descida.

Mais alto do que eu, Höhne luctava com maiores difficolidades, pois as stalactites ameaçavam-lhe constantemente a cabeça.

A certa altura o fosso se bifurcava dirigindo-se um ramo para a esquerda, enquanto o outro segue em linha recta.

Essa bifurcação se resolve, ulteriormente, com o encontro de um salão e depois de outro mais largo ainda, porém muito mais baixo.

No lado esquerdo do primeiro salão parte outra galeria com ramo N. e que também se bifurca logo adiante. Todos os credores, bem assim o ultimo compartimento, vão se abaixando e estreitando de modo a, por sim, não mais permittirem a passagem de um corpo humano.

Percorremos todos os meandros dessa gruta, cujo comprimento calculo em 60 metros, se tanto. E', pois, sem importancia. Já pensavamos em voltar quando uma sombra deslocando-se no calcario amarelo chaimou-me a attenção. Procurei-a e deparei com um bello exemplar de *Phryinus* que em vão tentou escapar-me. O Museu Nacional possue um unico exemplar, sem procedencia, desse pedipalpo; e em tal estado que só sua raridade o mantem nas collecções daquelle estabelecimento; era portanto duplamente valioso o achado.

Phryinus tem o aspecto duma aranha; é coriaceo, liso; tem o primeiro par de patas conformado quasi como o dos Louva-a-Deus e é provido de uma valente orla de espinhos e de um aguilhão terminal. O segundo é, ao contrario, filiforme, muito longo e serve como orgão do tacto. De longe o *Phryinus* verifica, por meio dessas patas, a natureza do objecto que pretende reconhecer.

*

* *

Ao chegarmos á entrada estavamos alagados, tal a temperatura do interior da gruta.

Despedimo-nos de Indalecio e seguimos para Jacobina. A' beira dum corrego paramos e, ao beber agua senti ligeiro ardor no ante-braço esquerdo: um circulo violaceo, limitado por uma circumferencia denegrida e tendo o centro também denegrido fez-me estremecer; o seu diametro era de um centimetro; toquei-o — inteiramente sem dôr. Que viria a ser aquillo? Uma pustula maligna? Fôra a idéa do carbunculo que me fizera estremecer. Caminhei apprehensivo para casa, onde o Sr. Salomão, ao ver aquella exquisita macula, disse logo: "Isso é Tatá".

Tatá é um nome indígena que significa fogo. Os matto-grossenses, porém, chamam de *Tatá* a uma abelha do genero *Mellipona*; tem essa abelha outro nome, em portuguez, o qual termina também em *fogo* e que, naturalistas estrangeiros, ou por malicia, ou por não saberem o que significava, passaram inteiro para o dominio da zoologia.

Mas não ha duvida nenhuma que faz lembrar o fogo, o que sahe do tal bichinho... e o meu susto terminou com uma gargalhada.

No dia 5 fomos á outra gruta, a qual era apontada como tendo servido de refugio ao Dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira.

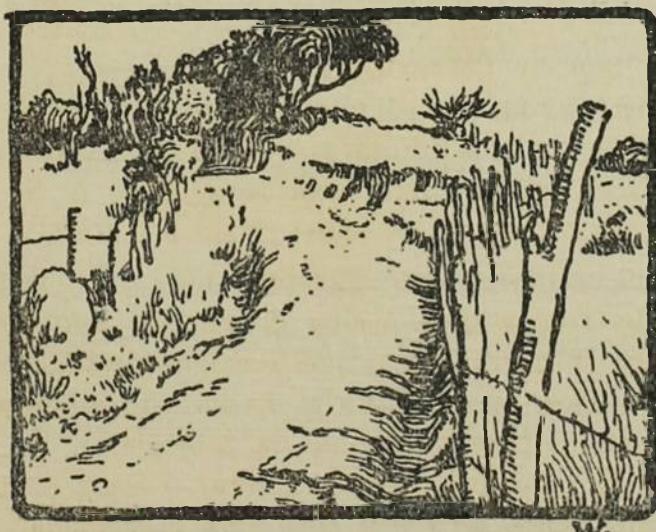
O seu nome é: "Lóca da Onça". Entra-se por um grande vestibulo funicular, em apparencia completamente fechado, mas no fundo do qual

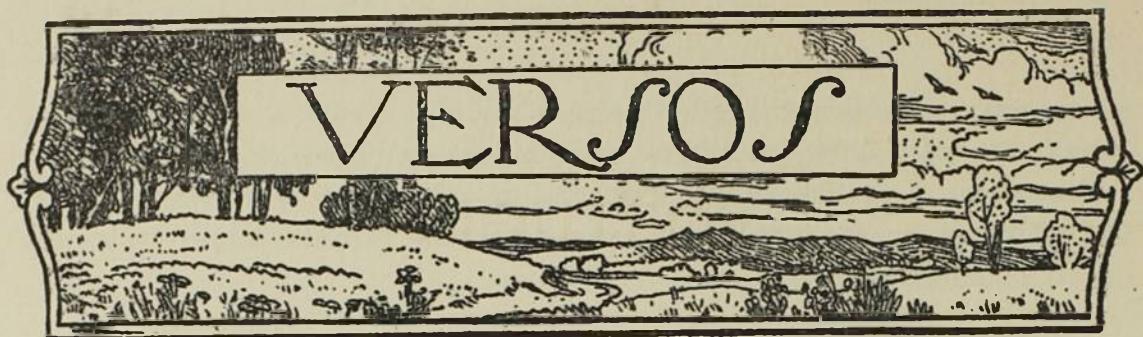
se encontra uma pequena abertura por onde se desce a uma especie de antecamara para subir, depois, a um compartimento maior.

Com quanto a inclinação das camadas de calcareo seja a mesma da do Quilombo, já se encontra, aqui, uma superficie menos obliqua para sólo dos 3 compartimentos.

*
* *

No dia 6 o geologo, que havia ido ás Flechas, chegou a Jacobina. A 7, cheios de gratidão pelo tratamento e auxilio que nos dispensára D. João da Vila, voltamos para Caceres. Aproveitamos ainda o ensejo para adquirirmos montarias em Jacobina e entramos na cidade com outros planos e outras esperanças.





DE
THALES DE MELLO

O ULTIMO PECCADO

*Paro, sem forças, no áspero caminho
Da vida... Envelheci, depressa! e, exhausto
Da fadiga, por ultimo holocausto,
Quero-te inteira para o meu carinho.*

*Remoçarei satanico e mesquinho,
No milagre diabolico de Fausto;
E dos teus labios sorverei, num hausto
De amor, teu beijo que será meu vinho.*

*E cairás nos meus braços, de repente...
Desesperados, meus cinco sentidos
Farão meu corpo cada vez mais quente.*

*E, olhos vitreos e musculos em furia,
Morrerei, entre insultos e rugidos,
Na inconsciencia do gozo e da luxuria.*

PORtUGAL

*Eram gritos de guerra echoando espaço fóra;
Conquistadoras náus rompendo o largo oceano;
E o lenho do Senhor, que os ánimos vigora,
Na peregrinação pelo solo africano...*

*E, agóra, Portugal? Tudo mudado, agóra.
Apenas te ficou, de tanto ardor insano,
O tom plangente da guitarra e a voz sonora,
Que, no fado, traduz todo o supplicio humano.*

*Em coração diverso os costumes diversos...
Onde a heroica altivez dos teus dias sem calma,
Em Ceuta, Aljubarróta ou Alcácer-Kibir?...*

*E' que sentindo e amando, entre beijos e versos,
Avivas a saudade e fortaleces a alma,
Para o esplendor triumphal das éras que hão de vir!*

AMBIÇÃO

*Na incerteza em que vivo, na illusoria
E dolorosa angustia em que me vejo,
Oscillo, entre o desánimo e o desejo,
Numa vaga esperança de victoria.*

*Amo-te, loucamente. Amo-te! e almejo,
O' namorada e inattingivel Gloria,
Sentir, na minha fronte merencorea,
A divina doçura do teu beijo.*

*Martyriso-me, na intima tortura
Dos poetas — desespêro que sublimas,
Sonho impossivel que me transfigura.*

*E vendo que de mim não te approximas,
No desconsolo desta vida obscura,
Envelheço, entre lágrimas e rimas...*

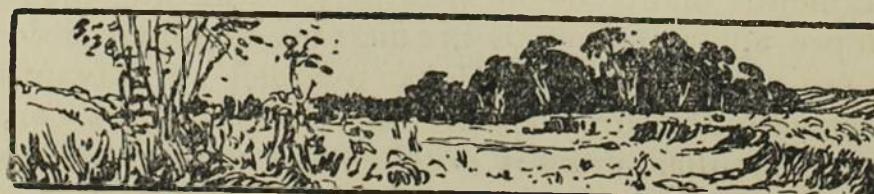
AMOR

*Chegas, trêmula vens, quase chorando.
Parto, pálido vou, quase sorrindo.
Desejas-me e procúras-me, chegando.
Adóro-te e bemdigo-te, partindo.*

*Meu duro coração torna-se brando,
Mal te adivinha o corpo esbelto e lindo.
Porque me queres, vives-me buscando... .
Porque te quero, vivo-te fugindo...*

*Mas, um dia, um encontro. Frente a frente,
Nós dois: — tu, commovida e enamorada,
Eu, amorosamente afflictio e mudo.*

*E nesse doce idyllio, de repente,
As nossas boccas não nos dizem nada,
Para que os nossos olhos digam tudo.*





O SEGREDO DE MAUER

POR

E. ROQUETTE PINTO

Todos os viajantes que o pequeno vapor levava a bordo, andavam intrigados com a exquisita figura do naturalista Mauer. Nos primeiros dias, elle foi apenas notado, de manhã, quando passava no tombadilho, duro, abanando, seccamente, a cabeça para as senhoras com quem cruzava sua marcha hygienica; e passando, sem um signal de cortezia, pelos senhores.

Aos poucos foi-se formando, na sociedade mexiriqueira de um navio brasileiro repleto, uma athmosphera de surda antipathia, que rodeava o pobre russo como nuvem borrascosa. O desagrado de sua presença porejava de todos os lados. As matronas, estiradas em cadeiras de vime, cobertas de agasalho, para affrontar os ventos frios de Julho nas costas meridionaes, armavam muxôxos á passagem de Mauer; as meninas cochichavam e sorriam, olhando acintosamente para os grandes pés do naturalista, cheios de montes e valles que o calçado ainda mais accentuava. As crianças mesmo, que a principio elle acriava, começaram a fugir do seu afago.

Mauer não se dava por achado. Continuava, como si tivesse um chronometro atarrachado nas circumvoluções cerebraes, religiosamente, astronomicamente, a mesma vida. Parecia não se importar absolutamente com o que lhe faziam, ou antes, com o que deixavam de lhe fazer...

Seus modos, porém, fóra da reserva habitual e da frieza costumeira, eram polidos. Mauer tinha linha. Agradou-me seu comportamento diante da meia-injustiça com que meus patri-cios, sempre amaveis para os insinuantes cavalheiros de industria que por ahi andam a "explorar o Brasil", tratavam aquelle homem sizudo. Procurei-o. Falei-lhe. Entabolamos conversa.

E, em alguns dias, eramos excellentes camaradas. Continuou arredio dos outros passageiros; nunca me fez a menor recrimi-

nação. Confirmou seus dotes de educação. Eu, por minha vez, ganhei excellente palestra. Mauer era adoravel conversador. Armazenára muita coisa em longas viajantes, por terras mal conhecidas, entre gente de costumes estranhos e insolitos, Uma noite em que ficámos sós no convez, fumando muito, falando pouco e olhando cheios de saudade o céo e a lua, Mauer contou-me, quasi que expontaneamente, mal eu o animára, o grande segredo de sua vida. Pois não é certo que cada vida tem o seu segredo? E não ha vidas que tem pencas de segredos?

Mauer matára um homem, no interior da Bolivia...

— Matou um homem?

— E' verdade. Matei o pai de meu filho...

— !?

*

* *

— Já lhe disse, continuou o russo, que desde meus dezoito annos levo uma vida erradia. Nasci em Nijni-Novgorod, onde pratiquei na arte de empalhar animaes com um sabio austriaco que lá vivia morrendo de fome... Corri a Siberia, a Mandchuria, a Coréa, colleccionando para o Museu da Universidade de S. Petersburgo... Depois parti para a America. Gastei dois annos na Amazonia e cheguei á Bolivia. A maior parte de minha existencia passei ahi. E a minha estadia nas quebradas da província de Munhecas teria sido muito mais longa si não fosse o triste incidente.

Cansado de andar atraz de borboletas e veados, para espetar as primeiras em caixas de madeira mólle e esticar os couros dos outros em varões de ferro, empreguei-me na mineração. O ouro de lavagem era pouco. Mas, como ninguem se dava ao trabalho de o retirar do riacho, ficava todo para mim... O resto da população da villa de Curvas era quasi todo feminino. Curvas é o grande centro populoso da região dos Callayualas, os mais interessantes, para mim, dos actuaes bolivianos... Esses Callayualas não são aimaráis nem kechuas; falam lingua propria, individual, e tem costumes caracteristicos. E' gente toda especial. Vive isolada nas montanhas e, por outro lado, merecem bem o nome de "ciganos da America do Sul" com que foram alcunhados. Parece paradoxo, não é verdade? Pois, de facto, não o é.

Em quanto as mulheres não arredam pé de casa, os homens vivem a viajar. Citam-se alguns que têm passado quatro e cinco annos longe dos seus, voltando depois carregados de dinheiro e de coisas. Em geral praticam a medicina. Levam sempre

comsigo uma bolsa enfeitada onde agasalham as drogas do matto, que vendem por bom preço á gente credula de toda parte. Até mesmo em grandes cidades fazem clientela extensa... ou antes, principalmente ahi... Conhece gente mais tola que a gente das cidades?

Os Callayualas sabem coisas terríveis para despertar o amôr, ou para fazer descer aos corações infelizes a tréva benefica do esquecimento... Os que não se fazem medicos ambulantes, praticam outra profissão nomade tambem: são tropeiros, ou antes, guias das tropas que annualmente vão da província argentina de Jujuhy para os planaltos bolivianos. E quer saber como conseguem fazer caminhar as mulas **chúcaras** pelos desfiladeiros andinos? Veja que gente sabida: tapando os ouvidos das bestas com rolhas de barro e pondo-lhes antólihos... Sem ouvir, quasi sem ver, os bichos ficam segregados do ambiente, não recebem impressões fortes, não escutam as torrentes ribombantes, não vêm os precipícios, não disparam, nem dispersam...

Eu morava em Curvas havia alguns mezes. Acostumei-me depressa á vida do lugar...

Depois, no meio de tanta mulher, a existencia corria sem grandes incidentes, porém meiga e suave...

Entre as indias mais lindas havia uma, intelligente tecelã, com quem fiz excellentes relações. Aos poucos, ou antes, aos muitos, nossa intimidade cresceu sob as vistas do esposo... E quando elle partiu para Jujuhy, com a sacola de remedios e bugigangas, entregou-me, de acordo com o velho costume de sua gente, para que eu a protegesse, em todo sentido, a sua interessante esposa... Interessante, digo mal... Não estava... Foi mais tarde...

Dois annos se passaram sem que o meu amigo desse o minimo signal de vida. Nossa existencia corria serena e doce. Chuntála era delicada e meiga, bôa e carinhosa. Suas caricias eram doces como o leite das lhamas...

No fim daquelle tempo, nosso amôr, ainda de acordo com o mesmo costume nacional, abrolhou num lindo rebento. Chuntála foi mäi de um pequerrucho lindo. E eu que passara o tempo a matar os filhotes de tantos bichos encontrados no meu caminho, conheci as alegrias de ser pai...

A criança cresceu viva e alegre. E o indio não voltava. O meu ouro ia tambem augmentando dentro do saquinho de couro onde o guardava.

Ensinava a Chuntála, cujo espirito alerta recebia com soffreguidão tudo o que eu dizia. Adorava meu filho. Mais dois annos se passaram. Nada. O marido certo não voltaria, como

tantos outros — morto no caminho, ou preso pelas delicias ignobres de alguma cidade grande... Tanto melhor.

O pequeno não me largava. Companheiro do meu trabalho diario nem parecia soffrer das caminhadas, com seus passinhos mal seguros...

Muitas vezes fazia meus projectos de futuro... Mais um anno de espera e então, rico, adorando e adorado, partiria para a Europa, levando o meu romance vivo... A' noite, Sergio dormia no meu collo... Porque não consenti que lhe dessem um nome barbáro... Para mim era Sergio, nome de meu pai... Foi o tempo mais feliz da minha vida!...

— Nesse ponto, Mauer parou de fallar, suspirou profundamente e mergulhou em profunda scisma, olhando fixamente o infinito espaço escuro que se alongava diante de nós, debaixo das estrias do luar.

— E depois? como acabou a historia?

— Depois, disse elle... Um bello dia voltou o indio a Curvas... Chuntála, conforme as tradições de seus maiores, recebeu o marido com o mesmo carjinho que me dispensava... Parecia que eu jamais tinha atravessado sua existencia... Recebeu o marido como si fosse o pai do pequeno...

Abandonou-me no mesmo dia, fisonha, agradecendo-me muito o bom tratamento que lhe déra na ausencia do outro...

— Ah! As mulheres...

— As mulheres não têm culpa. A natureza as escolheu para conservar os typos e as tradições...

— Comtudo...

— No dia seguinte tambem elle correu, muito satisfeito, a agradecer-me a maneira por que lhe tinha tomado conta, á esposa amada. Encontrava Chuntála nédia, limpa, bem vestida, educada, e ainda por cima achára no seu lar um lindo filho... Um encanto! Elle, que durante alguns annos suspirara, em vão, por um filho, que já estava desesperançado de vêr em sua casa um riso de criança, quasi chorou de alegria, o animal...

— Quantos Callayhualas existem por ahi, pelas cidades civilisadas?

— O desgraçado dizia-se “pai” do meu adorado filho! “Pai”, meu amigo!...

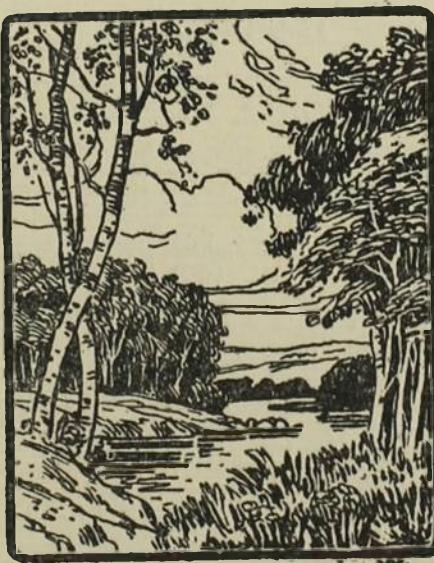
Era a lei. Era o costume secular da tribu... O protector temporario da esposa devia deixar, ao casal, os filhos que nascessem na ausencia do marido...

Exigiu a criança, que não me tinha querido ainda largar. Ella, Chuntála, veio interceder para que lh'o entregasse. Sentia muito desgostar-me, porém, o “pai”... era o outro!

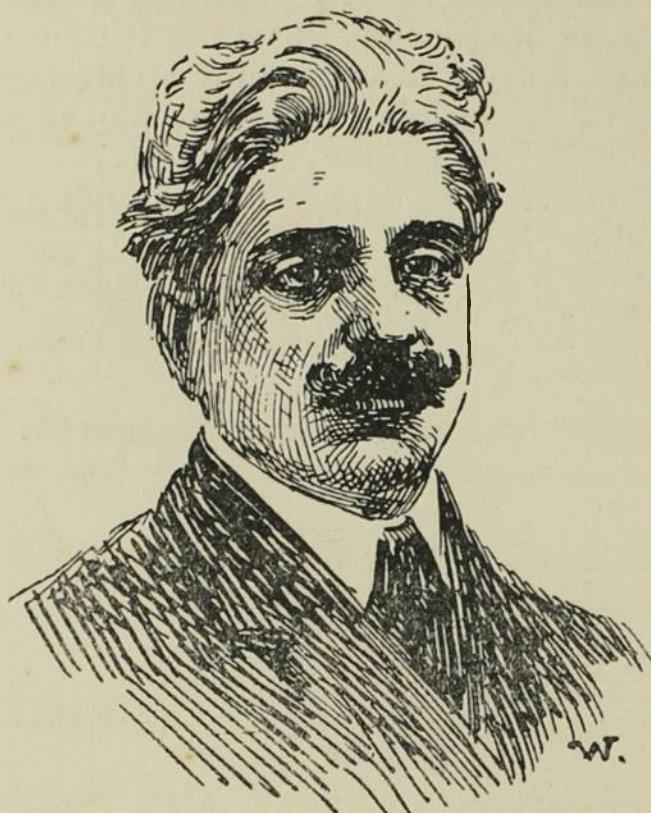
Revoltado, indignado, prompto a levar até á violencia o meu direito áquella criança loura, em cujos traços revi a face carinhosa de minha māi, recusei... Para encurtar. Uma noite o indio, pé ante pé, chegou á casinha onde eu morava. Saltou uma janella. Espertei, ouvindo o ruido, e vi o seu vulto illuminado pelo luar da meia noite, muito placido. Fazia um frio horrivel. Tomei da minha espingarda, que ficava sempre ao alcance das mãos... Elle se abeirou de mansinho, da esteira do meu filho... Não vi mais nada... Dei ao gatilho... Matei...

Matei o "pai" do meu filho... disse Mauer arregaçando os labios, com os dentes cerrados...

De novo fixou ao longe o olhar duro; parecia estar vendo, na escuridão, plasmarem-se imagens remotas, esgarçadas pelo tempo e pela distancia...



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



OSWALDO CRUZ

Successor de Raymundo Corrêa na cadeira n. 5 de que é patrono Bernardo Guimarães. Nasceu em S. Luiz do Parahytinga, Estado de São Paulo, a 5 de Agosto de 1872 e faleceu no Rio de Janeiro a 11 de Fevereiro de 1917.

Bibliographia

1 THESE APRESENTADA Á FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO — em 8 de Novembro de 1892 (aprovada com distinção) — Dissertação (Cadeira de Hygiene e mesologia) — A vehiculação microbiana pelas aguas — 152 paginas (além das proposições) Rio, Typ. da Papelaria Impressora — 1893.

2 UN NOUVEL APPAREIL, POUR LA RÉCOLTE DES EAUX Á DIFFÉRENTES PROFONDEURS POUR L'ANALYSE DES MICROBES — Rio, Typ. Leuzinger Filhos — 1893.

3 RELATORIO ACERCA DA MOLESTIA REINANTE EM SANTOS EM 1899 — Rio, 1900.

4 A VACCINAÇÃO ANTI-PESTOSA (trabalho do Instituto Manguinhos) 44 pgs. — Rio, Besnard Frères — 1901.

5 CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DOS CULICIDIOS (trabalho do Instituto de Manguinhos) 15 pgs. Rio, Typ. Besnard Frères — 1901.

6 DOS ACCIDENTES EM SOROTHERAPIA (trabalho do Instituto de Manguinhos) 65 pgs. Rio, Typ. Besnard Frères — 1902.

7 PESTE — (trabalho do Instituto de Manguinhos) 37 pgs. — Rio, Typ. Besnard Frères — 1906.

8 RELATORIO APRESENTADO AO MINISTRO DR. J. J. SEABRA (Directoria da Saude Publica, anno 1904) — Rio, Imprensa Nacional — 1905.

9 IDEM (anno 1905) — Os relatorios são de 1903 a 1908, mas só pos-súo os referentes aos annos de 1904 e 1906.

10 RELATORIO APRESENTADO AO MINISTRO DR. A. TAVARES DE LYRA (Directoria da Saude Publica — anno 1906) — Rio, Imprensa Nacional 1907.

11 UMA NOVA ESPECIE DO GENERO PSOROPHORA (traba-lho do Instituto Manguinhos) 9 pgs. — Rio, Typ. Besnard Frères — 1907.

12 UM NOVO GENERO DA SUB-FAMILIA ANOPHELINÆ (tra-balho do Instituto de Manguinhos) 10 pgs. — Rio, typ. Besnard Frères, 1907.

13 PROPHYLAXIA DA FEBRE AMARELLA (memoria apresenta-da ao 4.^o Congresso Medico Latino-American) 16 pgs. Rio — Typ. do Jornal do Commercio — 1909.

14 SANEAMENTO DA BACIA DO RIO MADEIRA (Construcçao de estradas de ferro em regiões insalubres) — relatorio — Rio, Typ. Jor-nal do Commercio, 1913.

15 THE SANITATION OF RIO.

16 RELATORIO APRESENTADO À CONVENÇÃO SANITARIA INTERNACIONAL.

17 PROPHYLAXIA OF MALARIA IN CENTRAL AND SOUT-HERN BRASIL.

18 MADEIRA-MAMORÉ RAILWAY COMPANY.

19 CONDIÇÕES MEDICO-SANITARIAS DO AMAZONAS.

A sua collaboração em revistas e jornaes é abundante, principalmente nas revistas scientificas nacionaes e estrangeiras. Encontram-se, no *Brasil Medico*: Um caso de bocio exophthalmologico em individuo do sexo masculino (1891) — Um microbio das aguas putrefactas encontrado nas aguas do abastecimento da nossa cidade (1892) — O acido picrico como reactivo da albumina — As condições hygienicas e o estado sanitario da Gavea-Contribuição para o estudo da microbiologia tropical e Os esgotos da Gavea (1894) — La recherche du sperme par la réaction de Florence; Uma visita á secção de preparo de sôros therapeuticos do Instituto Pasteur de Paris (1898) — Contribuição para o estudo da curva leucocytaria nas infecções e intoxicações (1900) — Contribuição para o estudo dos culicidios no Rio de Janeiro; A vaccinação anti-pestosa (1901) — Dos accidentes em sorotherapia (1902).

Annuario Medico-Brasileiro do dr. Carlos Costa: — O bacillo de Koch (Estudo critico da these do dr. José Rocho) (1893); *Archivo di Psy-*

chiatria, Scienze Penale ed Antropologia de Lombroso: Delitti negli animali (1897); *Annales d'Hygiène Publique et Médécine Légale*: La recherche du sperme per la réation de Florence; Études sur la recherche de l'empoisonnement par le gaz d'éclairage; Étude toxicologique de la ricine (1898); *Zeitschrift für Wissenschaftliche Mikroskopie und für Mikroskopische Technik*: Ein einfacher Waschapparat für mikroskopische Zweck (1893); *Archives de Médécine Expérimentale et d'Anatomie Pathologique*: Les alterations histologiques dans l'empoisonnement par la ricine (1899); *Annaes do 4.º Congresso de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro*: Sobre o valor do diagnostico microscopico da peste (1900); *Annaes do 4.º Congresso Medico Latino-American*: Prophylaxia da febre amarela; *Imparcial* (n.º 211 de 3 — 9 — 913): Uma questão de hygiene social — “Lepra”; *Revista da Academia Brasileira de Letras*: Elogio de Raymundo Corrêa (n. 11, pagina 103). Encontra-se tambem esse discurso na *Revista Americana*, numero de Julho-Agosto de 1913, pag. 1.

O seu retrato é facilmente encontrado em revistas, jornaes e em avulsos. Um dos melhores é o que vem no *Brésil contemporain* do dr. P. Rovelly.

Fontes para o estudo critico

- 1 *Afranio Peixoto* — Discurso de recepção, n. 11 da R. da Academia Brasileira de Letras ou em “Poeira da estrada”.
- 2 *Ruy Barbosa* — Oswaldo Cruz, conferencia no Theatro Municipal do Rio a 28 de Maio de 1917 — Revista do Brasil n. 19 (Julho 1917).
- 3 *Arthur Neiva* — Discurso pronunciado na S. de Medicina e Cirurgia de S. Paulo (1917) Revista do Brasil n. 15 (Março 1917).
- 4 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia em 1915, pag. 437.
- 5 *Nestor Victor* — A critica de homem, pag. 311.
- 6 *Aloysio de Castro* — Discurso na Academia (elogio) Revista Americana n. 8, de Maio de 1919.
- 7 *Revista do Brasil*: — A Argentina e O. Cruz — n. 19 (julho 1917).
- 8 *Almanack Garnier de 1909*, pag. 168.
- 9 *O Estado de S. Paulo* de 12 de Fevereiro de 1917 e, em geral, todos os jornaes do Brasil, após a sua morte.
- 10 *Dr. P. Rovelly* — Le Brésil contemporain, 1er. vol.
- 11 *Aloysio de Castro* — Ultimas allocuções, pag. 83.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico.

Suscitou muita discussão o acto da Academia Brasileira de Letras, elegendo o notavel scientista dr. Oswaldo Gonçalves Cruz para a cadeira de Bernardo Guimarães, como successor de Raymundo Corrêa.

Foi o facto largamente discutido pela imprensa, desde a eleição a 11 de Maio de 1912, onde logrou 12 votos contra 10 conferidos a Emilio de Menezes, até á recepção a 26 de Junho de 1913. E da critica acerba salienta-se o artigo de Nestor Victor que foi enfeixado em volume "A critica de hontem".

Operou-se a reacção, surgindo a defesa que pôde ser consubstanciada no habil discurso de Afranio Peixoto, ao dar-lhe as bôas vindas no dia da posse do novo academico.

Entre os argumentos dos defensores da ideia que não foi, seja dito de passagem, pela primeira vez realisada no recinto do Syllogêo, destacam-se o exemplo da Academia Franceza, o pensamento da homenagem aos mais altos expoentes da nossa cultura em geral, o criterio de muitos escriptores, criticos principalmente, que incluem as obras scientificas e philosophicas entre as que constituem a litteratura de um paiz.

O modo de proceder da Academia Franceza, aliás coerente, por estar de accordo com o espirito da organisação do Instituto de França, tornou-se tradicional e mereceu entre nós a sympathia e adhesão de Joaquim Nabuco, no discurso inaugural. O Instituto divide-se em cinco classes ou academias: Franceza, das Sciencias, das Inscripções e Bellas-Letras, das Sciencias moraes e politicas e das Bellas Artes.

Objecto que a primeira denomina-se Academia Franceza, simplesmente, sem o complemento restrictivo ou adjuncto attributivo. — *de letras*, como succede com a nossa; accrescendo ainda a circumstancia de existir a "Academia de Inscripções e Bellas Letras". Pode-se assim admittir que, ao lado dos homens representativos da litteratura propriamente dita, estejam glorias nacionaes como Pasteur, D'Alembert, Claude Bernard, Littré, Vicq-d'Azir, Lesseps, J. B. Dumas, Bertrand, Berthellot, Poincaré, Joffre, entre outros. Não é o nosso caso, embora seja Oswaldo Cruz digno e merecedor das mais significativas e honrosas homenagens.

Seria louvavel a ideia de instituirmos outras academias ou corporações que glorifiquem os grandes homens em vida, proporcionando-lhes ensejo de prestarem relevantes serviços á Patria, dentro da orbita das suas especialidades. A congregação heterogênea de poetas e generaes, romancistas e jurisconsultos, historiadores e scientistas, jornalistas e philosophos, determina a falta de methodo no trabalho e confusão de ideias e decisões.

Ninguem se lembrou ainda de incluir na Academia Nacional de Medicina um estadista, um poeta ou um engenheiro, por maior que seja o seu titulo de benemerencia.

Tambem o criterio geralmente seguido pelos allemaes que consideram todos os ramos do saber humano, divulgados por escriptos, em lingua vernacula, como fazendo parte integrante da litteratura, não é acceitavel. Esse autores denominam a litteratura, segundo a nossa concepção, de *bel-letristica*. Foi essa a orientação de Sylvio Romero.

A Academia de Letras devia ser composta exclusivamente de cultores das bellas letras, dividida em tantas secções quantos sejam considerados

os departamentos da litteratura: poesia, romance, theatro, critica etc. Outras corporações seriam destinadas ás sciencias positivas, ás sciencias aplicadas, á philosophia, á historia e geographia, ás artes etc.

Semelhante divisão contribuiria fatalmente para dar incremento aos diferentes departamentos da cultura intellectual, permittiria maior estimulo aos homens privados de condecorações e titulos nobiliarchicos e daria ensejo a estudos de caracter especial, particularisando e aperfeiçoando a acção dos homens de merito real.

Não pretendo com essa digressão menoscabar o valor indiscutivel do brasileiro consagrado pelo Instituto de Manguinhos e pela orientação proficia na Directoria da Saude Publica, os seus mais relevantes meritos, as suas verdadeiras glorias.

Mas cumpre-me volver a attenção para o grande vulto que foi Oswaldo Cruz, mesmo por ser restricto o desenvolvimento da presente noticia.

Filho de D. Amelia Bulhões Cruz e do dr. Bento Gonçalves Cruz que desempenhou as funcções de inspector geral de hygiene, nasceu o illustre homem de sciencias em S. Luiz do Parahytinga, (Estado de S. Paulo) a 5 de Agosto de 1872, falecendo com 45 annos de idade, em pleno vigor de talento e quando podia ainda prestar relevantes e inestimaveis serviços ao Brasil.

Foi educado no Rio de Janeiro onde fez estudos preparatorios e superiores, recebendo o grão de doutor em medicina pela Faculdade do Rio, em 1892, com 20 annos, merecendo a sua these inaugural "A vehiculação microbiana pelas aguas" ser aprovada com distincção.

No prefacio da sua primeira obra scientifica explica-nos o autor como lhe surgiu a vocação para os estudos de microbiologia.

Ainda estudante foi ajudante de preparador do laboratorio de hygiene, onde trabalhou até Maio de 1890 com os proiectos e illustrados professores drs. Rocha Faria e Ernesto do Nascimento Silva, passando então para o laboratorio do Instituto Nacional de Hygiene, na qualidade de auxiliar, sempre dedicado aos estudos e ensaios de bacteriologia.

A these do dr. Oswaldo Cruz divide-se em introducção e tres partes. Na introducção elle esboça um estudo critico comparativo dos diversos apparelhos destinados a colher amostras de agua em diversas profundidades e apresenta um por elle imaginado. Mereceu esse invento uma pequena monographia escripta em frances.

As tres partes são: *A agua e os microbios*, *Prophylaxia geral contra a infecção pelas aguas* (onde apresentou um novo typo de filtro domiciliar) e *Exposição dos processos de technica*, finalmente as proposições.

Concluindo o seu curso scientifico dirigiu-se a Pariz onde trabalhou durante 3 annos (1896 a 1899) no Instituto Pasteur, ao lado de Roux, Nibert, Metchnikoff e outros.

Dedicou-se ahi a estudos de toxicologia e a outros de chimica biologica, escrevendo um trabalho sobre os effeitos toxicologicos do ricino, depois

de uma polemica com o especialista allemão Hobert, por elle vencido na discussão scientifica.

Depois de haver collaborado em muitas revistas nacionaes e estrangeleras, como se verifica na relação que organisei, publicou o seu primeiro trabalho de hygiene applicada: "Relatorio acerca da molestia reinante em Santos em 1899", em que expoz a sua acção em face da peste invasora desobrigando-se da incumbencia do Governo.

Em 1901 foi encarregado pela administração Suprema de dirigir o Instituto Sorotheapico do Rio, irrompendo então o seu periodo de gloria.

A sua indicação coube a Emile Roux que, em resposta á consulta, disse: — "Entre o pessoal technico que tenho a honra de dirigir, ninguem possúe maior competencia do que o dr. Oswaldo Cruz, cuja capacidade e idoneidade scientificas pessoalmente conheci durante o tempo em que lidou no nosso Instituto."

Conseguiu immediatamente produzir sôros e vaccinas que rivalisaram com os similares do Instituto Pasteur de Pariz e do Instituto de Moles-tias infecciosas de Berlim, merecendo francos aplausos do professor Kolle, na parte concernente á vaccina anti-pestosa.

Publicou nesse anno a monographia "A vaccinação anti-pestosa" onde preferiu o methodo da Comissão allemã enviada á India, aperfeiçoando-o e completando-o, a ponto de constituir uma variante do processo.

No mesmo anno de 1901 abordou no *Instituto de Manguinhos* o estudo dos culicidios em alguns dos fócos de impaludismo dos arredores do Rio, caracterisando uma nova especie do genero *Anopheles*.

Em quanto dirigia e trabalhava no *Instituto de Manguinhos*, desempenhava os cargos de director dos *Gabinetes de Bacteriologia e Anatomia pathologica* da Polyclinica Geral do Rio, da de Botafogo e da Associação dos Empregados no Commercio.

No anno immediato escreveu um estudo. "Dos accidentes em sorotherapy" onde expoz as precauções a seguir, afim de attenuar as consequencias da acção preventiva obtida pela applicação dos sôros.

Pertenceu á Academia Nacional de Medicina.

Em Março de 1903 assumiu, a convite do presidente Conselheiro Rodrigues Alves, a direcção do serviço da Saude Publica no Rio de Janeiro, indicado pelo dr. Salles Guerra que antes recebera a offerta do cargo do ministro dr. J. J. Seabra, e comprometteu-se a extinguir a febre amarella no prazo de 3 annos.

Para se apreciar a acção benefica e providencial do reformador da medicina brasileira no combate sem tregos ao terrivel mal que isolava o Brasil do mundo, seguindo os processos americanos com exito applicados em Cuba, deve-se lér a bella e erudita apologia, excellente panegyrico, que lhe fez o grande Ruy Barbosa, na conferencia realizada a 28 de Maio de 1917, no Theatro Municipal do Rio.

Elle que já se havia imposto á administração dos competentes na lucta contra a peste indiana, na descoberta dos symptomas do carbunculo que

dizimava o gado bovino, elle que já havia organizado o Instituto de Manguinhos e realizado outras façanhas scientificas, teve de vencer obstaculos de toda a natureza para derribar a muralha chineza do carrancismo, do espirito de rotina, afim de debelar a terrivel endemia que devastava populações, pelos effeitos energicos da toxina icteroides. Vencendo a resistencia publica, derrocando os obstaculos da administração, subjugando os proprios elementos do governo, jugulando o espirito de seita e sopitando odios e rivalidades dos seus pares, levou a termo glorioso a sua herculea campanha, conseguindo do inolvidavel Barão do Rio Branco, outro benemerito luctador, o seguinte conceito: "O dr. Oswaldo Cruz foi o diplomata que realizou a maior propaganda do seu paiz".

E um sabio norte-americano rematou: "Se a nação brasileira erguesse ao dr. O. Cruz uma estatua de ouro, não resgataria ainda, senão uma parte minima, o que lhe deve".

Mas não se deteve ahi o seu triumpho; teve de enfrentar outros inimigos, como a variola, a malaria e varias enfermidades infecciosas, e tentou a vaccinação obrigatoria, o que deu ensejo a uma revolta popular.

Os resultados satisfatorios da sua infrene peleja se acham consubstanciados na monographia "Peste", nos relatorios da Directoria da Saude Publica de 1903 a 1908, na memoria apresentada ao 4.º Congresso Medico Latino-Americanico, sobre "Prophylaxia da febre amarela" e nos folhetos "Sanitation of Rio" e "Relatorio apresentado á Convenção Sanitaria Internacional".

Afastado do seu posto, por haver concluido a missão que lhe fôra confiada, partiu em 1907, como representante do Brasil no 14.º Congresso de Hygiene, para Berlim, onde logrou excepcional sucesso, conseguindo uma medalha de ouro offerecida pela imperatriz da Allemanha.

Em 1908 reformou o Instituto de Manguinhos e ergueu o monumento architectonico de estylo manuelino, preparado o estabelecimento scientifico com o apparelhamento indispensavel para o elevar á primeira categoria entre os congeneres no mundo inteiro.

E começou a sua faina de preparar os continuadores da sua obra, congregando os moços laureados em um viveiro de sabios de onde sahiram Rocha Lima, Carlos Chagas, Arthur Neiva, Alcides Godoy, Henrique Araújo, Carneiro de Mendonça, Eduardo Rebelló, Gaspar Vianna, Candozo Fontes, Figueiredo de Vasconcellos, Ezequiel Dias e outros.

Distribuia-lhes trabalhos, formava especialidades, dividia entre elles a leitura das obras e revistas scientificas e estabelecia os principios de emulação.

Foram, então, creadas as "Memorias do Instituto Oswaldo Cruz" onde collaboraram os seus discipulos a quem reservou o mestre o espaço disponivel para os respectivos trabalhos de investigação. Durante esse tempo vivia o sabio no recondito do seu laboratorio, a fazer pesquisas e no labor de descobertas, orientando os discipulos e cuidando com proficiencia da cultura de todos.

Datam desse tempo os seus trabalhos originaes "Uma nova especie do genero *Psorophora*" e "Um novo genero da sub-familia *Anophelinæ*".

O epilogo de sua vida sacrificada pelas lesões do coração e dos rins, consequencia do peso das responsabilidades, dos dissabores e contrariedades e do exgottamento produzido por um labor incessante, foi a intervenção nas regiões amazonicas do Madeira e Mamoré, com o intuito de permitir aos engenheiros brasileiros levar a termo a construcção da importante via ferrea que se tornara um mytho, pelo numero de vidas ceifadas aos que se entregavam com denodo ao trabalho de desbravar o sertão e abrir uma via de communicação para desengorgitar uma zona prenhe de riquezas naturaes, contribuindo assim para o progresso do Brasil.

Deixou-nos escriptos, compendiando ensinamentos praticos para outras emprezas semelhantes, varios folhetos: "Saneamento da bacia do rio Madeira", "Prophylaxia of Malaria in Central and Southern Brasil", "Madeira-Mamoré Railway Company" e "Condições medico-sanitarias do Amazonas".

Os poemas que lhe abriram as portas da Academia foram o "Instituto Oswaldo Cruz" e a odysséa do extermínio da febre amarela e da prophylaxia de muitas enfermidades. Os seus melhores romances foram a sua vida consagrada á sciencia e a acção do hygienista na região amazonica.

Ao transpôr o limiar da Academia surprehendeu os que profligaram a sua candidatura, pronunciando um discurso em que revelou cultura litteraria e mostrou conhecer a alma de Raymundo Corrêa.

Na peroração da sua formosa, erudita e prestadia conferencia, disse Ruy Barbosa:

"Coube a Oswaldo Cruz a ventura extraordinaria de ser um desses raros eleitos, um desses levitas do sacerdocio consagrado á diminuição dos padecimentos humanos. Essas criaturas amadas e bemditas, como elle, devem os milagres da sua obra á acção desse deus interior, o *Entheon* do entusiasmo, bella palavra "uma das mais bellas dos nosso idiomas", mas infinitamente menos bella do que o sentimento que traduz a paixão das grandes inspirações, das grandes aspirações, das grandes abnegações, o heroísmo do trabalho, da justiça e da verdade".

Tombou o heroe no seu campo de gloria a 11 de Fevereiro de 1917.

Sumario para um estudo completo.

Herança de profissão — Os primeiros passos do microbiologista — O seu tirocinio no Instituto Pasteur — O primeiro degrão da gloria — O hygienista e as medidas prophylacticas — O seu valor de scientista — A campanha contra a febre amarela e outros serviços meritorios na Directoria da Saude Publica — O Instituto Oswaldo Cruz — Na região amazonica — O mestre e os continuadores da sua obra — O elogio de Ruy Barbosa — Julgado pela classe medica e pelo estrangeiro.



ALOISO DE CASTRO

Successor de Oswaldo Cruz na cadeira n. 5. Nasceu no Rio de Janeiro a 14 de Junho de 1881.

Bibliographia

- 1 DAS DESORDENS DA MARCHA E SEU VALOR CLINICO —
these — 232 pgs., Rio, Laemmert & Companhia — 1904.
 - 2 ALLOCUÇÕES ACADEMICAS — discursos — 143 pgs., Rio, F. Briguiet & Cia. — 1911.
 - 3 TRACTADO DE SEMIOTICA NERVOSA (Semiotica das formas exteriores e das desordens motoras — 506 pgs., Rio, F. Briguiet & Cia. — 1914.
 - 4 NOVAS ALLOCUÇÕES ACADEMICAS — (discursos) — com retrato — 146 pgs., Rio, Imprensa Nacional — 1915.
 - 5 RELATORIO DO ANNO ESCOLAR DE 1916, apresentado á Congregação da Faculdade de Medicina do Rio — Rio, Imprensa Nacional — 1916. (É o unico que possuo, mas deve ter escripto outros referentes a varios annos escolares).
 - 6 DYSTROPHIA GENITO-GLANDULAR (em coll. com Oscar de Souza) 194 pgs., Rio, Jacintho dos Santos — 1917.
 - 7 ULTIMAS ALLOCUÇÕES ACADEMICAS (discursos) — 131 pgs., Rio, Imprensa Nacional — 1918.
- Tem colaborado em varias revistas estrangeiras: *Revue de Neurologie*, *Nouvelle iconographie de la Salpetrière*, *Neurologisches Centralblatt* e outras. Por sua iniciativa estão sendo publicados, ha tres annos, os *Annaes* da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, de que já apareceram douis volumes, contendo os seguintes trabalhos de sua collaboração: no 1.º volume — *Evolução e aspectos clinicos da diplegia facial*,

pag. 464; no 2.º volume — *O sistema dos orgãos para-glandulares*,
pag. 396.

Fundou tambem os "Annaes da Polyclinica do Rio de Janeiro".
Encontra-se o seu *Discurso de recepção* na Academia Brasileira de Letras, em o numero 8, de Maio de 1919, da *Revista Americana*.

A reprodução do seu retrato foi feita nas *Novas allocuções academicas*, no *Le Brésil contemporain* do Dr. Rovelly e em varias revistas illustradas.

Fontes para o estudo critico

- 1 Afranio Peixoto, — Discurso na Academia Brasileira de Letras — *Revista Americana* — n. 8, de Maio de 1919.
- 2 Estado de São Paulo — Noticia de sua eleição para a Academia.
- 3 Dr. P. Rovelly — *Le Brésil Contemporain*.

Noticia biographica e subsidio para um estudo critico

O illustre substituto de Oswaldo Cruz, desde muito moço notavel pelo seu talento e erudição, tem o nome paterno perpetuamente ligado á Academia, como o Barão do Rio Branco e os seus collegas Mario de Alencar e Luiz Guimarães.

E' filho do grande medico brasileiro dr. Francisco de Castro, successor do Visconde de Taunay na cathedra Francisco Octaviano.

Nasceu na cidade do Rio e emprehendeu os seus estudos de humanidades no antigo collegio Kopke, recebendo ahi o grão de bacharel em sciencias e letras, e matriculou-se em 1898, com 17 annos, na Faculdade de Medicina do Rio.

No curso medico seguiu a trilha luminosa do pae, o distincto professor considerado como o representante supremo de sua classe, na época em que viveu; foi aprovado com distincção em todas as cadeiras dos seis annos ou series, o que lhe valeu o titulo de laureado, ao doutorar-se em 1903, assim como o premio de viagem á Europa, por ter sido o melhor estudante de sua época.

Versou a sua these, aprovada com distincção, sobre a marcha do homem como acto physiologico e o valor diagnostico de suas perturbações. Nella estuda os differentes methodos de exame applicaveis á locomoção normal ou pathologica, seguindo-se as partes referentes á physiologia da marcha e o diagnostico clinico das desordens do andar.

O estudo do movimento do ser humano, transportando-se de um para outro logar, proporciona ensejo a uma monographia em que se estudam as modalidades do andar segundo as perturbações provocadas por certas enfermidades.

O ex-interno de clinica do professor Francisco de Castro (1901) e do

professor Miguel Couto (1902-1903) volveu ao assumpto no "Tractado de semiotica nervosa", onde resumiu o thema no capitulo — Semiotica do andar.

Eleito em 1904 para a Academia Nacional de Medicina, bordou o seu discurso de recipendiario em louvores ao insigne professor Francisco de Castro, rendendo-lhe merecida homenagem. Nessa corporação scientifica proferiu varios discursos que constam das "Allocuções academicas" e das "Novas allocuções academicas".

Foi assistente da clinica propedeutica do prof. Miguel Couto durante 7 annos e tomou posse do cargo de substituto da 6.^a secção da Faculdade de Medicina, em 31 de Dezembro de 1908, após um brilhante concurso em que foi classificado em 1.^o logar, sendo-lhe offerecido um banquete por seus amigos e collegas.

A 2 de Abril de 1908 assumiu a posse da cadeira de — pathologia medica, substituindo o prof. Almeida Magalhães, e no mesmo anno tomou parte no 4.^o Congresso Medico Latino-American. Mais tarde foi transferido para a cadeira de clinica medica.

Tomou posse do logar de director da Faculdade de Medicina do Rio a 2 de Janeiro de 1915, conservando-se até agora nesse posto.

Convidado pela classe medica argentina, foi a Buenos Ayres em 1916 e participou do certamen scientifico, o primeiro Congresso Medico Argentino, por um acto de captivante gentileza dos seus collegas platinos.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras, por 25 votos, a 14 de Novembro de 1917, tomou posse em 15 de Abril de 1919, evocando recordações confortantes do pae e tecendo o panegyrico suave de seu antecessor.

Com o "Tractado de semiotica nervosa" completára o "Tractado de clinica propedeutica" do projecto prof. Francisco de Castro do qual apareceram dous volumes. Só foi publicado o primeiro tomo dessa importante obra dedicada a um ramo complicado da clinica medica, onde o autor estuda as affecções nervosas, dividindo o volume em duas partes: semiotica das formas exteriores (do facies, da mão, do pé, do thorax, etc.) e semiotica das perturbações da motilidade (catalepsia, convulsões, espasmos, ticos, choréas, paralysias, etc.).

A outra obra scientifica, de parceria com Oscar de Souza, é subordinada a um assumpto muito especial, apresentando varios casos de clinica hospitalar.

As mesmas observações feitas relativamente á entrada de Oswaldo Cruz para o Syllogôeo applicam-se a Aloysio de Castro, embora se apresente um caracter distintivo digno de ponderação, no que concerne á cultura litteraria e ao apuro do estylo.

A despeito do amor inveterado á linguagem dos classicos e do convivio com obras litterarias que lhe emprestaram a illustração reconhecida, a elegancia e pureza de forma nos seus escriptos, deve-se desejar

a selecção de especialidadss e aptidões, o methodo e propriedade de trabalho, de modo a se conseguir o maximo effeito no desenvolvimento dos ramos varios do saber humano.

E' indiscutivel o merito litterario das allocuções do dr. Aloysio de Castro, é sabido mesmo que elle possúe dotes de eloquencia, sendo considerado como fino e elegante orador. Mas a linguagem castiça e os primores de estylo não são incompativeis com as sciencias, a philosophy, a historia e a politica.

As allocuções do academico não interessam ás bellas letras e subordinam-se todas ao caracter scientifico, principalmente a assumptos de medicina.

E' preciso convir que a Academia não têm por mera função conferir um titulo de gloria aos seus membros. Ella visa o desenvolvimento da lingua e litteratura no Brasil. E ainda que sobre competencia ao dr. Aloysio de Castro para estudar semelhantes assumptos e discernir com acerto sobre as decisões do cenaculo, será desviado da sua competencia especial e prejudicará assim a obra que o deve preoccupar incessantemente.

Não quero dizer que seriam condemnadas as digressões de um scientista no dominio das artes. Julgo até necessaria semelhante divagação, não só com o intuito de proporcionar o indispensavel descanso cerebral, como para conseguir o polimento e o brilho que tanto resaltam as obras escriptas.

Os homens de sciencia ou os philosophos, como um industrial ou um politico, carecem de illustração litteraria e educação artistica e podem mesmo dedicar-se incidentemente a escrever sobre themas extranhos á sua especialidade, accumulando até duas funcções distinctas, a do seu cargo ou profissão e a do seu *dilettantismo* ou entretenimento. Pode ainda cumulativamente, e sem prejuizo de nenhuma, o que só conseguem as organisações privilegiadas, dedicar-se com a mesma intensidade a dous generos oppostos.

E' o caso de José de Alencar, Ruy Barbosa e Afranio Peixoto e tantos outros. Mas é forçoso reconhecer que aos attrahidos pelo fóco da Academia compete dedicação particularizada á litteratura, á obra ideialista, em vez da sciencia ou dos estudos positivos.

O proprio dr. Aloysio rememorou o conceito da perspicacia philosophica de Machado de Assis, com referencia a Francisco de Castro: "Confesso um receio. A sciencia é má vizinha; e a sciencia tem no sr. Francisco de Castro um cultor assiduo e valente. "Com effeito, cedo o poeta olvidou a lyra, absorvido pela curiosidade pesquisadora que desperta a sciencia. O presentimento do autor de "Quincas Borba" transpõe o ambito da conjectura, a phantasia do poeta asphyxiou-se na atmosphera pesada da realidade, foram os versos substituidos pelas receitas do clinico e as prelecções do abalisado professor.

No entanto, a Francisco de Castro, como ao seu illustre filho, sobjavam a cultura litteraria e não faltava a aptidão.

O actual occupante da cadeira Bernardo Guimarães é um espirito affeito na leitura dos classicos, é um devoto no culto do idioma vernaculo. O seu estylo é elegante e sobrio, a sua phrase burilada tem colorido e expressão.

Da leitura dos tres volumes das "Allocuções academicas" se deprehende que o autor é illustrado e erudito.

Afranio Peixoto ao recebel-o no cenaculo litterario, fez sobresahir o seu amor aos livros lidos e relidos, attingindo a um certo grão de sensualismo pagão.

Tem, portanto, todos os requisitos para penetrar no templo consagrado ao culto das bellas letras. Resta saber se assumirá a feição de um crente fervoroso, de um proselyto praticante, ou permanecerá em attitude espetante, de mera contemplação.

As suas credenciaes foram habilmente sustentadas pelo embaixador, o seu paranympno no acto da posse, fazendo-o acreditar perante a Academia.

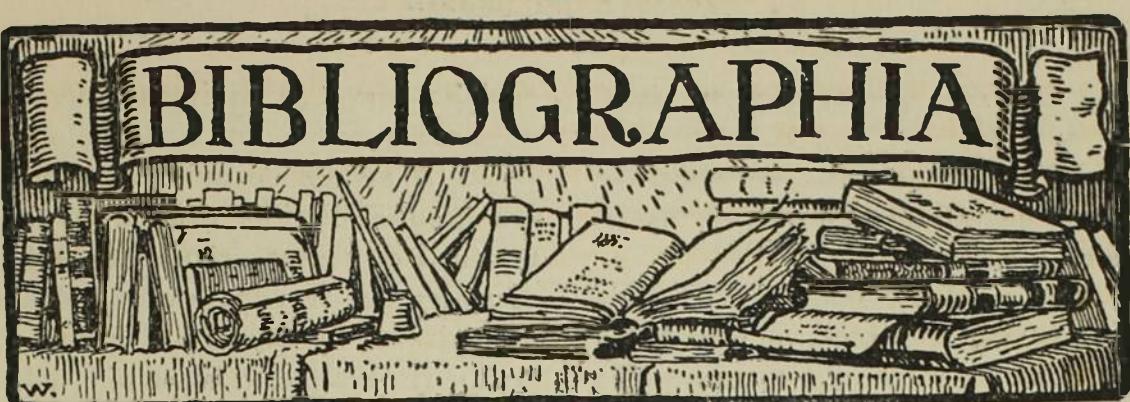
Vocação e competencia não lhe escasseiam; mas não se sabe se o clinico e o professor permitem a partilha do labor, em vigilias ou seções, entre a diversão das leituras e a profissão do medico, como o praticam outros muitos dos seus confrades.

Se assim succeder, desapparecerá a objecção de quem não reconhece incompatibilidades entre advogados, juizes, professores, militares, politicos, engenheiros, diplomatas e funcionarios e a carreira litteraria.

Summario para um estudo completo

Herança de um nome — Tirocinio para manter o legado — Programma realisado — O joven sabio — O professor e o clinico — A cultura litteraria — O orador e o seu estylo — Reparos sobre o criterio dos expoentes da cultura — Não ha incompatibilidades, mas devem existir credenciaes.

BIBLIOGRAPHIA



FLAMMA E ARGILLA — *Menotti del Picchia* — *Casa Edit.*
“O Livro” — *S. Paulo* — 1920.

A moderna literatura nacional é feita de *plaquettes*. *Plaquettes* de versos, de chronicas, de contos.. de estudos de Critica. Romance aparece um ou outro durante o anno. Não é fructa que tente o paladar dos escriptores, que conhecem a vertigem da vida e a carencia de tempo dos leitores... Demais, requer folego longo, e a falta de folego é a causadora das derrotas em todos os ramos da actividade humana... até no foot-ball. Dahi o afastamento.

Ora, este começo de anno parece querer mudar a face das cousas e enveredar por uma nova senda, pois, innominavelmente e sem precedentes na historia literaria destes ultimos vinte annos, ahi estão, entre publicados e anunciados, para mais de seis romances.

Flamma e Argilla é um delles. Firma-o Menotti del Picchia, poeta de nome feito, como o creador de “Juca Mulato” e como uma das mais solidas esperanças de nossa literatura. E’ temperamento originalissimo, em que se caldearam, harmoniosamente, todos os estes e tristezas de nosso clima com todos os refinados requintes da cultura italiana.

Flamma e Argilla não é bem um

romance. A rigor são dois, que seguem linhas paralelas e distintas. Num dado momento, o primeiro converge para o outro e lhe motiva, moralmente, o desfecho.

Apparecem aqui todos os homens, o Aldo, Paulo Mattoso e o Brenno e suas tres respeitaveis mulheres, a Elza, a Zilda e Wanda. O primeiro e a ultima são figuras apagadas, meras comparsas obrigatorias que garantem o classico “menage á trois”. Os outros quatro é que são os typos protagonistas da obra.

Paulo ama sua esposa Zilda e desconfia que ella não lhe retribue o affecto.

Brenno e Elza amam-se tambem, mas adulteramente, enganando a Aldo e Wanda.

O romance começa no momento em que Paulo Mattoso, convencido de que sua mulher o não ama, e exasperado por uma theoria social toda delle, cuja base é a renuncia, pede o divorcio. Quer deixar a mulher livre e fazer-lhe gozar o amor que não encontrou nelle.

Já a esse tempo o idyllio illegal de Brenno e Elza era velho, sem ter, comtudo, arrefecido. Era o mesmo como nos primeiros dias.

Obtido o divorcio, Paulo resolve viajar pela Europa. E’ o meio de fugir á obsessão da mulher que elle

adora e cuja perda, já agora fatal, o allucina.

Mas minutos antes de embarcar, num desvairamento tragico, assassina a esposa.

“E o cadaver sangrento de Zilda atravessou o caminho e amargurou a vida” de Brenno, causando-lhe “a parada da illusão”. Foi o choque brutal que lhe trouxe á alma o cansaço e a necessidade de abandonar Elza ainda apaixonada.

Desse simples enredo o autor soube fazer um bello livro, onde muitas scenas são optimamente descriptas e onde muitas passagens empolgam. Não é, decerto, um *capolavoro*, como se diz hoje na giria dos cinemas. Mas attendendo-se a que foi escripto ha quatro annos e que é, na prosa, o seu livro de estréa, é innegavelmente uma obra digna de menção e de destaque. Agrada e prende.

Seu estylo tem scintillações descriptivas como estas:

“Lindo!

“Era a orgia do verde.

“Elle estava no alto do espigão, firme na sella, dominando todo o horizonte; uma evulsão cataclysmica arregoara as fraldas, de onde as aguas dos rios manavam como de chagas abertas nas carnes do morro; as escarpas escalonavam as montanhas, ora congestionadas de rochas, ora esbarrondadas em caffurnas. Parecia o horizonte um martiano e rebelde, fulminado na sua colera, calcinado em vagalhões ameaçadores”.

Ou este:

“A cainçada, reteza nas patas, colmilhos rilhantes, acuava e ganhia e as trompas metallicas e epicas atroavam a baixada. De repente, o

focinho curvo da capivara emergia da agua verde e um tiro explodia secco. A agonia do animal baleado era heroica. Ferido, debatia-se numa furia de conservação, remexendo as aguas, que fervilhavam de bolhas e alvejavam de espuma. Por fim o arpão fisgava-lhe o ventre e ella morria, deixando na agua esverdinhada, um rastro vermelho de sangue”.

Na analyse dos typos masculinos o autor se revela um psychologo in vulgar. Paulo Mattoso e Brenno estão phantaziados com uma elegancia de linhas sobria, sem demiasias e sem seccura.

Brenno é um sceptico que sabe esquadrinhar-se e sabe surprehender os flagrantes de sua consciencia duplice. E debatendo-se entre o dever e a tentação, auto-escalpella-se com precisão.

Na visita que Elza faz a Wanda enferma esse contraste está bem frizado e a maldade humana reçuma alli como a humidade de uma talha cheia.

Paulo Mattoso é um visionario, um impulsivo, espalhafatoso em seus sentimentos, que inventou para seu martyrio duas cousas phantasticas: a duvida de que a mulher não o ama e uma theoria pela qual elle, altruisticamente, deve renunciar á posse de Zilda.

“Ha na vida milhares de almas que soffrem porque estão deslocalizadas — explica Mattoso. São como forças latentes ou melhor seres mutilados que esvasiam uma vida incomprehendida com a finalidade amputada”.

Quem as amputou foi um casamento errado, e Paulo quer corrigir o seu erro, sacrificando-se.

A exposição desta doutrina é feita por Menotti del Picchia com brilho. Dá-lhe uns ares tentadores, como quem conhece as subtilezas da logica e conhece as diabolicas chicanas da dialectica.

E força e belleza tem ainda as paginas em que Paulo desde o momento de sua separação definitiva vae de allucinação em allucinação até explodir no desastre fatal, apesar de protestar sempre querer seguir á risca a sua theoria.

Esparsas pelo livro, como notas pittorescas, abundam os incidentes impressionistas de que, propriamente, não depende o enredo do romance. "A festa da colheita", "a florada", a descripção do desbravamento das terras paranaenses, a scena de tio Bento são aguas-fortes de um sabor todo especial.

Das figuras femininas não se pôde dizer o mesmo. Tocamos aqui a parte menos cuidada da obra.

Nenhuma dellas — são tres — tem o relevo necessario e resentem-se desse nosso vicio nacional de intellectualizar demais. Wanda, já ficou dito acima, é um mero ornamento. Zilda pouco apparece e o rotulo de hysterica degrada-lhe o encanto.

Só restaria Elza, typo verdadeiramente interessante, si aqui Menotti del Picchia não tivesse calcado tanto no defeito citado. E' mulher "alta" demais. As provas?

Aqui está uma, á pag. 41:

Elza e Brenno passeavam no pomar de braços dados. A certa altura encontram a herma "representando o cariz jograesco de Pan, bocca fendida num rictus de malicia e chavelhos pontudos como os

de um cabrito. A sua expressão era tão viva que Elza o olhou com um desapontamento irritado:

" — Que cousa horrivel! Por que este mostrengo aqui?

" — E' um motivo decorativo para quebrar a nota selvagem do pomar.

" — Devia deixal-o tal qual é. A obra humana sempre encerra alguma cousa maliciosa ou perversa. Nesse esgar ha um mundo de perfidia... A natureza é casta. Achou nalgum ramo ou nalgum fructo uma offensa para a sua susceptibilidade? Pois bem, bastou o artifice tocar com um escopro essa pedra para que a malicia humana se perpetuasse nos sulcos que deixou..."

E' forte, hão de convir...

A primeira parte do cap. X, quando Brenno e Elza discutem a doutrina de Paulo, está tambem toda moldada nesse tom. E é curioso que a mulher leva a palma a Brenno, psychologo, por meio de raciocinios.

Ha alli passagens como esta, á pag. 172:

"Você se engana. O destino não erra nunca. A sua maior belleza está justamente na formidavel maravilha dos contrastes... Essas almas incomprehendidas, amputadas, são necessarias á harmonia do universo, porque a propria imperfeição é imprescindivel á obra perfeita..."

Ou esta, á pag. 173:

"O homem não quer soffrer. Nossa vida, que é um perpetuo sofrimento, não exprime mais, em toda a sua dor, sinão a lucta por um instante de alegria... Na dissimulação ha, pois, mais caridade.

O engano mantem a apparencia; enquanto esta finge a existencia da verdade, o homem não soffre, porque elle não vive da verdade, mas da illusão da verdade".

Ha mais cousas, mas eu não posso citar o livro todo.

Essas paginas denunciam um analysta audaz, pouco provavel em cerebros femininos, educados á moderna. Si elle existisse, daria á mulher um logar se destaque em nosso meio...

A verdade é que atraç dos discursos, está o espirito multiforme de Menotti del Picchia. Tambem é verdade que elle se salientou entre tantos literatos nacionaes... mas como homem.

Um ultimo reparo. Em a *nota* final do livro, a proposito da semelhança do cap. VII de *Flamma e Argilla* com uma observação psychologica, de Sudermann, em "Capricho de Mulher", o autor leva a probidade literaria a um ponto que entra o terreno escorregadio do escrupulo. Essa *Nota* é innoxia. Ninguem que acompanhou o surto firme e expontaneo de Menotti del Picchia poderia julgal-o capaz de um plagio.

O elance de uma mentalidade define-a, naturalmente. Podem allegar que ha sempre, em todas as colmeas de arte, cerebros maldizentes que vivem a rebuscar coisinhas para denegrir o valor de um homem. Mas isso é um mal fatal e necessário: a maledicencia é a unica originalidade dos mediocres.

E as individualidades devem pairar acima dessas pequenas misérias.

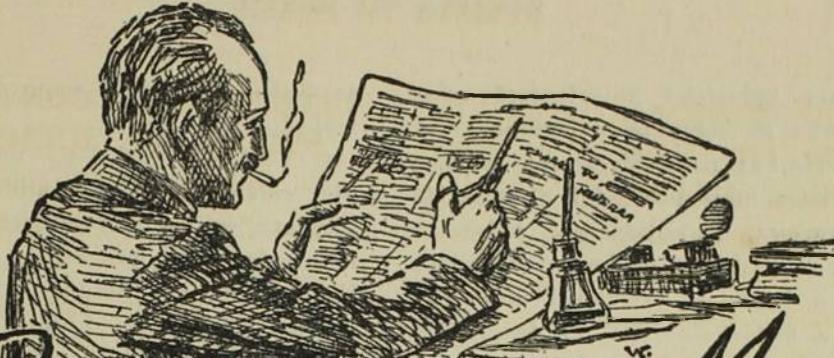
SUD. MENNUCCI.

LITERATURA CONTEMPORANEA—O SR. JULIO DANTAS

— *Fidelino de Figueiredo—Classica Editora* — 3.^a Edição — Lisboa — 1919.

E' este um livrinho que se lê ao mesmo tempo com muito prazer e muito proveito. O A. conhecido e estimado historiador e critico literario, nas 80 paginas desse estudo sobre a personalidade literaria e artistica do sr. Julio Dantas, em linguagem clara e elegante e, sobretudo, com muita probidade e erudição, faz a analyse da obra desse escriptor contemporaneo, conseguindo, admiravelmente, levar ao leitor a convicção de que em tal obra, ao lado de alguma belleza artistica real, abunda abusivamente, constituindo-lhe quasi toda a essencia — um constante acervo de bonitezas artificiosas. Com o mau gosto, que, de mãos dadas á leviandade literaria, actualmente campeia em ambos os paizes de língua portugueza, levando o publico que lê ou que frequenta theatros, a predilecção pelas levezas literarias de que o sr. Dantas é emerito productor — a divulgação deste trabalho do sr. Fidelino de Figueiredo representaria um precioso elemento de reacção salutar, pois que conseguira desvendar muitos olhos de boa fé que por aqui e por lá andam ingenuamente offuscados pelo falso brilho das lantejoulas faceiramente agitadas pela sofrega penna do maneiroso poeta, jornalista, escriptor e dramaturgo portuguez contemporaneo.

O trabalho typographicico, esmerado, dá optimo aspecto ao livrinho do sr. Figueiredo.



Resenha do Mês

VICTOR BRECHERET

Encontrará o leitor nesta revista duas reproduções de esculturas que merecem uma parada. Paremos juntos, e juntos admiraremos tão soberba manifestação da grande arte. Admiraremos sem reserva, que isso é arte de verdade, da bôa, da grande, da que põe o espectador sério e, se é sensível, commovido. "Despertar" e "Eva" sugerem-nos de chofre grandes obras de grandes escultores mundiaes. Porque os caracteristicos essenciaes destas — a vida, o movimento, a elegancia da linha, a força da concepção e, sobretudo, esse misterioso quid que é a alma perturbadora das verdadeiras obras d'arte — são tambem os caracteristicos que individualisam os trabalhos de Brecheret. Victor Brecheret — é este o nome do novo escultor, paulista de nascimento, extremamente novo ainda, 22 annos apenas — Brecheret como escultor é um producto do seu proprio esforço.

Fez-se por si, sem a calentura commoda do halito official — máo halito, muitas vezes, conforme é a bocca á qual a inconsciencia do Estado empresta a força divina de formar artistas. Honesto, physicamente solido, moralmente emperrado na convicção de que o artista moderno não pôde ser um mero "eclectisador" de fórmas revelhas e ha-de crear arrancando-se á tyrannia do autoritarismo classico, Brecheret apresenta-se-nos como a mais seria manifestação de genio escultural surgida entre nós. Por mal seu, já que é assim, porém, uma coisa só tem

a fazer: as malas, e raspar-se. S. Paulo — já o proclamou Martim Francisco — é um cito. O monumento da Independencia breve dirá se é assim ou não.

O APPARELHAMENTO INDUSTRIAL DO BRASIL

A guerra que acaba de se ferir na Europa com a cooperação de todos os povos do globo, havia fatalmente de ser como todas as outras, mais proveitosa á humanidade do que as theorias mais modernas da economia politica e se bem que, ainda cedo, para verificarmos a influencia extraordinaria que ella operou até nós, podemos entretanto desde já decompor-lhe os resultados, porquanto como toda lição pratica, a sua acção foi decisiva.

O Brasil havia forçosamente de tirar desta pugna os mesmos ensinamentos que se colhe de qualquer desgraça e no vigor da juventude em que ainda se acha os effeitos da pavorosa hecatombe lhe foram surpreendentes.

Entre todos, porém, nenhum mais digno da attenção do observador, do que o surto que lograram as industrias do paiz durante os quatro annos de guerra. O espanto foi geral e pouca gente se lembrou, de que nos tropicos a terra tem o poder maravilhoso de fazer milagres, accelerando as idéas dos homens, da mesma fórmula que a seiva dos vegetaes.

Seguindo a tradição em que fomos criados desde a primeira infancia, não procuramos entretanto dar a este appa-

relhamento industrial a orientação methodica que se impunha, orientando, antes de tudo, as necessidades da terra e o que vimos mais tarde foi a industria manufactureira, garantida por todos os privilegios, offerecer melhores vantagens do que a industria extractiva que sempre foi a maior alavanca do nosso progresso. Ao emvez de garantirmos effientemente as industrias tradicionaes do paiz e algumas outras, que não dependiam de um apparelhamento complicado como as derivadas do ferro, do carvão e do aço, pretendemos inverter as leis naturaes do meio e sem medir os inconvenientes de tão desastrada politica economica, transformamos o paiz essencialmente agricola, numa potencia industrial forçada.

Entretanto, nada mais desolador para quem se detenha na contemplação de taes factos, do que, de um lado, o progresso visivel da industria manufactureira do Brasil e de outro, o abandono em que se acham os principaes productos do seu sólo, a industria extractiva por assim dizer.

Esse desequilibrio se torna tanto mais grave, quando considerarmos o estado actual de certos generos de nossa produçao agricola e raciocinamos sobre o atrazo em que permanecemos ainda hoje, relativamente ás cousas que sempre constituiram as fontes mais directas da riqueza nacional.

Agora mesmo, assistimos a agonia da borracha sómente porque não a apparelhamos technicamente para concorrer aos mercados com a similar da Malasia.

O assucar e o algodão, as primeiras culturas que os nossos avós nos legaram, se resentem de grandes falhas no seu beneficiamento e se tem sido ultimamente bafejados por preços mais compensadores, é tão sómente porque as consequencias resultantes da guerra o tornaram mais procurado nos mercados consumidores.

O matte condemnado á ruina, por quanto sem ser colhido por processos rationaes nem tão pouco cultivado como na Argentina, continua victimo da ignorancia do hervatero, cuja adaga impiedo-

sa é tão destruidora como o machado do lenhador.

Os cereaes, bases da nossa alimentação, como o feijão, o milho e o arroz, sómente em 1918 começaram a ser immunisados por processos scientificos e isto porque as principaes remessas feitas para a Europa durante a guerra foram tidas como de qualidade inferior.

O mesmo deu-se com as carnes congeladas, prohibidas officialmente de entrar na Inglaterra, não porque não dispuzessemos de frigorificos modelos, mas sim porque consentimos que criadores ambiciosos e sem interesse pelo futuro dos nossos rebanhos, "sujassem a barriga" da maioria das nossas vaccas, com o sangue do zebú, máo grado os conselhos patrioticos do notavel zootechnista Luiz Pereira Barreto.

A palavra industria entre nós soffreu a restrição mais absoluta, sem termos em vista que no seculo actual os prodigios da chimica-agricola revolucionaram o mundo convertendo a lavoura scientifica na pedra angular do progresso humano.

Tudo que provem afinal da terra ou com ella se relaciona directamente se de todo não condemnados ao abandono, o certo é que relegamos a um plano de inferioridade indiscutivel.

Apenas com excepção e para comprovar a regra geral, existe no Brasil uma industria agricola que se acha bem organizada — a do café — não só porque encontrou a sua Chanaan na terra roxa, como tambem, pela razão de que, os demais centros productores do resto do globo são inferiores ao "habitat" brasileiro, em area e civilisação.

Os engenhos de cacáu em sua maioria, não dispõem das machinas modernas de seccagem e deixam ao sol o delicado mister das estufas.

Quanto ao fumo, só conheço os processos de beneficial-o usados na Bahia e Minas, porém, como quasi tudo o que é nosso, a nacionalidade o envergonha e elle continua a ser aristocraticamente de Havana...

O trigo, a cevada e o centeio não referirei, porque se ha muito tambem introduzidos no paiz, apresentam um de-

senvolvimento bastante jento, em relação aos generos padronaes do nosso commercio exterior.

No dominio da pomicultura, ninguem ignora que o Brasil é o novo paraizo terreal e que foram as sementes das laranjas da Bahia que deram origem aos pomares da California.

Mas, não é preciso ir mais longe. Basta sómente o atrazo em que ainda hoje se encontram a canna de assucar e o algodão, para documentar o contraste frisante da nossa decantada riqueza agricola, pois que modernamente a expressão riqueza não é applicada sómente com relação aos lucros dos individuos, porém num sentido muito mais elevado e é precisamente este, do bem estar collectivo, resultante da excellencia do fabrico e dos methodos aperfeiçoados de obtel-o.

Com relação a taes productos os primeiros que exploramos mechanicamente, basta dizer que as estações experimentaes da Escola e de Campos contam pouco mais de um lustro de existencia e as prensas hydraulicas foram tambem ha pouco installadas nas capitaes das zonas productoras.

As grandes usinas cooperativas nos moldes das Antilhas e os processos scientificos do algodão "Sea Island", têm sido objecto das mais brilhantes conferencias e relatorios, mas "malgre tout", continuamos hoje quasi como nos achavamos ha trinta annos atraz.

Sómente uma industria no dominio das extractivas realizou consideraveis progressos no Brasil: a da devastaçao das mattas que tem no commercio e serragem do pinho sua representante typica.

Desde o Amazonas aos rincões do Contestado e do Rio Grande do Sul que as florestas, sobre cuja sombra a natureza escondeu os mais opulentos thezouros mineraes, vêm sendo systematicamente devastadas, destruidas e exterminadas por todos os processos.

Seja para suprir o carvão, cujo problema discutimos ha 70 annos, seja para incrementar o commercio de madeiras talvez o mais facil e rendoso do universo ou afinal para obter terra rica de humo

para certas labouras, o certo é, isso que vemos no Paraná e Espírito Santo principalmente: a derrubada impiedosa sem a precauão economica que todo ser consciente tem por instincto.

Cheguei até aqui, para mostrar que ha evidentemente entre a nossa industria agraria e extractiva de um lado e a manufactureira de outro, um contraste bem accentuado e fatalmente de resultados bem desastrosos para o futuro, se desde já não quizermos disto nos aperceber.

Realmente de que nos valem esta industria illusoria da metallurgia, das sedas e tantas outras quando a materia prima é importada do estrangeiro?

Que tenhamos bôas fabricas de fiação e tecelagem de algodão de beneficiar e aproveitar tudo o que a natureza nos deu, nada mais logico, porém isso de crearmos industrias decorativas, cuja manutenção depende directamente de favores officiaes e da contingencia em que se viu o consumidor de adquiril-a por causa do estado que tributou em excesso a similar extrangeira, é demais.

Ninguem procure enxergar nestas linhas obstinada mania de dizer mal das nossas cousas.

A minha carreira de publicista, tenho-a norteado até hoje em linha constructora e se, como agora, sou forçado a taes apreciações, é exclusivamente para bemdizer aquillo que a minha consciencia me garante ser justo. Falo em these. O que tenho visto nesta capital no terreno das iniciativas e dos empreendimentos tem enchedo do maior jubilo o meu coração de brasileiro.

Foi sobretudo no recinto pouco cheio de attractivos da Uzina de Beneficiamento e Immunisaçao de Productos Agricolas, que este jubilo natural se converteu no mais sincero entusiasmo.

Ahi está a industria mais proveitosa e util para o Brasil e particularmente para um centro cerealifero da importancia do Rio Grande do Sul.

Encarecer a importancia de um estabelecimento como este, tão perfeito como os que visitei em S. Paulo e no Rio de Janeiro, principalmente depois do parecer emittido sobre o seu congenere da capital do paiz pela commissão do Instituto Os-

waldo Cruz, seria manifesta nescedade.

Industrias iguaes a esta que não valem apenas como atestado do nosso progresso, mas cuja função mais importante é favorecer e valorisar o trabalho do maior factor da nossa prosperidade — o trabalhador rural — é que precisamos desenvolver não só para não passarmos pela decepção de vermos os nossos cereaes apodrecerem no porão dos navios, mas antes de tudo, porque o futuro das nações civilisadas está hoje, mais do que nunca, subordinado ao problema vital da alimentação, o que quer dizer absoluta garantia de immunisaçāo dos celleiros.

PLINIO CAVALCANTI

(*"Correio do Povo"* — *Porto Alegre*).

A DESCOBERTA DA AMERICA

Um collaborador do "New York Times", o professor Albert F. Porta, encetou ha pouco tempo, nas columnas daquelle jornal, uma série de artigos sensacionaes, a proposito de viagens realisadas por etruscos e romanos através do Oceano Atlantico, entre a Europa e a America.

Dessa série, transcrevemos o ultimo artigo publicado em dezembro proximo passado, o mais importante delles, pelos documentos interessantes que o illustram.

O artigo do professor Albert F. Porta é o que se segue:

"Desde que encetei a recente publicação da minha série de artigos sobre viagens etruscas e romanas através do Oceano Atlantico para o continente americano, varios seculos antes de Colombo, tenho recebido um consideravel numero de inquirições a respeito da exacta natureza dos documentos sobre os quaes, principalmente, muitas das minhas deduções com relação a essa travessias foram baseadas.

Graças á gentileza do Sr. Mariano Rossi, proeminente cidadão de S. José da California, que está de posse dos documentos em questão, acho-me agora habilitado a divulgar a natureza de alguns desses papeis tão importantes para o registro da historia e da archeologia.

Antes de tudo, o Sr. Rossi tem em seu poder o fac-simile de uma carta

agora conservada na biblioteca do Vaticano, em Roma, escripta no anno de 1439, por um certo Taddeu Visco, chanceller da Corte de Napoles, durante o reinado do rei Jayme e da rainha Joana e dirigido á duqueza de Sessa, uma das criadas graves da rainha.

O ENCONTRO DE UM MANUSCRITO DE PLINIO

Nessa carta o chanceller descreve os resultados de uma busca levada a effeito por elle e Dominicus Docier, capellão da Corte, através da biblioteca do antigo convento Montecaccino, proximo de Roma, a qual poz a lume, como um ponto de partida, o manuscrito inedito de Caius Plinius Secundos (Plinio, o velho), que pereceu na grande erupção do Vesuvio, que destruiu Pompéa e Herculano, no anno 79 antes de Christo, reinando Tito, imperador.

O manuscrito de Plinio narra com algum desenvolvimento o bom exito da sua viagem através do Atlantico, até a "Tullia Minor" (ilha dos Açores), e dahi até a "Tullia Maior" (golpho do Mexico), onde encontrou um povo de pura origem Oscan (etruscos), que falava a linguagem etrusca e havia conservado varios dos usos e costumes dos seus antepassados, os quaes, como povo propriamente dito, ha muito havia desaparecido do seu primitivo "habitat", na Italia Central.

O rei desses etruscos-americanos, disse Plinio em seu manuscrito, chama-se Rosellae, nome composto dos nomes de duas florescentes cidades da Confederação Etrusca 500 annos antes do nascimento de Christo.

UM PRECIOSO MAPPA DE 1422

O rei Ucius, prosegue o manuscrito, recebeu Plinio na cidade, hoje em ruinas, de Uxmal (outro nome etrusco), em Yucatan e narrou ao sabio romano que os seus antepassados tinham aportado na America, aproximadamente 500 annos antes, em uma trireme, tenho fugido através do estreito de Gades (Gilbratar) após a derrota soffrida pela esquadra etrusco-carthaginéza em Himera, proximamente a Sicilia.

mo de Palermo, na Cíclia, infligida pelo tyranno grego Gelon e suas forças.

Plinio acrescenta ter permanecido varios mezes em Tullia Major, antes de voltar a Roma. Foi uma verdadeira fortuna ter sido a carta do chanceller Visco conservada, porque o manuscrito de Plinio, a que ella se refere, parece ter sido perdido ou destruido. O segundo documento entre os preciosos que o Sr. Rossi possue, — e possivelmente de maior importancia que a carta de Visco — é um mappa rustico, desenhado sobre pergaminho, datado de 1422 e assignado por Dominicus Docier e Taddeu Visco. O mappa indica, ao que parece, um roteiro através do estreito de Gibraltar, dahi aos Açores e pelo golpho do Mexico, o qual está quasi correcto embora rudemente delineado. Esse mappa fôra feito 70 annos antes de Colombo ter "descoberto" a America. Um outro mappa feito em 1439 está assignado por Taddeu Visco e Dominicus Colombo, pai do "grande descobridor".

A' vista dessas indicações, é absolutamente razoavel suppôr que Colombo, quando se fez á vela do porto de Palos, não ia procurar o caminho das Indias, como popularmente se supunha, porém estava naquelle momento na posse de um difinitivo conhecimento do "Novo Mundo" e da maneira de lá chegar.

O documento n. 3 da collecção Rossi, que o possuidor trouxe consigo da Italia, ha cerca de 29 annos passados, é um pergaminho tambem assignado por Taddeu Visco e Dominicus Docier, no qual são relatados alguns detalhes da viagem de Julius Sabbino, (que se dizia descendente de Julio Cesar), para a America, no anno 70 ou 71 antes de Christo.

ACCUSADO E CONDEMNADO

Sabbino, quando residente na Gallia do Sul, fomentou uma revolução contra o governo romano, que fracassou, e em consequencia foi sentenciado á morte, pelo imperador Vespasiano. Temendo a captura, evadiu-se, procurando refugio em uma cava ou gruta, donde sahiu mais tarde, disfarçado, para Roma, e ahi suplicou a Plinio usar da sua influencia

junto ao imperador, afim de garantir-lhe a commutação da sentença.

Envez disso, Plinio preparou uma expedição na bahia da Biscaia e despachou Sabbino com algumas centenas de homens e mulheres (na maioria bascos) afim de fundar uma colonia em Tullia Major, onde representaria a elle Plinio.

Sabbino aportou á região hoje conhecida como boca do rio Sabbino, divisa entre os Estados do Texas e Louisiana, e ahi fundou uma povoação. Explorou tambem a costa do golpho, a partir desse ponto, até o extremo da Florida, fundando uma outra povoação no logar ainda hoje denominado Porto Romano, na costa sudoeste da Florida.

Uma livre traducção das notas de Visco Docier, sobre esse assumpto, diz o seguinte: Julius Sabbino de Lingoni fez-se á vela, da Galia, com muita gente e chegou até as Antilhas. Tomou posse dessas terras e ahi reinou como príncipe e conde. Voltando á Gallia, foi visto pelos guardas romanos e refugiou-se em uma gruta. Preso e conduzido a Roma, foi, graças á influencia de Plinio, perdoadado. Tempos depois, porém, não tendo cumprido o contrato feito com Plinio, foi condenado á morte pelo imperador Flavius Vespazianus.

Genus, filho mais velho de Sabbino, tendo recebido de seu pai um mappa secreto, fez-se ao mar, com uma partida de aventureiros. Nesse anno, parece, as algas marinhas cresceram com muito vigor por detrás das ilhas da Tullia Minor, (Açores), de modo que elle não pôde prosseguir nem voltar para a Gallia.

19 de maio de 1439.

Assignado:

Taddeu Visco"

(Da "Gazeta de Notícias" — Rio).

AS CURIOSIDADES DO PE' ESQUERDO

Diz-se que os homens se apoiam mais sobre o pé esquerdo do que sobre o direito. Quando uma pessoa está distraída, insensivelmente, sem que disso se aperceba, faz força sobre o pé esquerdo.

Isto seria uma especie de reacção natural do corpo para o equilibrio dos qua-

tro membros: Sendo a mão direita a que mais trabalha, do lado opposto seria o pé a trabalhar mais. Quer dizer que o esforço maximo do homem seguiria a direcção de uma diagonal entre os quatro membros: da direita para a esquerda, e de cima para baixo.

Carlos Magno, tinha um pé que era a setima parte da sua altura, que, segundo consta, era enorme! Victor Hugo affirma que foi esse pé de Carlos Magno que se tornou medida. Quando os antigos dizem que a tal arvore ou a torre da egreja tal é alta tantos "pés", — era ao pé imperial de Carlos Magno que elles se referiam e não a um pé qualquer...

Mas, a qual dos dois pés de Carlos Magno, ao esquerdo ou ao direito? Por que é preciso que se saiba: os dois não são eguaes.

E qual é o maior: o direito ou o esquerdo?

A anatomia attribue, de modo geral, maior volume aos membros direitos. Anomalia creada, sem duvida, pelo facto de trabalharmos mais com a mão desse lado. Por isso se devia dizer, "scientificamente", que o pé direito era o maior.

Mas contra isso se levantam os sapateiros e a observação clinica.

O sr. Costa, da Sapataria Trianon, diz que o pé esquerdo é maior do que o direito.

— Mas como sabe disso?

— Calçando freguezes ha mais de trinta annos, e observando.

— E como explica o senhor esse phemoneno?

E o sr. Costa responde sem vacillar:

— E' que a gente descansa mais sobre o pé esquerdo; faz mais coisas com o pé esquerdo. O peso do corpo fatiga mais esse pé. Quando estamos distrahidos, inconscientemente, trabalhamos com o pé esquerdo, e elle fica mais "avantajado".

E o sr. Costa não fala só por elle. E' noção corrente entre os sapateiros de que o pé esquerdo é maior do que o direito.

A observação é antiga.

Quanto ao facto de trabalharmos mais com esse pé, a Scienza registrou factos de algum valor.

Um juiz foi consultar um dia um grande mestre da medicina franceza, queixando-se de um incommodo na perna direita. O professor, depois de examinal-o, disse:

— Vous jugez trop sur la jambe gauche! — Querendo alludir a que os homens se distráem, trabalhando com o membro inferior esquerdo, insensivelmente.

E, com effeito, aquelle magistrado, seguindo o conselho do medico, repartindo o esforço, igualmente nas duas pernas, sarou, sem tomar remedios!

(*Diario de Pernambuco*).

O PROBLEMA DO BRASIL

O Rio de Janeiro e S. Paulo dão uma impressão falsa do Brasil. Não ha nenhuma relação de equivalencia entre estas duas grandes cidades, comparaveis pelos aspectos do seu conforto e civilização urbanas a qualquer das capitais europeias, com o deserto, o atraço e a tristeza do nosso immenso "hinterland". Creio bem que, salvo a zona cafeeira de S. Paulo, com a sua incomparavel riqueza rural, as colonias do sul, trechos, talvez, do reconcavo bahiano, e da "matta" pernambucana, onde se sucedem as usinas de assucar, e da região de canaviaes de Campos, é o interior do Brasil uma visão dolorosa de abandono e decadencia. Saindo-se do Rio ou de Nicetroy pela linha da Central ou da Leopoldina, a meia hora dos suburbios, com o seu verniz falso de civilização européia, começa o meio-deserto, o inferno das raças precocemente condenadas pelas endemias tropicaes, pelo alcool e pelo analfabetismo.

De um lado e doutro da linha ferrea, pelos largos horizontes que a vista abrange, a mesma paizagem desoladora das varzeas alagadiças e pantanosas, de sapel eterno e mangues infectos ou de morros agrestes, com o seu pasto nativo de capim gordura e as suas "capoeiras" de imbaubas. Raramente, podem reposar os olhos numa seara qualquer: milharal que ondula ao vento, mandiocal ou cafesal que galga os morros, pequenos feijoas quasi indistintos em meio das "pragas" selvagens que o ameaçam. A's

vezes, na sombra fresca das arvores, o vulto monstruoso de um zebu, ou ao longe, no fundo da paizagem, a silhueta de uma pobre vacca que o "carrapato" e a "aphtosa" reduziram a pouco mais do que um esqueleto. Aqui, uma velha casa de campo, quasi sempre em ruinas, como a memoria da grandeza passada e que não mais voltará; ali uma triste choupana de sapé, onde mal se abriga das intemperies numerosa familia de "colonos". Mais além, em torno da egreja colonial, sem um toque de arte ou de gosto, algumas casas. E' a estação, a aldeia ou a cidade. Dir-se-ia que se viaja num paiz devastado pela guerra ou pelas pestes, do qual os habitantes validos fugiram todos, abandonando á furia dos inimigos as mulheres, as crianças e os enfermos... Nenhum signal de alegria e de esperança. "Vendas" ignobres de "cachaça", bazares de "turcos", um bilhar melancolico, onde se matam as horas longas do tedium e da inercia, duas ou tres pharmacias, que parecem resumir todo o commercio local... Nos curiosos, que acorrem á estação ou das janellas e das portas das casas contemplam a passagem do trem, difficilmente, descobriraes uma forte figura de homem, tenlo ante os vossos olhos a procissão dantesca de anemicos e opilados, de miseraveis que esmolam, de bebedos que dormitam á sombra das calçadas e de negros seminus, que vieram trocar a sua quarta de milho pelo litro de aguardente...

Desgraçado Geca Tatu! Esmagado pela natureza, hostil na sua propria exuberancia, abandonado de Deus e dos homens, só conhece da vida as sensações animaes e os aspectos da miseria. Nenhum desejo, nenhuma ambição agita-lhe o coração e eleva-lhe a alma; a ignorancia e, della, a superstição grosseira resumem a alegria dos sentidos no veneno do alcool e as relações do espirito á crença infantil nos feitiços e nas almas penadas. O conforto, a civilização humana estão a cinco seculos de distancia.

Duvidando do testemunho dos proprios sentidos, perguntamos a nós mesmo se esta terra esquecida e esta raça que caminha para o anniquilamento proximo, constituem em verdade o Brasil. Neste

corpo morto, como se explicam a avenida, o Theatro Municipal, "triangulo", de São Paulo, as docas de Santos, toda a fachada urbana do progresso? Onde encontra a sua seiva esta civilização de littoral, com os seus congressos, a sua justiça, as suas academias, toda a entrosagem complicada das modernas sociedades politicas?

Realizamos um prodigo de artificio que se desfará, entretanto, ao primeiro embate serio. Na riqueza deste sólo, na largura desses horizontes, na abundancia dessas aguas, na profundeza dessas matas, é que imagino logica e estavel a grandeza do meu paiz. Tudo mais é illusorio e vão, malfadado fruto de uma politica de urbanismo, que fecha o Brasil nas captaes, nas escolas de doutores e nas repartições do governo, sem saber que contróe na areia, preparando, lenta e seguramente, o derruir do vistoso edificio.

Não ha natureza hostil, nem raças condenadas. A miseria do sertão brasileiro resulta apenas da incuria ou da cegueira dos dirigentes, que não têm coragem de enfrentar os problemas fundamentaes da nossa vida. No dia em que os homens que nos governam poderem esquecer a Avenida, os "meetings" do largo da Carioca e a politicalha damninha pelos campos, o paiz acordará de vez do seu longo sonno de morte. Dêem saude e instrucção a estes pobres caboclos fatalistas e a esses pobres negros maltrapilhos, abram-lhes estradas, facilitem-lhes credito, integrem-nos no sólo em que nasceram e na propria humanidade, que elles realizarão nas terras quentes do norte e do centro do Brasil o mesmo milagre da America do Norte, da Argentina, da Europa e do oeste paulista. Não subirá um dia, ao Cattete, um homem que tome aos hombros esta obra de construcção? Esperei muito no sr. Epitacio Pessôa. Não quero duvidar ainda que a sua clara intelligencia se abrirá em breve á comprehensão perfeita do problema brasileiro, que é simplesmente um problema de educação e producção — isto é, do aproveitamento de todas as nossas forças activas, que residem mais no campo do que na cidade. — JOSE' MARIA BELLO — (D' "O Jornal" — Rio).

A NOSSA DANÇA

Como hygienista e como estheta — a hygiene e a esthetica tem entre si relações muito proximas — sempre me acostumei a ver na dança uma excellente forma de exercicio physico e uma manifestação superior de arte. Ella cultiva a força, suavemente, a flexibilidade, a elegancia, a graça, a gentileza do actor, o sentido do rhytmo e da harmonia, a ordem, o domínio subjectivo de si mesmo. Ella nos representa a belleza numa de suas manifestações mais impressionantes — a belleza nos movimentos. Dá-nos a modalidade mais graciosa do movimento — o movimento curvilineo. E sem baixeza, sem sordicia, sem brutalidade, excita o instinto sexual, que se não pôde até certo ponto excluir da arte e é uma fonte perenne de sentimentos estheticos.

Aquelles passos cadenciados e medidos, aquelle variar de posições graciosas em que se não percebe o esforço, aquelles giros voluptuosos, a musica, a cõr, o perfume, a alegria, o prazer do movimento e da sociedade, tudo nos encanta e embriaga.

Isto é a dança, a dança dos antigos, a dança de hontem.

Mas, a dança não nos revela somente a belleza, nos movimentos e nas sensações: ella nos revela tambem a belleza nos sentimentos.

Diz-nos Guyau que todo movimento representa um sentimento, um estado de consciencia, toda manifestação da vida externa tornando-se a nossos olhos uma manifestação da vida interior; a belleza dos movimentos reside tambem na expressão e augmentará á proporção que elles exprimirem uma vida mais elevada, mais intellectual e mais moral. Por isso, a hygiene e a esthetica não podendo ser hoje dispartidas, uma das regras hygienicas modernas é que a dança deve ser usada como forma expressiva de sentimentos e emoções dignas, sem perder do seu valor recreativo e salutar. Regra de hygiene e regra de moral.

Para as meninas e moços, então, a dança é um dos melhores exercícios, principalmente, quando executada ao ar aberto, o que entre nós não se usa ainda. Essa dança hygienica não a praticamos,

mas dança-se bastante no Rio, em saúras e "assustados".

Fui ver o outro dia as danças da nossa alta sociedade. Era um salão commun de hotel, alli estava a nossa melhor gente, a formosura entontecedora das nossas mulheres, a graça mysteriosa das nossas meninas, os trajes ricos, joias caras. O mais, com rara excepção, eram "almofadinhas", de ademanes affectados, roupinhas justas, sem exteriores de força e nobreza, sem idéas e sem emoção. A atmosphera capitosa, mistura de essencias finas e de raposinhos fidalgos, os braços das damas se viam até as axillas, os collos até o umbigo, as costas até a cintura, as pernas até o joelho; e o que não se via, mostrava-o a roupa transparente ou moldando as formas na delgadeza do tecido.

Tocaram as danças. Os pares revoltearam pelo salão. E meus olhos não acreditaram.

Aquillo a nossa dança? E segui os movimentos de um par, de mais outro, de outro mais, observei o conjunto: tornei a reparar, esperei outras variedades de danças, e não acreditava no que via. Aquillo, a nossa dança! Porque eu não via naquelles movimentos senão o mimitismo da cópula, com a maior exactidão que os costumes, o logar e talvez a polícia permittiam.

Contou um dos mais agradaveis chro-nistas da "Gazeta de Notícias", e eu sei que o facto é verdadeiro, que, assistindo ás danças do "Duque", Clemenceau exclamára: "Comment? Dans mon temps on faisait ça au lit, et encore on éteignait la lumière". Clemenceau diria o mesmo se visse as danças dos nossos salões. A nossa dança de hoje é puramente sexual. Eu sei que o instinto sexual é o primeiro factor de toda a actividade humana, a tal ponto que, eschematicamente, a humanidade pôde ser representada de um lado pelo orgão masculino, do outro pelo orgão feminino. Eu sei que o instinto sexual é fecundo em emoções estheticas. Mas o homem que inventou a moral é que foi obrigado a isso. O animal não precisou de moral, porque em todos os seus actos elle não vae além do que a natureza lhe ensinou. Não precisou de moral, porque era incapaz de inventar as

perversões, de alterar, falsear, ou degradar os actos que pratica por bem dizer automaticamente. Não inventaram danças. A curiosa dança dos lindos passaros que são os "tangarás", não foi inventada: ella é certamente uma manifestação do instinto sexual, mas sempre a mesma, nem deturpada, nem immoralizada, bella, simples e pura. O homem, porém, com a sua intelligencia que o distingue absolutamente dos outros animaes, precisa restringir o seu genio inventivo, os seus exageros, a sua tendencia á perversão, mormente no dominio da sexualidade. Si elle não se crea um freio para isso, onde irá parar? Remy de Gourmont diz que a moral é a arte de "vestir os costumes humanos". Será. Mas é necessaria, tanto podemos nos afastar da natureza e da sua simplicidade.

E aquella nossa dança culminava no maxixe, no maxixe "puladinho", no maxixe de "esquentar a barriga" (são os termos usuaes entre os affeiçoados), no maxixe requintado, molle, langoroso, com extases em paradas, como orgasmos.

Nenhuma manifestação do primeiro caracter da belleza no movimento — a força, velada ou apparente, nenhuma expressão de sentimentos nobres. Era o tango "languido", o tanguista "molto avvicinato alla ballerina, dandolando sulla persona, quasi collando la propria ballerina in un sogno, intrecciando le gambe com arte voluttuosa" era o tango "velhaco", de olhares furtivos ao corpo da dama, de apertos e contactos suspeitos; era o tango "libertino"; o "trote da raposa", o "trôte do peru", o "trôte do urso"...

E o que essas danças querem exprimir?

Dizem os titulos das musicas com que as acompanham; é o "samba", o "chôro"; "Meu Deus quando?!" "E' assim que eu gosto!...", "Não mexa cumigo, seu Honorato!" "Lá vem bestêra!", "Cadê elle?", "Ahi!... Juquinha!...".

Eis ahi a dança das lindas mulheres do Rio que desejariamos ver tão perfeitas no moral quanto são sedutoras nas formas.

Eis ahi a dança das nossas lindas moçinhas, encanto de graça e belleza.

Estamos assistindo á hypertrofia de

um sexualismo decadente em que não ha belleza, porque não ha utilidade, nem arte, nem emoção, nem amor. Mimetiza-se, na dança, a lascivia bruta do negro e do selvagem.

Que o "Duque" symbolise na Europa a dança do Brasil achamos que é uma vergonha; que a nossa sociedade vá, na dança, além do Duque, vergonha maior.

E a doença se propaga. Matronas que nunca dançaram aprendem o maxixe com pertinacia digna de melhor applicação... "para dançar com os "almofadinhas". E homens de respeito seguem o exemplo feminino.

Pois a mim me parece que as mulheres assim se degradam, esquecendo os seus altos destinos no mundo, os quais não excluem os prazeres da vida; e os homens se "almofadisam"...

PLACIDO BARBOSA. — ("A Folha" — Rio).

A QUESTAO SOCIAL

Sabem todos que o nosso grande mal mental, talvez o maior, é concluir com segurança de premissas incertas. Herdámos-o de nossos maiores, e, vindo no sangue que nos legou o Mediterraneo, agravou-se pelas mesclas successivas de raças imaginosas e sentimentaes. E' tão intima, em nós, a relação, quasi a confusão, que o raciocinio quasi se annulla perante a sensibilidade. Somos, por isso, amigos das formulas feitas, das generalizações facéis, das conclusões engenhosas e ousadas, do brilho do talento mais que da penetração da intelligencia. Não nos prende, sobretudo, o escrupulo da verdade, da indagação imparcial e da conclusão fria. Como tudo, apresenta esse nosso vaso nacional faces favoraveis e contrarias. Pôde ser um bem, pois na vida das nações a força do instinto — o impeto nacional — pôde ser precioso nas grandes crises. Mas é, sobretudo, um grande mal. Essa subordinação da intelligencia ao sentimento vicia as idéas, as acções e a propria força de cohesão nacional. Como é possível pensar bem sem um criterio escrupuloso da verdade? E como é possível concluir bem sem pensar bem, sem o trabalho preliminar e essencial da analyse, sem preconceitos nem sympathias prévias?

Resente-se o nosso julgamento sobre o bolchevismo desse mal de nossa mentalidade. A maioria, ainda a letrada, julgando sobre telegrammas fantasiosos, por idéas feitas ou interesses ameaçados, concue que o movimento russo é uma aberração monstruosa da natureza humana, um simples caso de usurpação do poder por aventureiros judeus, uma mera transferencia de propriedade, immoral e feroz. Por seu lado, certas minorias exaltadas, julgando talvez por simples oposição ao preconceito da maioria, aceitam cegamente tudo que na Russia fizeram e fazem os partidarios de Lenine. Estão cegos ou de má fé como os outros. Nenhum dos extremos representa a verdade, e se é um perigoso desvairamento aceitar em bloco o bolchevismo, não deixa de ser uma perigosa illusão julgar que elle passará sem deixar vestigios. O bolchevismo é um veneno, não o pôde negar nenhum homem sensato e desapaixonado. Pôde ser mortal a um corpo social, como pôde até renovar-lhe a saude. Tudo depende da dóse e da fórmula empregada. Todas as grandes revoluções suscitaram os mesmos fanatismos, que o movimento moscovita contemporaneo. Em todas ellas foram vencidas as fórmas extremadas, para apenas subsistir um rejuvenescimento do corpo social e das idéas politicas. Quando estudarmos a organização dos actuaes senhores da Russia, veremos que elles já não representam o que de mais extremado existe em matéria social. Aos homens, como ás idéas modifica sensivelmente a posse do poder. A oposição irredutivel não é entre regimens ou classes determinadas, senão entre os de cima e os de baixo. E como o governo dos homens ha de sempre suppor a existencia, passageira ou prolongada, de homens de cima e de homens de baixo, vê-se até que ponto é insolvel a questão social. Todo governo, pelo proprio facto de sua existencia, suscita oposição. E a mais grave das oposições seria a provocada pela inexistencia de governo. Dizia Taine que a peior das Constituições era a falta de Constituição. Discutir o problema social, sem preconceito, portanto, é crer preliminarmente na impossibilidade de uma solução perfeita

da materia. Imperfeitos como são os homens, não se concebe que delles venham fórmulas perfeitas. Deve-se apenas procurar o satisfatorio. Para isso, é mister conhecer o que se está passando na Russia. Ainda são vagas e suspeitas as notícias que de lá nos chegam. Não podemos, portanto, conseguir, desde já, uma conclusão exacta. Devemos, contudo, estudar imparcialmente o assumpto, clarificando as idéas e preparando a intelligencia para a comprehensão e talvez para a defesa. — T. de A. — D'“O Jornal” — Rio.

GEADA FIBROSA

Observei em minha terceira ascenção á serra do Caparaó uma geada curiosíssima, pois é até agora, completamente desconhecida da meteorologia.

Esta geada brota do solo, suspendendo, ás vezes, uma leve camada de terra mais ou menos desecada, cuja espessura pôde alcançar até uns 3 centimetros.

A camada de terra elevada cobre, em muitos casos, completamente a geada.

Como se vê, a geada forma-se no interior da terra e surge, depois, como que brotando, á similarha do que ocorre com os vegetaes.

Apresenta-se formada de crystaes finissimos, compridos, justapostos paralelamente e normaes á superficie do terreno em que ella se acha. Esse agglomerado de crystaes constitue blocos de varios tamanhos e espessuras, podendo a sua altura attingir até 20 centimetros, maximo que observei.

Os tratados que conheço sobre meteorologia, onde se encontram informações de varias castas de geada, nenhuma referencia fazem a respeito de geada similarha a esta do Caparaó, que eu denominei “fibrosa”, attendendo ao seu aspecto.

Os crystaes compridos, similarhando agulhas, desfazem-se sob a accão dos dedos, em pequenas porções que guardam sempre a mesma forma de agulhas agglomeradas paralelamente a uma mesma direcção. Não é, portanto, similarha ao gelo essa casta de agua, solidificada.

Essa geada fibrosa dura, ás vezes, dois e mais dias, apesar de ficar exposta á

acção directa dos raios solares, o que bem mostra que, em certos dias, a temperatura, mesmo ao sol, se conserva muito baixa.

Observei-a em um dia claro e absolutamente sem orvalho.

Como se forma esse curioso meteoro até agora completamente desconhecido dos meteorologistas?

Tentarei dar aqui uma teoria da formação dessa interessante geada.

Esta só aparece nas terras muito humidas. Observei-a em tres lugares diferentes — á margem de um correio, á beira de um rego, e em um lugar humido visinho de uma pedreira — lugares todos situados em altitudes superiores a 2.000 metros.

A grande proporção dagua na terra em que ella aparece representa, como é claro, papel predominante na formação do meteoro. Este se apresenta ora completamente coberto por leve camada de terra, ora com a parte superior descoberta adherente á superficie do solo, como uma especie de cogumelo que brotasse da terra em sentido normal á superficie. A geada cresce ou brota, portanto em direcções varias que podem ser até visinhas da horizontal ou mes horizontal quando a superficie da terra é quasi ou mesmo vertical.

Como a normal á superficie é o caminho mais curto, parece que esta razão determina a brotação da geada nesse sentido, pelo facto de encontrar nessa direcção, salvo excepções occasionadas por accidentes locaes, menor resistencia.

E' esta a causa do crescimento da geada no sentido perpendicular á superficie da terra em que ella se forma.

Como os blocos attingem 20 e 30 centimetros de altura e espessura tambem não pequena, é claro que essa geada não se forma da congelação de agua existente fóra da terra; além disso, o chapéu de terra, com que muitas vezes é ella coroada, mostra que ella se forma pouco abaixo da superficie da terra e se eleva em seguida.

Estes pontos ficam positivamente establecidos e não podem soffrer contestação.

Vejamos agora como pode ser explicada a sua formação propriamente.

Na noite precedente á manhã em que observei a geada fibrosa, a temperatura minima dentro da casa em que pernoitamos foi de 5° e fóra, 2°. O céu, á noite, era absolutamente sem nuvens. Pela manhã, notava-se ausencia completa de orvalho. Estes factos mostravam que, apesar de ter havido condições para uma intensa evaporação, a camada de ar das visinhanças da superficie da terra não se saturara. Era, pois, relativamente secco o ar, cuja saturação pelo vapor da agua estava longe de ser attingida.

Essa intensa evaporação determinou como é claro, o abaixamento da temperatura em uma certa espessura da terra a um ponto tal que a agua ahi contida se congelou em toda essa espessura ou apenas em parte della. Dada a congelação, o aumento do volume do gelo que, sujeito a pressões lateraes, não poude expandir-se em largura, obrigou-o a sahir pela unica porta ou valvula á sua disposição — pelos espaços entre os grãos da terra, existentes na parte superior da camada onde se deu a congelação. Deu-se, então, uma coisa parecida com o que se passa nas fieiras — o gelo fiou-se, elevando-se normalmente á superficie da terra. Nessa occasião, o ar existente na agua da camada gelada foi aprisionado e em cada filete de gelo elle ocupou justamente a parte central, visto que é esta a posição em que devia mesmo estar, tendo em vista as pressões lateraes que uniformemente se exercem sobre essas partículas de ar. Estas pequeninas bolhas de ar formam, assim, uma fila interrompida e axil em cada filete de gelo.

Nos pontos em que não ha bastante humidade para suprir as perdas por evaporação, a geada não se forma, e por isso esta se observa apenas nas margens dos corregos e outros lugares em que é grande o suprimento dagua á camada mais proxima da superficie do solo.

Na occasião em que se dá a congelação, a camada de terra resfriada pode estar, pela evaporação, relativamente secca em um pequena espessura a partir da superficie, e nestas condições não se congelará a agua contida nesta ultima; ha-

verá, então, uma separação entre a parte onde a agua se congelou e a superior, onde não houve congelação, devendo esta ultima, como é claro, ser elevada pelo gelo fórmado na parte inferior.

E' este, certamente, um dos aspectos mais curiosos desta geada notavel.

A's vezes, mal se percebe que a terra desecada está mais ou menos fendilhada e como que afodata; mettendo-se ahi o pé este enterra-se na geada.

Além da baixa temperatura, vê-se que é preciso, para que se forme a geada fibrosa, a existencia de uma camada de terra fortemente embebida de humidade e offerecendo lateralmente a necessaria resistencia aos esforços oriundos do aumgimento de volume da agua congelada. Demais, a relativa secura do ar é tambem uma condicão importante, afim de que a evaporação intensa abixe convenientemente a temperatura da camada de terra em que a agua se solidifica.

Na parte superior, a geada fibrosa apresenta uma camada de gelo compacto e de alguns millimetros de espessura, ao passo que na inferior os filetes estão em contacto directo com o solo. Esta pequena crosta não fibrosa fórmase, segundo penso, deste modo: Devido a variações de temperatura do ar, a parte superior das fibras de gelo funde-se momentaneamente, e em virtude da baixa temperatura da parte inferior, fibrosa e não fundida, a agua de fusão volta, logo em seguida, ao estado sólido, devendo apresentar, portanto, a apparencia do gelo commun.

Não tive até hoje conhecimento da existencia desta geada fibrosa em outra qualqure parte. E' possivel que ella se fórmee tambem em varios outros logares mesmo em Minas e que tenha passado despercebida dos observadores.

No Itatiaia, por exemplo, onde a temperatura desce extraordinariamente, chegado mesmo a 6° abaixo de zero, segundo observações já registradas, ninguem me falou coisa alguma a respeito desta forma de geada.

Na serra do Caparaó ella constitue um phenomeno normal, reproduzido varias vezes durante o anno, na época apropriada á sua occurrence. *Alvaro Silveira.*

A' FIDALGUIA NACIONAL

O Brasil é o paiz das manias. Houve tempo, na vida colonial, em que o grande luxo era ter um filho formado em Coimbra. Depois, com a Independencia e o Imperio, a moda era ser barão ou coronel da Guarda Nacional. A Republica trouxe a mania do positivismo; depois, a dos alferes; por fim, a dos bachareis, que já nascera nos tempos da monarchia, mas nunca chegára a tal apogeu. Ser doutor foi a grande aspiração. Até se arranjaram diplomas a sessenta mil réis. Os anéis de grau, que só o Brasil no mundo inteiro possue, com esmeraldas, rubis, saffiras, topazios, granadas ou turquezas passaram á aspiração de todo o mundo.

Ultimamente, a ancia da formatura diminuiu um pouco e veiu substituila a mania da fidalguia. Não ha presentemente rapaz elegante neste paiz que se não julgue com direito a titulos e brazões. Já alguns se affirmam principes e outros se apregóam duques. Conversam sempre de timbres, de paquifes e de lambrequins. Discutem heraldica e arvores de costado. Sondam genealogia e arranjam meios de se entroncarem nas mais antigas casas de Portugal, de Hespanha, da Hollanda e de França.

Qualquer "almofadinha" na avenida Central exhibe no dedo o seu argolão de ouro pesado, a sua cornalina antiga, com as armas de suas familias gravadas. Nada mais facil no Brasil do que ser fidalgo. Basta procurar na sala dos Veados, no velho paço da Cintra, o escudo correspondente ao nome de familia portuguez que se usa e estampal-o na memoria do dedo ou na carteira do bolso.

Não ha a menor necessidade de provar por meio do Sanches de Baena ou de qualquer outro especialista na materia, a limpidez da estirpe. Basta o uso do brazão para se ser principe, duque, conde ou barão, com grandeza nesta Republica, em que os titulos custam mais barato do que na monarchia...

Aqui, destas, primeiras columnas do "Correio Paulistano", venho ajudar a proliferação da fidalguia brasileira. Vou dar a descripção dos brazões das velhas e heroicas familias de Portugal, cujos nomes usamos, mas que não têm mais a

mesma significação historica, social ou genealogica. Quem usar esses nomes, isto é, todo o mundo, é só copiar o escudo, mandar graval-o no anel, no alfinete da gravata ou estampal-o no papel de cartas: torna-se nobre da noite para odia. O titulo fica á sua escolha. Entre os que existem é tomar o que mais lhe agradar pela sonoridade ou por qualquer outro motivo de sympathy.

Os Carneiros pódem usar em campo ou fundo de góles ou vermelho uma banda azul coticada, isto é, debruada, de ouro, carregada com tres flôres de liz de ouro, entre dois carneiros do mesmo metal.

A linguagem da heraldica é um tanto complicada. Ha nella dois metaes: ouro ou jalne e jalde, e a prata; e as seguintes còres ou esmaltes: góles ou vermelho, blau ou azul, sinopla ou verde, sable ou saibro, que é o preto, e purpura. Nunca se põe metal sobre metal nem esmalte sobre esmalte, mas os primeiros sobre os segundos e vice-versa, nas combinações dos escudos.

Existem mais os veiros e contraveiros, os arminhos e contra-arminhos, que são as pelles.

Os Cunhas brazonam em campo de ouro nove cunhadas azues, tres a tres. Os Pintos, tambem em campo de ouro, uma aguia vermelha extendida, armada de preto. Os Araujos, em campo de prata, uma aspa azul, com cinco besantes de ouro. Os Oliveiras, em campo de góles, uma oliveira verde firmada em um monte verde. Os Viannas, em campo de ouro, uma aguia negra, extendida. Os Silvas, em fundo de prata, um leão de góles, rompante, armado de azul. Os Gomes, em fundo de blau, um pelicano de ouro. Os Botelhos, em campo de ouro, quatro bandas de góles. Os Hortas, em campo de ouro, um braço nú com uma chave na mão, sobre uma agua ondeada de blau. Os Cantos, na ponta do escudo vermelho, um canto de prata. Os Castros, seis arruelas azues em fundo de prata.

O mais alto signal de nobreza é o escudo de ouro lizo. Quem o tiver vem da mais grada estirpe. Em Portugal, sómente o usam os Telles. Leonor Telles, a amante de d. Fernando, usava o seu campo de ouro lizo, ao lado das armas de Portugal. Estas tambem figuram no bra-

zão das familias que mais serviços prestaram ao reino. As quinas alternam, no escudo dos Albuquerques, com as cinco flôres de liz em fundo vermelho da familia. Dominam o xadrezado de ouro e góles de tres peças em faixa e cinco em pala, oito de ouro e sete de vermelho, estas carregadas de duas faixas de prata, dos Gamas. Os Soares tinham em campo de góles uma torre de prata carregada com cinco escudos das quinas reaes.

As estrellas são communs na heraldica dos nossos ascendentes do outro lado do Atlantico. Os Barros têm nove de ouro no campo vermelho, entre tres bandas de prata. Os Tavares têm-nas de sete pontas. Os Fonsecas, cinco vermelhas de cinco raios em fundo dourado. Os Maceados, cinco de ouro de cinco pontas, em santor ou cruz de Santo André, sobre campo blau. Os Coutinhos, cinco vermelhas de cinco raios, em aspa ou santor, em campo de ouro. Os Freitas, cinco de ouro, de seis pontas, em aspa, em fundo de góles.

A cruz se encontra nas armas dos Pereiras, de ouro, florida, vazia do campo, em fundo vermelho; dos Moreiras, a de Aviz, repetida em nove escudetes de prata, postos em palas sobre campo de góles; dos Teixeiras, de ouro, potenteada, vazia do campo, em fundo azul; dos Meirelles, de ouro, florida, em campo encarnado.

Ha brazões de grande simplicidade, os mais bellos, talvez. O dos Rezendes, por exemplo: em fundo de ouro, duas cabras pretas. Os dos Dutras: azul com tres besantes de ouro, em roquete. Os dos Ribeiros: tres faixas verdes em campo de ouro. O campo de arminhos dos Barretos. As quatro palas de góles em fundo de ouro, dos Limas. As tres faixas de ouro sobre vermelho, dos Mascarenhas. O leão de ouro sobre fundo azul, dos Castellos Brancos. As tres faixas rubras, em campo de prata, dos Leitões. O leão purpurino, em fundo prateado, dos Silveiras. A aspa vermelha sobre prata, dos Faros.

Ao lado desses, ha os que exprimem o proprio nome da familia, que vêm em linha recta do totemismo medieval, em que se originou a heraldica: as duas bezerras de ouro andante em campo verde,

dos Bezerras; as cabras, dos Cabraes; os cinco lobos pretos, em aspas sobre prata. dos Lobos; o campo de ouro fretado de corrêas vermelhas repassadas, dos Corrêas; os cardos verdes floridos, entre dois leões batalhantes, do ouro, em fundo sanguíneo, dos Cardosos; os cinco brandões de ouro, accesos, em santor e em fundo azul, dos Brandões; os cinco machados de ouro, em aspa sobre campo de ouro, dos Machados, as seis vieiras ou conchas de ouro, em duas palas sobre vermelho, dos Vieiras; as cinco torres de ouro em aspa, em campo de góles, dos Torres; as seis costas de prata em aspa, no fundo rubro, dos Costas; emfim, a bandeira de ouro, franjada de prata, com um leão rompante, de ouro, em campo vermelho, dos Bandeiras.

Como ha cruzes, que symbolizam o espirito christão, ha signos da mourisma, que relembram combates contra os conquistadores da peninsula ou os almogavares de Marrocos.

Os crescentes abundam: cinco vermelhos, em aspa, sobre prata, para um ramo dos Pintos, seis tambem vermelhos sobre outro para os Queirozes; tres de ouro numa banda azul entre dois leões purpureos, batalhantes, em fundo de prata. para os Barbosas. E cinco cabeças de mouros ao natural, em aspa, sobre campo vermelho, para os Amorins.

Não falta tambem quem se não entronque nas mais altas casas reaes europeas. Quem tiver esses nomes no Brasil pôde desde já se considerar principe... Os Sousas esquartelam as quinas de Portugal com os leões do reino de Leão. Os Lacerdas dividem o seu brazão entre os lizes de França, os leões de Leão e a torre de ouro de Castella. Grandes raças!

Nem os vegetaes escaparam á heraldica. No escudo azul dos Lopes ergue-se uma palmeira de ouro com um corvo pousado. No escudo vermelho dos Mattos cresce um pnheiro natural entre dois leões de ouro que se defrontam. No escudo dourado dos Bacellares ha um bacello de vinha, verde, de duas vergonteas retorcidas com quatro cachos de purpura.

Aos Nobregas bastaram quatro palas

de góles em fundo rubro; aos Duque-Estradas, uma aguia negra, aberta e coroada, em campo de ouro; aos Fernandes, em fundo azul, uma torre de ouro com seis bombardas de sua cõr; aos Monteiro, tres buzinhas de sable com boccaes de ouro e cordões vermelhos, em roquette, sobre prata; aos Rodrigues, cinco flores de liz vermelhas, em santor, sobre ouro; aos Caldeiras, uma banda de prata entre duas flores de liz de ouro, em campo azul.

Outros não se contentaram com tão pouca cousa. Foram a pouco e pouco complicando os seus brazões. Os Regos puseram tres vieiras de ouro sobre uma banda de prata ondeada de azul. Os Borges collocaram um leão batalhante de ouro, armado de preto, em fundo de góles com uma bordadura azul semeada de aureas flores ou froes de liz. Os Pessinhas carregam com tres lizes de prata a sua banda vermelha dentada em fundo prateado. Os Mellos e os Almeidas intercentaram ao seu campo de bláu, com uma flor de liz de prata, uma orla de ouro sobre cruz e uma bordadura de ouro, seis besantes do mesmo metal. Os Saldanhas coroaram com uma cruz de ouro a sua torre de prata coberta de azul sobre campo vermelho. Os Andrades fizeram duas cabeças de serpe morderem as pontas da sua banda vermelha acoticadas de ouro sobre sinopla. Os Barrosos cintaram os seus leões batalhantes de prata, cinco, em santor, sobre fundo vermelho, com faixas xadrezadas de ouro e góles. E os Vasconcellos atravessaram o seu campo de saibro com tres faixas veiradas e contraveiradas de sangue e prata.

Outras familias devido a cruzamentos e a feitos, tiveram de encher mais ainda os seus brazões, cuja linguagem hieroglyphica foi, com o tempo, se tornando obscura até ficar indecifravel. Os Rochas tinham em fundo de prata uma aspa vermelha com cinco vieiras de ouro bordadas de azul. Os Salgados brazonavam em sinopla duas torres de prata sobre as quaes, com uma garra em cada uma, abria as azas uma aguia de cõr natural; entre as torres um saleiro de ouro. Os Henriques traziam em fundo de prata dois leões de purpura, batalhantes; na ponta

do escudo um mantelar vermelho em um castello de ouro lavrado de preto.

Mais longe iam os Moraes: escudo partido: em fundo de góles uma torre de prata lavrada de preto, coberta de ouro, sahindo dum rio, rematada com uma bandeira prateada; em campo de prata uma amoreira ao natural. Delles se approximavam os Nogueiras: em campo de ouro uma banda xadrezada de prata e verde, de cinco peças em faixa, com a ordem do meio coberta por uma cotica vermelha.

Gostavam tambem de complicações os Paes: de prata, nove lisonjas enxequetadas de azul e rubro; os Mendonças: escudo franxado: 1.º e 3.º triangulos — verdes, em uma banda encarnada coticada de ouro; 2.º e 4.º — dourados, com um S preto; os Martins: escudo cortado: em cima — negro com duas palas de ouro; em baixo — aureo, com 3 flores de liz vermelhas, em contra roquete; os Azevedos: escudo esquartelado: no 1.º e 4.º quartins, em fundo de ouro, uma aguia preta extendida; no 2.º e 3.º, cinco estrelas em aspa com uma bordadura vermelha cheia de aspas de ouro, tudo em fundo azul; e os Guimarães: escudo de prata, fretado de negro, com uma pala de góles e sobre ella um leão de prata com uma espada ensanguentada nas mãos.

Ninguem, no entanto, se approximou dos Vellozos. estes bateram o *record* da complicação. Em campo vermelho punham um castello de prata de tres torres; sobre cada torre uma flor de liz de ouro; o castello reposando sobre um monte tambem de prata, com portas, frestas e lumieiras negras; junto ao castello um açor natural com uma perdiz nas unhas. E só!...

Ora, quem é no Brasil que não usa um dos nomes lusitanos contidos nesta longa enumeração? Muito poucos. Portanto, a maioria dos brasileiros é nobre, de grande estirpe e é copiar estes braços no anel ou no sinete e escolher o titulo que lhe convier. Ninguem faça cerimonia.

João do NORTE

(*Correio Paulistano* — S. Paulo).

DE UNS E DE OUTROS...

O barão Boris Nolde que foi professor na Universidade de Petrogrado e sub-secretario de Estado, sob o governo provisorio russo, escreve ultimamente na "Revue des Deux Mondes" um artigo particularmente interessante sobre o "reino de Lenine". O articulista estuda o bolchevismo não sob o aspecto de uma applicação pura e simples de uma das variantes do socialismo internacional moderno, mas como um phenomeno eminentemente nacional e local, pertencente a um meio e a um momento historico determinados. Toda a questão está intimamente ligada ao problema agrario que era o ponto fraco da politica tzarista, e Lenine, descobrindo, atravez das varias crises porque vinha passando a vida politica e economica do paiz, os elementos incendiarios que as massas russas occultavam, não fez mais que aproveitar habilmente essas tendencias, e exploral-as, no momento opportuno.

No seu fôro intimo, o camponez julgava o antigo nobre como o depositario injustificado da terra que deveria caber aos pequenos cultivadores. Dest'arte, a ideia da partilha dessas propriedades não constituia uma theoria importada no campo de propagandistas revolucionarios. antes o efecto de um socialismo instinctivo e latente.

Dahi as "jacqueries" que constantemente rebentavam, com incendios, pilhagens e assassinatos, succedendo a periodos do mais absoluto servilismo.

No meio de toda essa confusão, só dois homens souberam tirar um ensino util: e foram o ministro Stolypine que procurou remediar o mal, dando margem ao nascimento de uma pequena burguezia camponeza, reforma aliás que só depois de uma ou duas gerações poderia dar um resultado pratico apreciavel, e Lenine apprehendendo nas sublevações periodicas do camponez uma prova manifesta do estado revolucionario das massas. Parte dahi todo o plano politico do experto judeu que mais tarde havia de triumphar, aproveitando-se da indecisão, da moleza e da mediocridade do governo de Kerensky.

E' claro, porém, que a fermentação revolucionaria da campanha russa era uma causa; e outra muito diversa, o movimento operario do Occidente. Esse estado de sedição não existia em paizes onde os operarios eram cidadãos gosando de todos os direitos politicos e dirigidos por chefes patriotas e esclarecidos.

A guerra mundial deu a Lenine a oportunidade de lançar um programma revolucionario absoluto, convencendo-o de que chegara a hora de começar uma luta de vida e de morte contra a sociedade.

Na propria Russia, ninguem tinha a menor ideia de quem era Lenine e suas idéas, salvo alguns iniciados do bolchevismo e funcionários do departamento da politica. Mas a verdade é que a "situação revolucionaria" existia de facto e a queda do tzarismo, em seguida ao estado de depressão em que succumbia o povo russo, desmoralizado pelas derrotas da Polonia e da Galicia, não fez mais que favorecer a ascenção dos elementos radicalistas.

Lenine valeu-se habilmente dos sentimentos derrotistas do exercito, captando as sympathias das tropas, o que lhe proporcionou o golpe de estado de outubro de 1917.

Uma vez no poder, entrou a applicar os dois pontos essenciaes de seu programma: appello ás forças latentes de sedição da massa camponeza e transformação da guerra internacional em uma guerra de classe.

Em quanto o exercito se deslocava inteiramente por uma horrivel "degringolade", os camponezes eram convidados a apoderar-se summariamente dos bens dos proprietarios, fazendo assim a seu geito uma original reforma agraria.

Sendo o symbolo vivo da abolição completa de todo direito e de toda a disciplina social, Lenine passou a ser o senhor absoluto da situação.

E é dahi que nasceu a Republica dos "Soviets". — A. FERNANDES (*Diario de Pernambuco*).

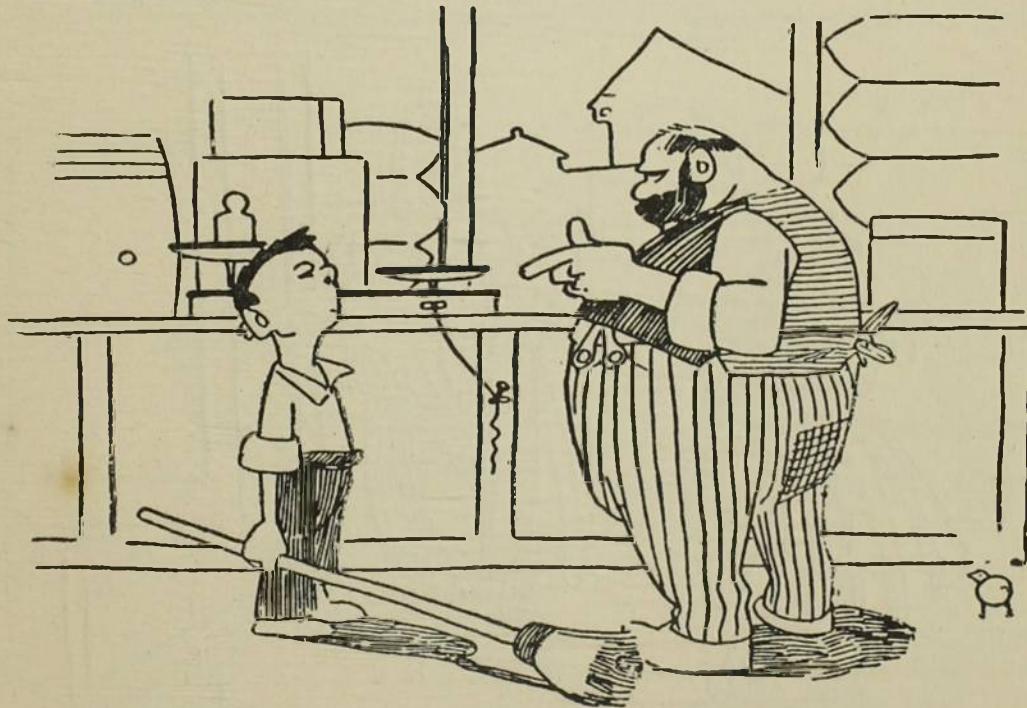
CARICATURAS DO MEZ

SCENA DE FIM DE MEZ



— O senhorio!

Storni (*D. Quixote*).



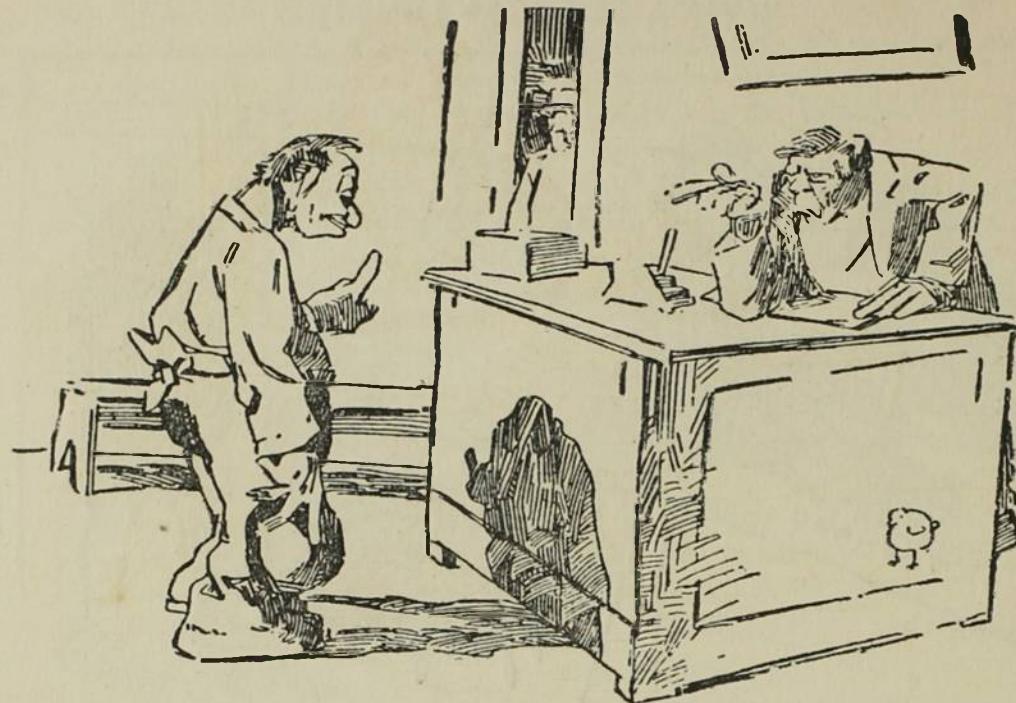
O patrão ao caixeirinho — Olha, Manoel, se o cacete do Matoso aparecer por ahi, diga-lhe que não estou; que sahi e não volto mais hoje.

Manoel — Sim, senhor.

P. — Mas olhe, não se ponha por ahi a trabalhar, senão elle vê logo que é mentira.

(*D. Quixote*).

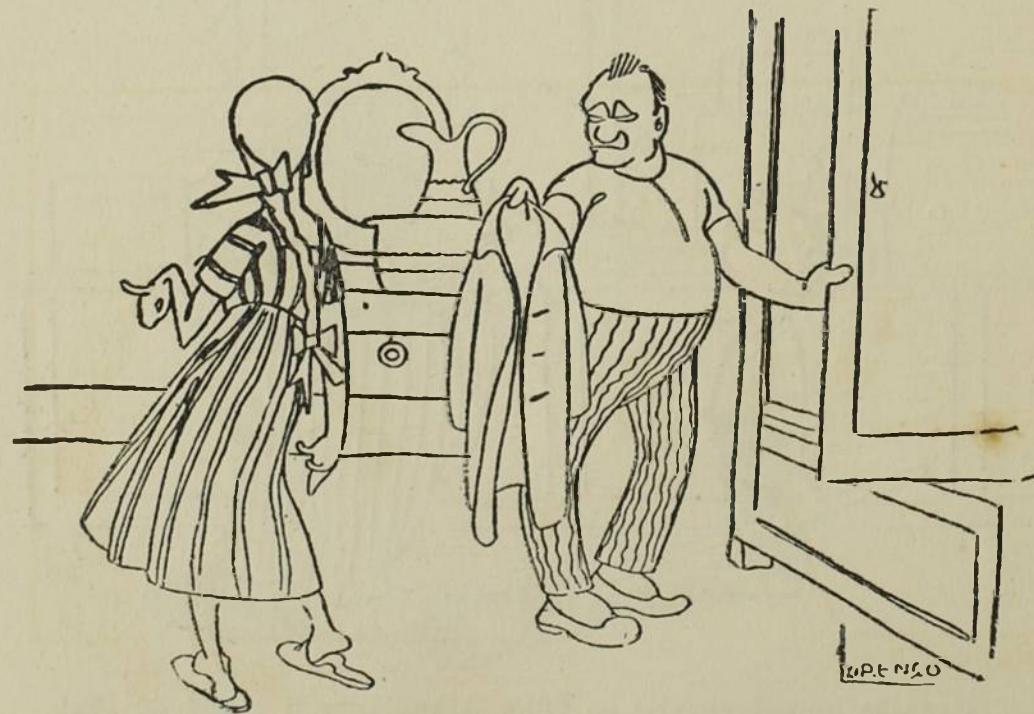
GATUNO NA DELEGACIA



O delegado — Você tem cúmplices neste serviço?

Pé Leve — Quem? eu, doutor? Eu lá quero saber de compa-
nheiro? o sr. não imagina a falta de honestidade que ha neste
nosso meio!

(D. Quixote).



— Aqui está, minha mulhersinha, uma coisa absurda, em pleno
desacordo com a época que atravessamos.

— Que é?

— Varias casas vasias...

Lorenço (D. Quixote).

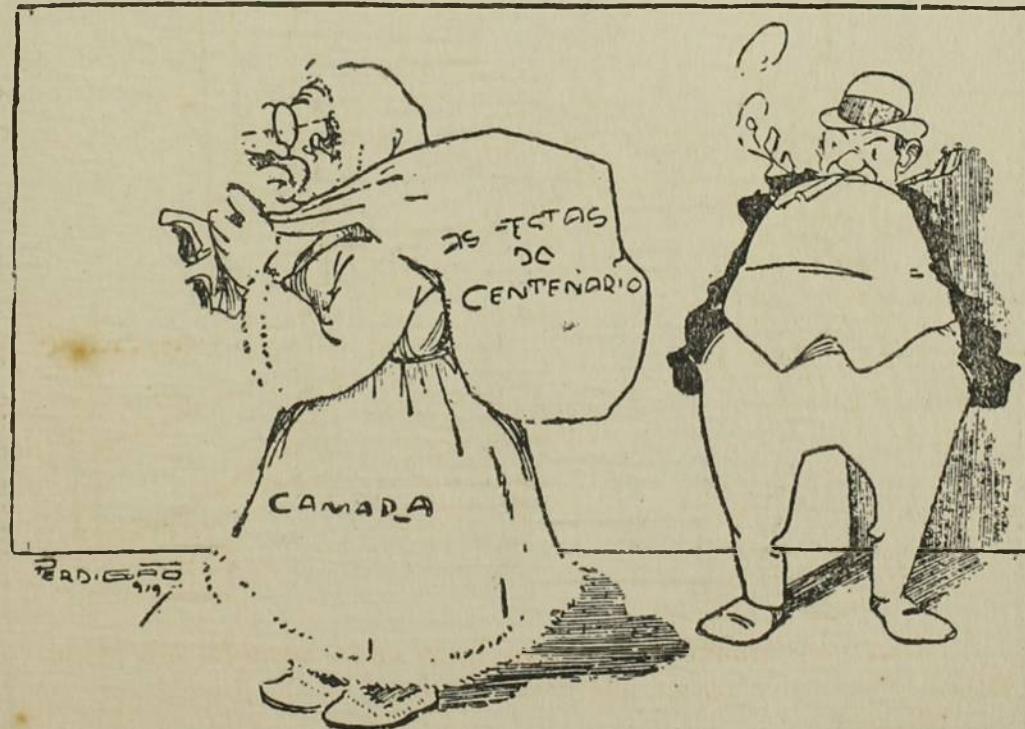
A REDUÇÃO DAS TARIFAS



Se se tornasse lei a genial medida do sr. Epitacio, seria esta a unica industria nacional que resistiria.

Calixto (*D. Quixote*).

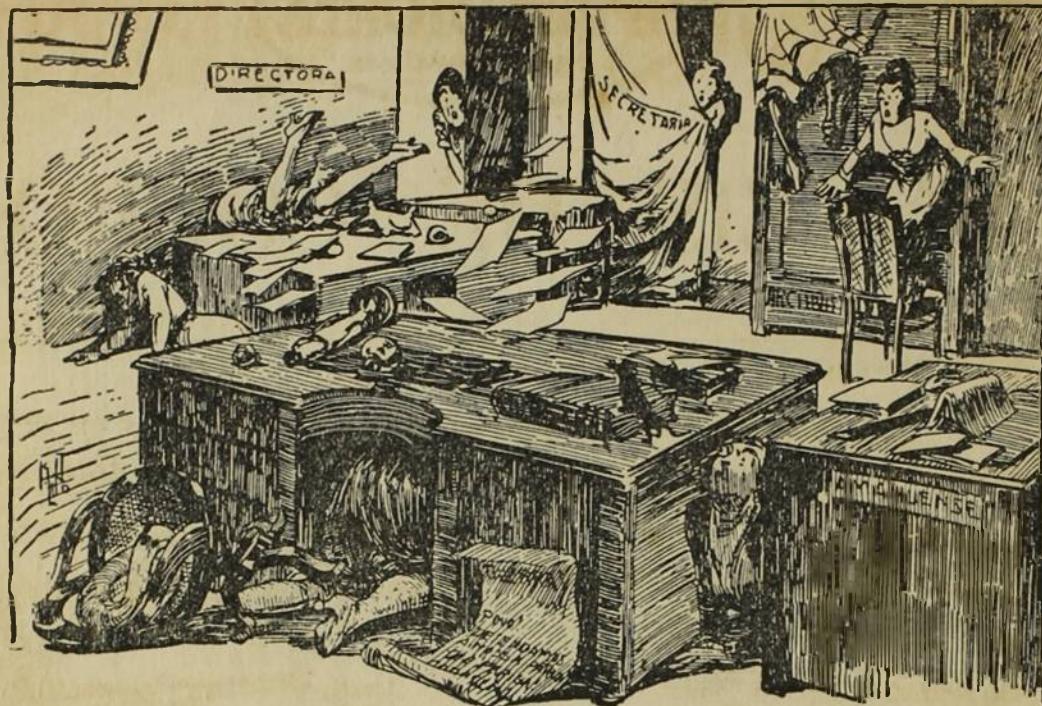
QUEM PAGA O PATO



Até lá quantos impostos novos não nos estarão reservados!

Perdigão (*D. Quixote*).

NA ÉRA DO FEMINISMO



Attentado anarquista? Não. Um camondongo.
Calixto (*D. Quixote*).

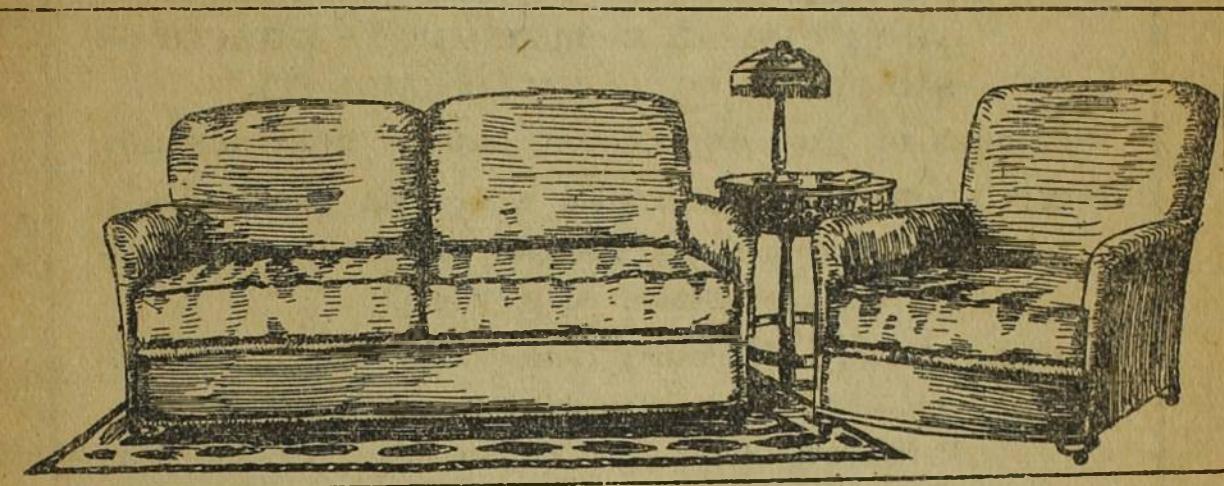
A RATIFICAÇÃO DO TRATADO DE PAZ



Vencedores e vencidos — nossa bella obra está concluida.
Voltolino (*Pasquino Coloniale*).



MOVEIS DE COURO



Fabricamos estes moveis pelo mesmo sistema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos.

São empregados couros dos melhores cortumes ingleses e todos os outros materiaes, de primeira qualidade.

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA — S. PAULO

PEREIRA IGNACIO & CIA.

Industriaes

FABRICA DE TÉCIDOS "PAULISTANA" E "LUSITANIA"
NESTA CAPITAL, E "LUCINDA", NA ESTAÇÃO DE
SÃO BERNARDO, (S. PAULO RAILWAY).

VENDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS.
COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala,
com machinas e AGENCIAS nas seguintes localida-
des todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pi-
rajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva,
Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de
Campos, Bella Vista de Tatuhy.

GRANDES NEGOCIANTES de algodão em rama neste e nos
demais Estados algodoeiros, com Representações e
filiaes em Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio
de Janeiro, Rio Grande do Sul.

ESCRITORIO GERAL EM S. PAULO:

RUA DE SÃO BENTO N.º 47

TELEPHONES: 1536, 1537, 5296 - CENTRAL
CAIXA POSTAL, 931.

Proprietarios da conhecida
Água Mineral

"PLATINA"

Cognominada a Vichy Brasileira — A melhor Água de
mesa — Ação Medicinal — A Platina cuja Fonte Cha-
padão, está situada na estação da Prata, é escrupulosa-
mente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbo-
natada sodica como a Vichy e é, como esta água francesa

Vendida em garrafas escuras.

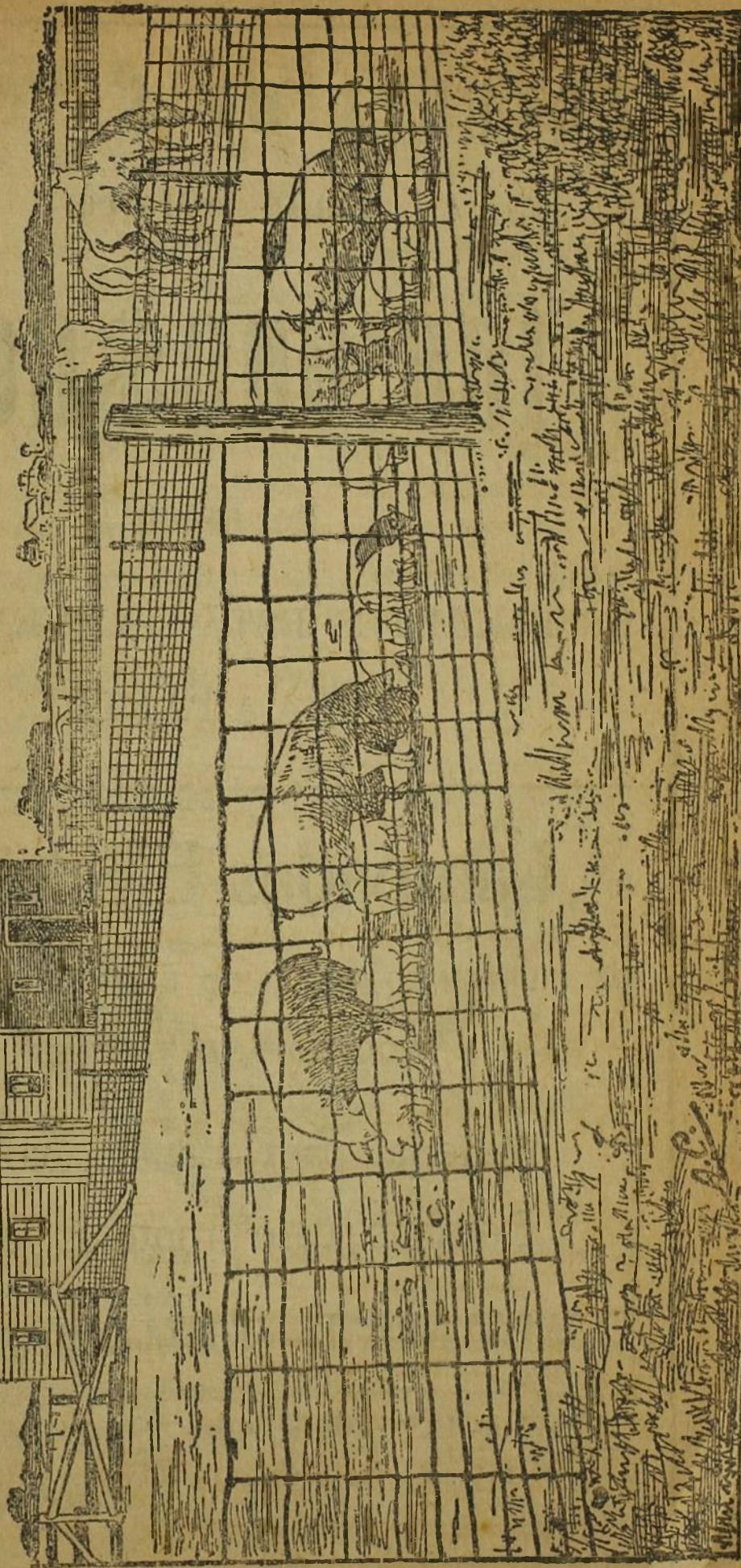
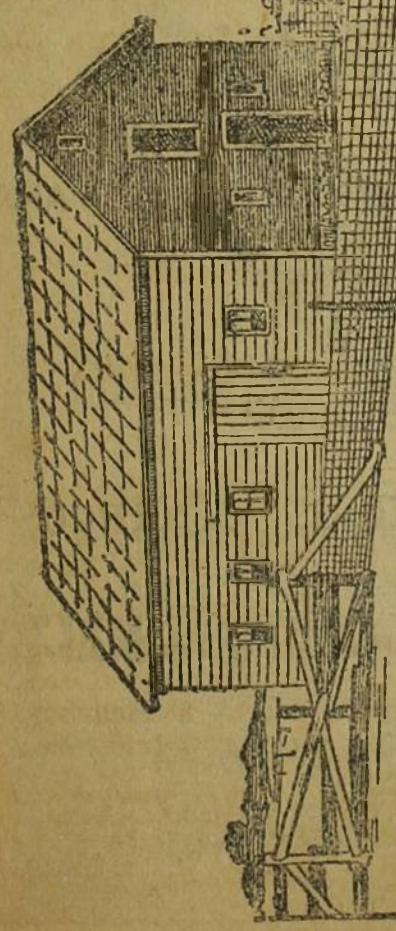
Cerca de Tecido "PAGE"

Pecam informações aos fabricantes:

Soc. Industrial e de Automoveis

BOM RETIRO

RUA BARÃO ITAPETININGA, 12 — SÃO PAULO.



LOTERIA DE S. PAULO

Em 12 de Março

100:000\$000

Por 6\$500

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE

Lampadas Electricas

DE FILAMENTO METALICO E MEIO WATT, PARA
TODAS AS VOLTAGENS.

Material para installação

Bombas com motores electricos

CASA DODSWORTH — COSTA CAMPOS & MALTA

RUA BOA VISTA, 44.

CAIXA, 962

SÃO PAULO.

ALMEIDA SILVA & CIA.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS
e OLEOS

End. Telegr.: "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro
Caixa Postal, 840 - Telephone, 1002 Central

RUA JOSE' BONIFACIO, 41

SÃO PAULO

OBRAS DE PHILOSOPHIA DE HENRIQUE GEENEN

COMPENDIO DE PSYCHOLOGIA EXPERIMENTAL. 2.^a

EDIÇÃO. — COMPENDIO DE LOGICA, 5.^a EDIÇÃO.

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,
Osorio Duque Estrada, e outros homens de
responsabilidade. - Preço: 5\$000.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS.

JEANSELMIMA

Combater o Bacillo
de Hansen por
meio das
ampoulas
de

DE

Silva Araujo

Formula
de Jeanselme

Oleo de
chaumoolgra di-
luido, camphora
e gayacol

Unico trata-
mento admittido
pela sciencia
para a cura da

Em ampoulas de 2 e 5 grammas

LEPRA

SAUDADE

Optimo livro didactico para creanças e gente grande,
pelo conhecido Prof. Thales C. Andrade. —

Preço, pelo Correio, 3\$300. — Pedidos á RE-
VISTA DO BRASIL — Caixa, 2-B. S. PAULO.

JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SEMENTES. PLANTAS. BOUQUET.
DECORAÇÕES.

ESTABELECIMENTO DE PRIMEIRA ORDEM.

S. PAULO - Caixa Postal, 458. Telephones: Chacara,
Cidade 1006. Loja, Central 511.

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A.

CHACARA: Alameda Casa Branca, (Avenida
Paulista).

FILIAL: Campinas. Guanabara.

PEÇAM CATALOGOS

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Services en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

46265

INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE SOARES DE ARAUJO, JAYME, NILO e CEZAR DE VASCONCELLOS — Rua Direita, 35, São Paulo — Rua do Rosario, 85, Rio de Janeiro.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala, 3).

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica, especialmente das creanças. Res.: Rua Bella Cintra, 139. Cons.: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista em molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone, 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua Boa Vista, 58.

CORRETORES:

GABRIEL MALHANO — Correto official, cambio e titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone, 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 — Tel. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Tel. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal, 174. End. Telg. "Leonidas", São Paulo. Telephone, 626 Central. — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — EMILIO ROCCO — Novidades em casemira ingleza — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 Cidade — S. Paulo.

Livraria Drummond

Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annaes de Eugenia, grosso volume com todos os trabalhos, conferencias e estudos da Sociedade Eugenica de S. Paulo. - Preço: 8\$000, incluido o porte.

DESCONTO DE 20 % AOS ASSIGNANTES E REVENDEDORES.

LACTIFERO

ESPECIFICO IDEAL DAS MÃES

Preciosa descoberta da Pharmaceutica STAMATO BERGAMO



Marca Registrada

O LEITE MATERNO é o unico e verdadeiro alimento da criança. Qualquer outra alimentação traz perigos alarmantes ás vezes fataes. Se a senhora NÃO TEM LEITE ou tem LEITE FRACO ou de MA' QUALIDADE, use o LACTIFERO, porque além de estimular a secreção das grandulas mamarias produzindo um leite sadio e abundante, exerce tambem um effeito surprehendente quer na saude das mães, quer na dos filhos. Poderoso fortificante, restaura a circulação e produz uma nova energia vital. Muito util ainda durante a gravidez, depois do parto e contra o rachitismo das crianças.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias e no deposito geral:
PHARMACIA BERGAMO, Rua Conselheiro Furtado, 111 —

S. Paulo — Telephone, Central, 1108

PEÇAM PROSPECTOS GRATUITOS

Depositarios no Rio de Janeiro:

RODOLPHO HESS — Rua 7 de Setembro N.º 61. —

Importantes certificados que confirmam
o grande valor do LACTIFERO:

Prezadissimos Snrs. STAMATO & BERGAMO

Cidade — Rua Cons. Furtado N.º 111.

Gratissimo fiquei pelos dois frascos de vosso optimo preparado "LACTIFERO", experimentado com resultado surprehendente e felicissimo por minha senhora, a qual, para os outros dois filhos teve que recorrer ao aleitamento mercenario e artificial, e agora pela primeira vez pôde ella mesma amammentar o seu terceiro filho.

Rogo-vos enviar-me mais dois frascos para a continuaçao da cura.

Creio cumprir um acto humanitario recommendando aos meus clientes a vossa preciosa preparação e renovando os sentimentos de meu reconhecimento e com estima sou vosso devotissimo

Dr. FRANCISCO FINOCCHIARO.

S. Paulo, 4 de Agosto de 1918.

16265



HEMO - KOLA GRANADO

LIQUIDA E GRANULADA

Formula do Dr. Faria Lobato — Poços de Caldas

TONICO RECONSTITUINTE, VITALISANTE
ENERGICO, ANTINEURASTHENICO, ANTIANEMICO.

AS MACHINAS LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis pa-
ra a laboura, segundo experien-
cias de ha mais de 50 annos no
Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e ac-
cessorios para a laboura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para
conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galva-
nisado para encamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO